

DANILO MORALES

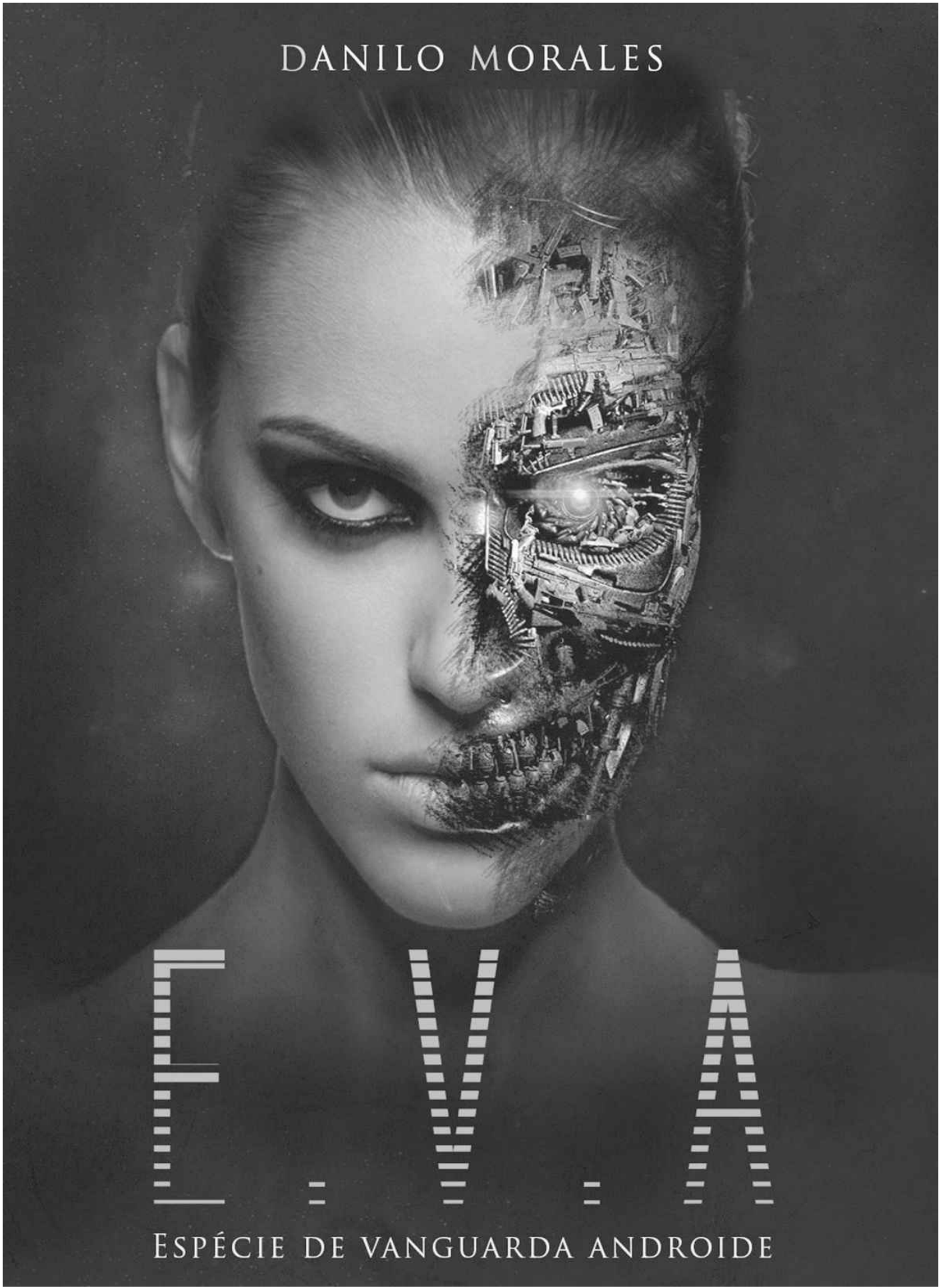


EVA

ESPÉCIE DE VANGUARDA ANDROIDE

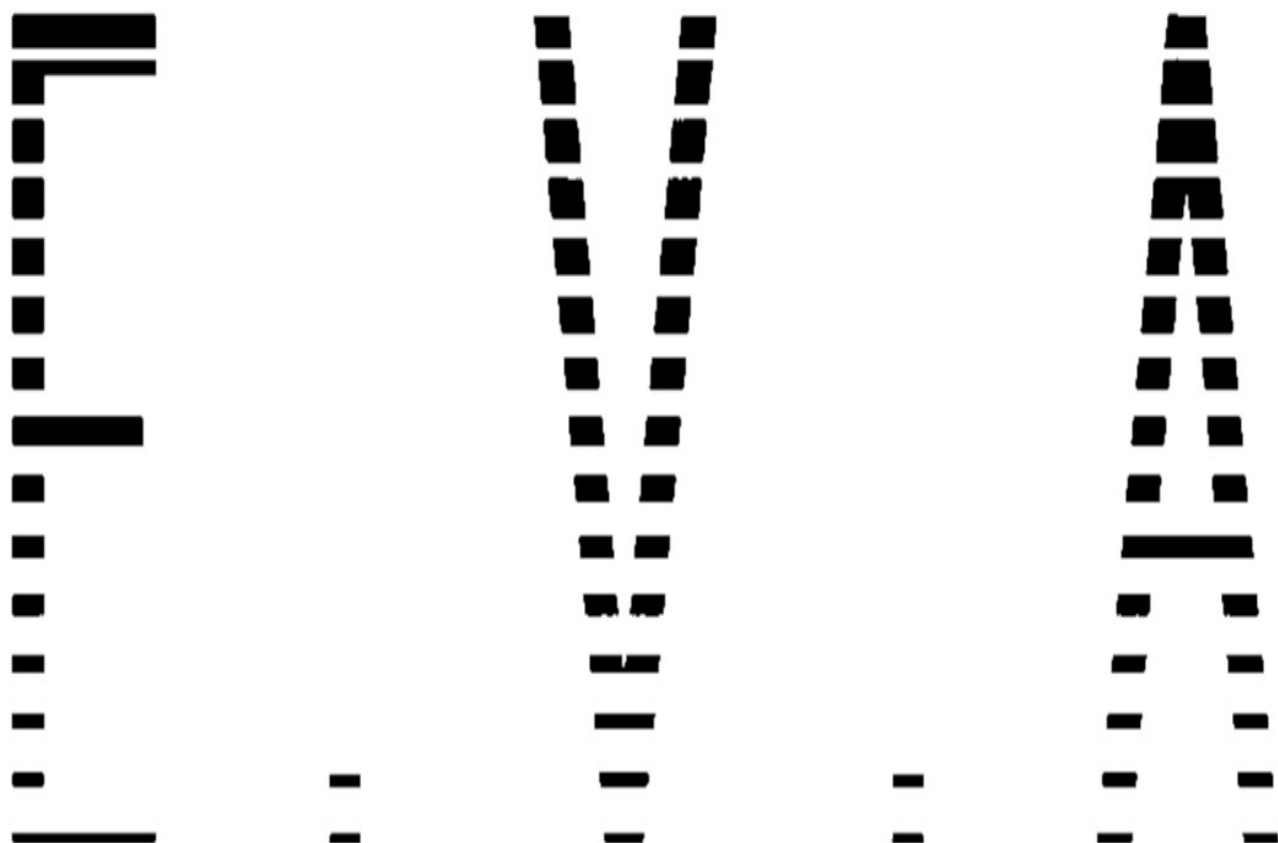


DANILO MORALES



EVA

ESPÉCIE DE VANGUARDA ANDROIDE



ESPÉCIE DE VANGUARDA ANDROIDE

Copyright © 2019 Danilo Morales

Todos os direitos reservados.

Revisão

Walter Cavalcanti

Capa

Jaiana Rodrigues

Análise Crítica e Ilustrações

Robson Strobel

Projeto gráfico e diagramação digital

Robson Gundim

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do autor.*

PARANOÁ

DO ALTO DA colmeia ele presencia o caos. As bolas de fogo sobem vorazes, a fumaça preta torna o ar mais tóxico, difícil de respirar, e o calor emana das paredes já enegrecidas. Ele vê os protótipos se desfazerem feito um castelo de cartas, enquanto agoniza. Em seus últimos instantes de vida, não consegue visualizar um propósito. Percebe-se absorto em pensamentos, sufocado pela fumaça tóxica, e tenta lembrar o ponto inicial disso tudo.

Manfred Fernandes nasceu em março de 2010, em Asa Norte, Brasília. Assim como a Asa Sul, a área era dividida em quadriláteros, em quantidades determinadas. Considerado patrimônio tombado pela Unesco, a Asa Sul só tinha casas com no máximo três andares. O lago Paranoá é artificial, fruto do represamento do rio com o mesmo nome. Tinha o objetivo de conter a secura do ar de Brasília. Em 2052, presenciou a subida da rampa do planalto por um Presidente chamado Henrique Guerra, que tomou o poder. Em 2056, seu governo já tinha chegado ao auge do domínio de uma nação. Trouxe com ele algumas benfeitorias iniciais, é verdade, como o controle da violência,

promessa antiga das campanhas, mas ficou cada vez mais sistemático, afetando o cidadão de bem.

A alta tecnologia aumentou a longevidade dos mais ricos. Alguns tinham a estimativa de bater os 120 anos. A população de idosos aumentou drasticamente. A previdência deixou de existir devido a um rombo de bilhões, e foi instituída uma renda mínima para as pessoas, que mal dava para se alimentar. O alimento dos pobres constituía de uma espécie de ração com os nutrientes necessários e para ocasiões especiais, as latas de conserva de carne sintética. Há dez anos tinha sido proibido o consumo de carne animal, e com isso foi limitada a proliferação dos mesmos, inclusive os domésticos, mantidos em número pequeno em zoológicos locais. Uma grande parcela, no entanto, já tinha sido extinta. Os mais ricos ainda consumiam a carne animal em suas festas exóticas, assim como não baniram a caça esportiva, inclusive de androides produzidos com esse intuito, de caça, ou briga de rinha, como faziam antigamente com as extintas galinhas.

A palavra deficiente físico deixou praticamente de fazer sentido entre os mais endinheirados. Aquele que não tinha uma perna ou um braço logo implantava um mecanismo ciborgue e ganhava extraforça, além de alta velocidade. É claro, se não tivesse dinheiro, aí se manteria deficiente. Quando popularizou — o que nem mesmo os criadores imaginaram — é que pessoas sem deficiência começaram a aderir aos membros robóticos, transformando-os em um “iron man”. Um movimento discreto na virada do século, que ganhou força com o tempo. Já quem tinha deficiência intelectual sofria um preconceito ainda maior que no passado, em uma sociedade que primava pelo ser humano perfeito, no qual os primeiros seres com DNA modificado caminhavam pelas ruas de Xangai e entravam na casa dos trinta anos.

Tatuagens se tornaram obsoletas após a proibição de qualquer marcação no corpo. Eram vistos como adereço inútil, e seus portadores estigmatizados como ultrapassados, como se usassem calças bocas de sino, cartolas ou vestidos do século dezenove. Embora ainda houvesse os adeptos das tatuagens tridimensionais, essas sim, com um preço elevado para o bolso do cidadão comum. Assim, como o uso de roupas monocromáticas saiu de moda, o novo tecido que mudava de cor conforme o gosto do cliente era a nova sensação nas áreas subterrâneas.

O aquecimento global se tornou irreversível, e nas áreas desprotegidas era preciso usar casacos refrigerados, pois os protetores solares já não eram páreos para o calor de 53 graus. Praias se tornaram locais inabitáveis, mesmo com a quantidade absurda de árvores artificiais popularizando ainda mais os centros comerciais refrigerados. O novo “Acordo de Paris”, que anteriormente tinha o objetivo de minimizar as consequências do aquecimento global, ganhou uma extensão de controle em relação as práticas dos androides, que não tinham comprometimento inicial com o meio ambiente.

O decréscimo populacional virou pauta do governo. Começou com uma contenção biológica da população, sendo estimulado o aborto recompensado. A princípio trouxe simpatia aos adeptos da causa. “Meu corpo, minhas regras.” A situação degradingou quando o parto foi proibido, e a única forma de reprodução — controlada pelo governo

— era de um filho por casal, e que ele seria por barriga de aluguel, de andróides programados com essa finalidade. Com mais controle biológico e acompanhamento, praticamente todos os partos vingavam. Após o nascimento indolor, o bebê era entregue ao casal. O aluguel da barriga não era barato e rendia lucros gigantescos ao governo. Logo as feministas, lideradas por Rosita Mondego, passaram a reivindicar o direito ao parto e defender o fim dos andróides, principalmente as sexy dolls, que salientavam o desejo do patriarcado, em contramão ao projeto de matriarcado implantado pelas feministas.

Uma verdadeira guerra ao fálico afastou ainda mais os homens e mulheres. As relações carnavais foram gradualmente substituídas por relações homem-robô. Logo surgiu o GPA – Grupo de proteção dos andróides — com diretrizes e o intuito de um tratamento mais humanizado a essa nova espécie.

Os carros ganharam vida própria, agora conectados em rede. Acabou-se o risco de acidentes; o petróleo servia apenas para manter oligarquias de países árabes, nos quais a democracia nunca se instaurou de verdade. Encaravam tal regime como um presunçoso fetiche do ocidente. Não puderam fazer nada quando o ouro negro foi substituído. Finalmente os carros elétricos se tornaram o principal meio de transporte. Eles não voavam como o esperado, mas os inventores ainda planejam fazê-los planar. As casas são inteligentes, luzes automatizadas acendem e apagam conforme a necessidade. Graças às nanopartículas modernas que eliminam os fios e o calor, a tecnologia avançou anos-luz e as informações, já guardadas na casa dos zettabytes, pareciam não ter limites; o cérebro humano em um software, com suas inúmeras e incontáveis conexões.

Um chip nano, implantado atrás da córnea do paciente, era capaz de transmitir predisposições genéticas a doenças hereditárias, e como combatê-las desde já. Tipo sanguíneo, controle do diabetes e obesidade, predisposição à violência, possíveis habilidades e defeitos, e o genoma dos filhos podia ser sequenciado ou modificado antes mesmo de nascerem, visando através de uma possível mudança genética, a busca pelos filhos perfeitos por meio da compatibilidade de genes. Isso fortificou a divisão de castas.

Doenças individuais como o câncer foram combatidas e vencidas na maioria dos casos para os “endinheirados”; paralisia podia ser revertida em órgãos vitais, que eram criados em impressoras 3D.

Manfred trabalhava em uma ala comandada em boa parte por automação robótica, com codificação para programar, supervisionar e otimizar robôs industriais. Eles estavam em todos os lugares e ocupavam quase todos os cargos. A maioria era de pequeno porte. Ainda sobravam alas de criatividade e condução, mas com o tempo eles iriam dominar isso também. O meio ambiente se tornou um risco de extinção, já que os andróides não precisam do ar atmosférico para sobreviver, muito menos da água.

Não existia dinheiro. Tudo era controlado pelo microchip. “Seu crédito na palma da sua mão.” Foi um bom slogan e bordão por anos. Logo se extinguiu os roubos, ainda mais fortalecido pelo forte esquema de câmeras por todos os lados e rastreamento via satélite. Áreas de campo se tornavam cada dia mais escassas, a superpopulação foi

extinguindo tudo. O concreto se fazia onipresente e se alastrava, e para compensar, jardins verticais por todos os lados e em quase todos os prédios foram instaurados.

Relacionamentos e sexo ficaram cada vez mais difíceis. A privacidade foi deixando de existir naturalmente, afinal todos eram rastreados em quaisquer locais, e muitos prováveis casais já eram desaprovados de imediato devido à incompatibilidade genética ou de ideais. Logo quando se aproximava de alguém, os chips faziam uma leitura de comparativos, incluindo sonhos, desejos e cultura.

Foi aí que se popularizou as sexy dolls, bonecas cibernéticas perfeitas. Manfred acompanhou à distância a construção do primeiro protótipo. E.V.A. Espécie de Vanguarda Ginoide. E logo se apaixonou. Sua pele sintética tinha uma maciez invejável, poderia ficar horas alisando aquela textura, olhos grandes, cabelos negros, chanel, e olhos igualmente escuros. Sua boca pequena tinha um contorno perfeito e foi feita na mesma proporção da vagina artificial; essa tinha um dispositivo para ser retirado e trocado após o uso, e sensores múltiplos de aquecimento e contração. Houve várias versões: loira, asiática e morena. Antes um comércio exclusivo de homens, logo se popularizou e as mulheres perderam a vergonha de adquirir o produto. Assim, saíram as versões masculinas, com próteses penianas de todos os gostos. As primeiras versões ainda eram bem experimentais. Em Eva1 foram introduzidas memórias remetentes à submissão, levando-as a cumprir um papel execrável, que já não cabia aos humanos.

Ainda assim, o recém-criado órgão GPA solicitou perante a justiça o fim dessa prática considerada abominadora e degradante, levando as pessoas à animalização. Em EVA2 deram um pouco mais de sexualidade à boneca, até então recatada e do lar, e EVA3 foi programada para ser politizada, indo além de seus atributos sexuais. Só foi possível ser produzido, mediante um acordo contando com o apoio da GPA, um termo de fiscalização. Esse decreto foi derrubado pelo ditador, poucos meses depois, renegando ao grupo qualquer aproximação ou conhecimento do projeto robótico. De toda forma, EVA3 liderou medidas protetivas dos androides, como o direito de reprogramação sexual, caso queiram — o chamado ARG: Direitos ao androides, dos robôs e das ginoides —, e reivindicações parentais aos filhos gerados em suas barrigas de aluguel, enfurecendo o governo e ainda mais as feministas, lideradas por Rosita. Foram levantadas discussões morais que jogavam a culpa da recente autonomia programada dos bonecos na ineficiência dos seus criadores originais.

Uma época interessante e cheia de idiossincrasias, na qual várias profecias foram desmanteladas sem piedade, deixadas somente a fanáticos e ignorantes que abundavam nos países subdesenvolvidos. O bug do milênio não ocorreu, o sol não escureceu e ao invés da fome, as pessoas, que antes morriam de obesidade e tédio, com a nova ração ficaram em melhor forma física, igualmente entediados. Amortizadas como estavam as massas, não se abalavam quando o pretense salvador moralizante e de pouco poder de retórica ascendeu à rampa do planalto de Brasília, com intuito de perpetuar-se na administração pública ao estilo caudilho latinoamericano, com a justificativa de que só o voto popular daria.

O governo podou direitos civis e manifestações artísticas e literárias, a imprensa livre tentou se manifestar contra a censura, principalmente na web, insuflados pelo partido de oposição, que pouco atingiu os cidadãos em seu senso crítico. As multidões pareciam mais interessadas nos avanços da medicina do que lhe eram ofertados. Afinal, o que significava o cerceamento de opinião ante a possibilidade de atingir 120 anos, em um corpo que não parecia ter mais de 40? Milagres de genética substituíam sem qualquer culpa as antigas religiões patriarcais. Capacitados para se autogerirem até o fim da vida, embora faltasse emprego para todos, regimes como aposentadoria se tornaram obsoletos, antes mesmo de inviáveis.

O governo opositor, anterior e tão ruim quanto o atual, adepto do método “dividir para conquistar”, logo se filiou aos seguidores de Rosita Mondego, embora seu líder, Mustafá, não passasse de um monstro alimentado pelo atual governo com propósito de desviar o foco de suas ações perdulárias. Logo, todos os problemas do Brasil seriam resolvidos se não existisse esse terrorista. Pelo menos essa era a premissa dos governantes.

A seita cristã, liderada por Rosita, chamava-se “Maria Madalena dos últimos tempos”, uma lunática líder terrorista ultrafeminista, calcada em objetivos mais incisivos como refundar a sociedade da construção matriarcal, dando poder à mulher sobre seu próprio corpo, direitos civis infinitos e até a destruição das sexy dolls por remeterem a um passado em que mulheres nada mais eram que animais sexuais do patriarcado. Mesmo que sejam máquinas, o simples fato de portarem modelos-padrão de beleza, trazendo memórias que deveriam ser apagadas e não retransmitidas para novas gerações, além de bater de frente com o governo autoritário e machista.

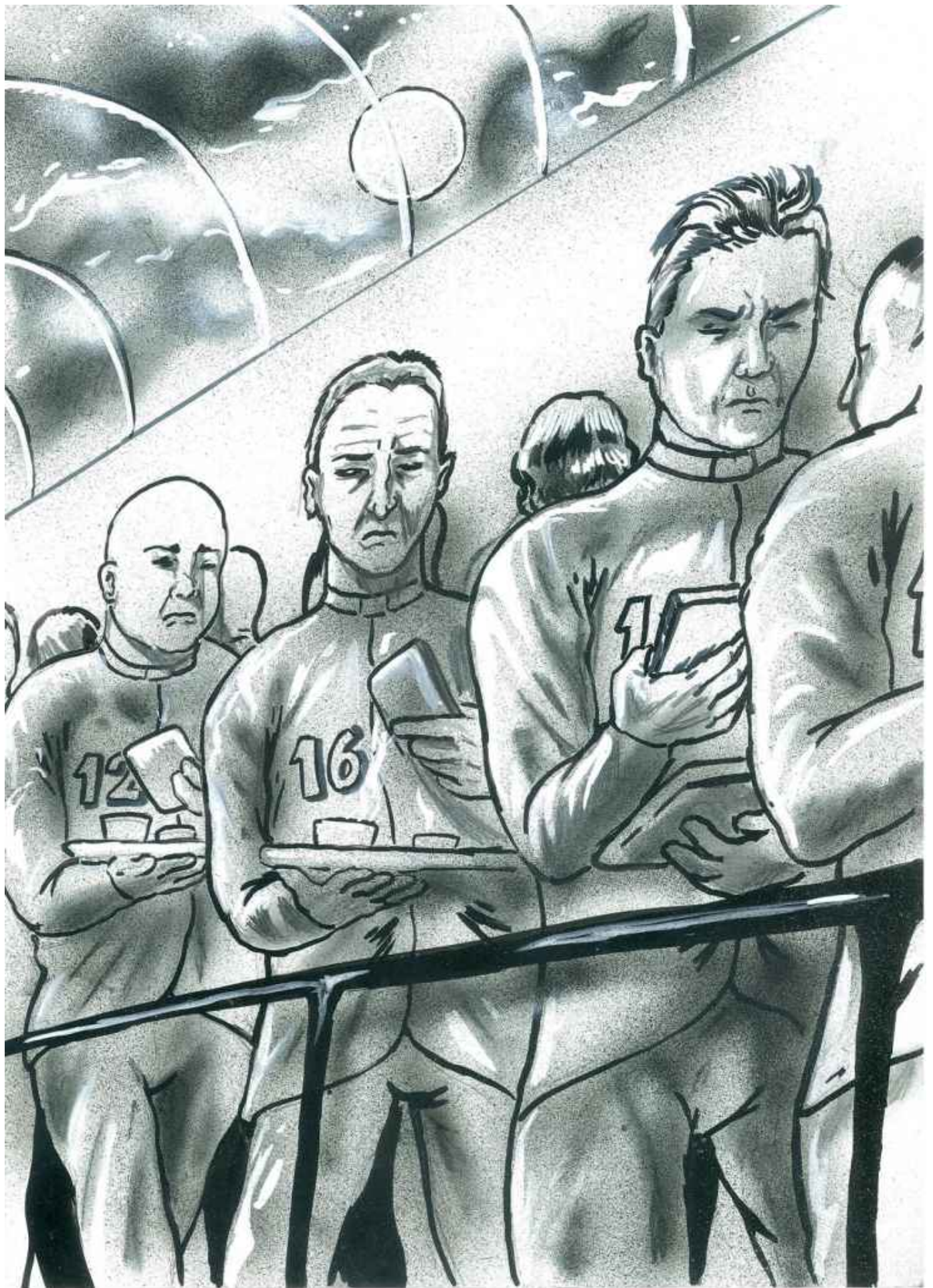
A figura messiânica da sociedade matriarcal tinha ênfase em Maria, mãe de Jesus e Maria Madalena, sua esposa, segundo a crença do grupo. Abrigava no seio de sua fundação a célula que gerou o grupo radical feminista.



A PARTE CRIAÇÃO

“Qualquer destino, por mais longo e complicado que seja, vale apenas por um único momento: Aquele em que o homem compreende de uma vez por todas quem é.”

Jorge Luis Borges



I = A F Á D R I C A

OS SEX SHOPS podem ter sido precursores no consciente coletivo quanto à permissão para adquirir as sexy dolls sem ter que se submeter a um analista. Somente no século XXI esses brinquedos ganharam a respeitabilidade devida. Se não tanto, ao menos a aceitação social. Um sonho masculino que se manifestou através da história desde os “súcubos” e que concretiza-se agora com criaturas de borracha sintética, revestidas com pelo orgânico cobrindo uma falsa musculatura, macia e morna, com temperatura estacionada nos 34 graus. É possível observar seus pelos epidérmicos se arrepiarem, caso o ambiente perca calor.

Mesmo um predador como um tigre, se ainda existisse, enganaria-se em comparação com a carne verdadeira. O odor proveniente de hormônios era capaz de excitar mesmo o homem assexuado deste século. A montagem feita sob encomenda era um sinal de respeito ao consumidor e não imposição estilística que dominou o mercado da beleza desde o advento da propaganda.

A regulação do timbre de voz e a cadência dela não eram apenas detalhes, e sim um padrão de qualidade do fornecedor, embora a perfeição mantivesse um estereótipo. Pernas compridas, cintura fina, quadris largos, seios fartos, pescoço sobressalente suportando de forma graciosa uma cabeça arredondada, adornada por um rosto com maçãs proeminentes e olhos vivazes. Apesar de tecnologicamente avançados, os humanos dessa época continuam a ser mamíferos.

Os homens propensos à reflexão tinham mais tempo para desenvolver suas habilidades. Fosse para o bem ou para o mal, os perversos chegavam a limites inimagináveis. O ostracismo aumentou devido ao tempo de vida e a uma geração preservada pelos pais, vivendo em um mundo imaginário e propensos à vida parasitária. Manfred pertence a essa tecnologia escravizadora. Sempre teve uma aspiração à criação, gostava de desmontar objetos eletrônicos em sua casa, muitas vezes só conseguia mesmo destruí-los, e aprendeu a sobreviver, embora limitado por sua falta de popularidade e dificuldade de comunicação.

Os perversos foram aos poucos excluídos da sociedade e reagrupados em guetos, residindo unicamente em seus cérebros a capacidade de fazer o mal. Embora a raiz de toda a maldade ainda habitasse secretamente nas pessoas, sendo manifesta de forma mais aberta nos usuários de psicotrópicos proxy, também conhecida como a droga da verdade. Os jogos eletrônicos virtuais tiveram méritos em aglomerar cidadãos desprovidos de qualquer autocontrole, criando seus próprios guetos. Estupradores, pedófilos e psicopatas em potencial podiam, através de meios táteis, dar impulso à sua natureza bestial. Comprar e maltratar robôs era então um hábito corriqueiro, como os humanos fizeram com os animais no passado. O prazer neural que as máquinas proporcionavam a tais indivíduos, muitas vezes era mais viciantes que a própria droga, obrigando os traficantes de entorpecentes a incluir venda de robôs com número serial raspado para os diversos fins no mercado negro.

Aprisionados por sua própria vontade aos capacetes neurais, multidões de pessoas que jamais tiveram interesse em colaborar com a construção de uma nova sociedade eram postas de lado sem culpa, alheios à política cada vez mais destrutiva, e longe do calor implacável do novo mundo em câmaras com estabilizadores de temperatura e parcialmente sedadas, vivendo universos distópicos e fantasiosos.

Afinal, desde o iluminismo surgido na França até os dias atuais, a crença na reabilitação humana foi se perdendo. Inúteis presídios deram lugar a pequenos bosques e parques temáticos naturais, muito mais bem recebidos pelo contribuinte do que aglomerações de criminosos. Esses sim, condicionados em câmaras, com seus capacetes imobilizadores, eram mantidos pelo tempo necessário com baixo custo de manutenção. Nestes casos podiam ser infligidas as tormentas determinadas pelo juiz como forma de punição, tendo como premissa a repetição de um ato, como rolar uma pedra por uma montanha incessantemente — feito Sisifo — até que suas funções naturais deixassem de existir. Um método alternativo e humanístico, se é que se pode chamar assim, da pena de morte. Para o restante dos cidadãos bastava o chip inserido na fronte, atrás do olho

esquerdo; entretenimento e obliteração do senso crítico à base da superestimulação dos sentidos já era o bastante.

Manfred teve essa alta tecnologia robótica implantada, assim como em todos os funcionários. Essa nova invenção chegou em definitivo: de início foi liberado apenas para o controle dos filhos menores de idade, dando controle de todos os seus atos aos pais; o segundo passo foi implementar em todos, com controle total do governo para a diminuição da violência. Já tinham implementado o chip controlador, chamado de M2, em todos os seres humanos. Lembrou-se de sua angústia e aflição, embora a operação tenha sido tranquila. Hospitalizaram-no por um dia, e no outro já teve alta. Sentiu uma certa latência atrás do olho esquerdo por duas semanas, nada que não pudesse ser controlado por medicamentos. Tecnologia exportada dos Estados Unidos para todo o mundo.

Manfred trabalhava na fábrica de produção das sexy dolls. Ser constantemente vigiado pelo sistema sempre o desagradou. Sentia-se um escravo dentro de uma rotina maçante, e tudo o que sempre desejou foi a liberdade. Estava no lugar certo, mas no setor errado. No entanto, era um covarde compassível diante do estado, um cidadão submisso e colaborador com os superiores, o que lhe fez ser odiado pelos amigos de trabalho e desmerecido pelos líderes. Todos que tinham inclinação artística, que ousaram atentar contra o sistema com suas indignações expressadas por meio da música e da arte, terminaram não em um porão do DOPS, como na antiga ditadura, ou em um pau de arara, mas suplantados por máquinas que faziam a correção comportamental através de programação de inteligência artificial, os tornando alienados e eliminando qualquer rebeldia. Não ousaria ser submetido a isso por mau comportamento. Sentia-se um pássaro preso em uma gaiola, e sem autorização para seu canto, represado em seu peito. Não queria fazer parte da produção, e sim da criação, onde teria liberdade para desenvolver os androides.

Sua rotina de revezamento de turno desregulava todo o seu organismo. Fazia o 4x1, 4x2, 4x4, sendo o primeiro dias trabalhados, e o segundo, dias de folga, em horários alternados em primeiro, segundo e terceiro horário. Seu uniforme cinza, manga comprida com uma bandeira do Brasil no bolso, na altura do peito. Um calor escaldante, no qual o vento parecia não circular nem mesmo na alta madrugada, unificado aos equipamentos de proteção como óculos de segurança, protetor auricular e luvas apenas intensificavam o desconforto. Toda tecnologia não conseguiu sanar por completo o barulho de algumas máquinas. Seu comportamento sucinto o distinguia dos colegas bonachões, que encaravam com estranheza o distanciamento do intelectual, que sempre tinha a tiracolo um livro, lendo-o no caminho ou desenhando protótipos robóticos em blocos de anotações, um subterfúgio para sua condição atual, como se os desenhos o fizessem suscitar algo novo.

Seu desejo de ser o signatário de uma nova geração androide, dava noção de sua sapiência autodidata. A supressão de seu passado era então algo difícil de esquecer. Extremamente rancoroso, brigado com toda a família no tocante a irmãos e tios — que em algum momento o decepcionaram —, mostrava sua personalidade dúbia, da falta de

perdão e empatia, levando a ferro e fogo as suas atitudes. Quando a fábrica abriu uma oportunidade por sufrágio de um candidato aos cargos de chefia e criação dos protótipos, foi uma luz no fim do túnel, mas foi escolhido um amigo menos qualificado e mais sociável; nem sempre os julgamentos eram justos. Era preciso subsistir.

O material sintético era produzido em alta escala, ele fazia parte do produto final de acabamento das sexy dolls. O produto vinha em uma linha de montagem, passando por rolos, choque térmico em alta e baixa temperatura, sistema de secamento e controle de qualidade. Usavam uma roupa esterilizada azul quando estavam na câmara fria, 10 graus negativos para não colar o produto. Chegavam, encostavam a têmpora em uma máquina específica que fazia a leitura e entravam no complexo, que mais parecia um filme de ficção científica, com torres de observação, torres de resfriamento e drenagem, pois tinham produtos de alta periculosidade, como amônia anidra e outros. Em caso de vazamento podia matar todos, ao menos os cegar como sequela. Devido a isso, máscaras de fuga eram ferramentas básicas de cada operário em meio às edificações majestosas.

A escravidão secular se fazia presente, toda a majestade vinda das áreas de entrada, com um vasto lago, prédios suntuosos que recebiam os gringos com mimos e máquinas de café por todos os lados. Havia também os banheiros com poltronas estofadas e sem ligação com rede de esgoto, conversão das suas necessidades em adubo sustentável, além de câmeras de controle da ansiedade, nas quais deitavam em cápsulas e ouviam músicas tranquilas enquanto ervas aromáticas eram expelidas em pequenas lufadas... Todo esse mundo pertencia aos criadores, aos chefes e aos estagiários; que tinham acesso até mesmo a uma breve passagem por um restaurante com várias opções de cardápio saudável, daí o estagiário era efetivado para cair num buraco negro, chamado produção.

O séquito e a servidão aos chefes, ou melhor, aos subchefes — os primeiros são inacessíveis —, sentados de forma majestosa em uma sala de controle, observando pelo vidro os peões escravos suando com o calor excessivo, em contraste com as áreas frias, usando de força física em desvios de funções, tendo acesso a máquinas nocivas à saúde, expelindo gases danosos, mas garantidos por um bom convênio médico, incluindo até mesmo troca de seus órgãos pelos sintéticos, se preciso. Era como perder um dente de leite: se você ainda tinha todos os seus órgãos, era mesmo um bebê que mal tinha desmamado. Os sectários chefes exigiam dele algo que não possuía: motivação em atos repetitivos, com tempo sincronizado, sem tempo para ir no banheiro, sem ver a luz do sol, apenas aquela masmorra com parede que soava artificial. Qualquer falha por motivo banal ou torpe era brevemente reportado aos chefes; não havia companheirismo, apenas o desejo de sair daquela barca para a invejada área superior.

Por vezes desejava ser o simulacro de um humano, já que era uma espécie de escravo que não tinha um coração. Já que não podia ter uma vida suntuosa ou ter noção sazonal do tempo, talvez pudesse segregar-se do grupo, criando entre eles uma barreira de vidro, uma simbiose com suas criações no papel. Apesar de sua dificuldade em sintaxe, tinha ainda alguns poucos amigos com os quais trocava poucas palavras na hora do almoço, da janta ou da ceia com a ração balanceada, e a empresa se vangloriava de

aderir a uma alimentação de qualidade, já que os hábitos de comer fritura — um veneno — faziam parte de um passado não muito distante.

Em uma das raras aparições de Isaac Hipólito em uma palestra aos funcionários, ao apresentar EVA3, protótipo com aparência de sua falecida filha, ele já demonstrava uma afetação em comportamento, enquanto boatos de uma possível falência devido à má administração pós-período depressivo do grande homem de vanguarda se ouvia por todos os cantos da fábrica. Esse modelo novo prometia ser a salvação da empresa, acusada de sonegação fiscal e outros crimes, e na mira do governo. Manfred o assistia com brilho nos olhos, queria estar no lugar dele, apesar da dor que o homem carregava. Manfred tinha a seu lado o único homem que era seu amigo na fábrica. Inácio tinha um parafuso a menos e não ligava para a falta de empatia do amigo e o silêncio perturbador que o precedia. Os olhos saltados, a barriga sobressalente, o escurecimento em volta dos olhos, a calvície em plena época tecnológica, na qual implantes não eram caros, e a falta de interesse em evoluir, apenas focado em colecionar dobraduras de origami, além de uma tara por ginoides transando com mulheres nos combatidos vídeos pornográficos. Suas tiradas ácidas ao sistema de certa forma atraía Manfred, apesar de faltar ao homem inteligência.

— Veja, Manfred. O homem vai falar. Será que a filha dele era gostosa?

— Quietos!

Isaac apresentou o novo protótipo, porém não havia qualquer felicidade em seu semblante.

— Vejam o futuro! Nesse calor extremo, andróides são precisos para serviços em áreas abertas. Nós, meros humanos, embora revestidos até a cabeça de pano, sofremos com esse eterno “El Nino”. Ainda mais se forem leitosos como alguns de vocês. Sabemos que os de pele negra tem uma supervalorização devido à sua capacidade de suportar o calor, é o princípio da cauda do pavão.

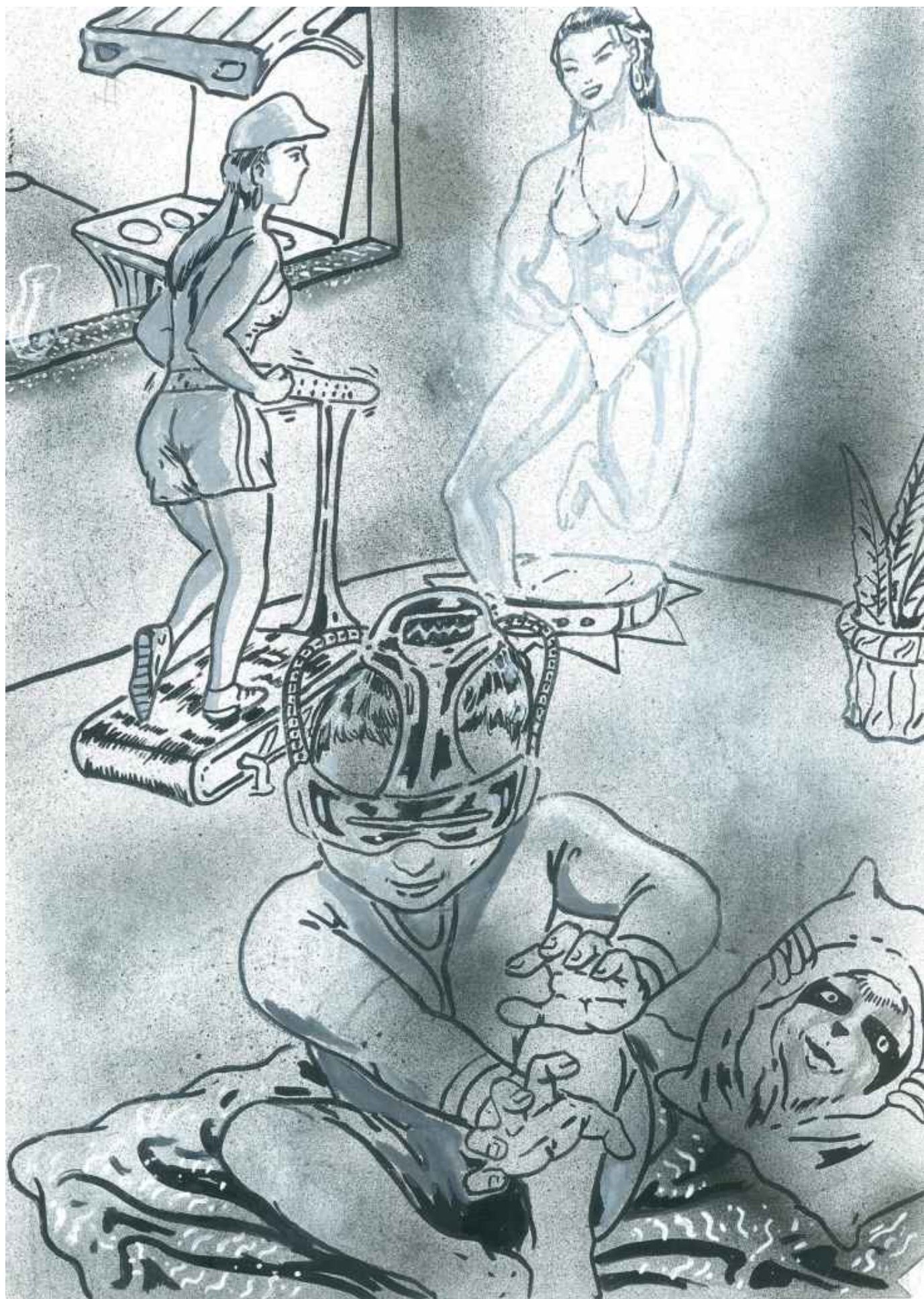
Inácio levantou a mão e perguntou de forma inadequada:

— Esse modelo vai ser liberado para fins sexuais?

— Sua pergunta é pertinente. Não. Como sabem é a imagem de minha falecida filha, não gostaria que debandasse para esse fim. Para isso temos os modelos sexuais próprios. Nesse mundo de repressão ao homem, no qual o fato de possuir um pênis já o coloca como um potencial abusador, em que implantes de contenção sexual já foram implantados em uma grande porção da população masculina, além da pressão dos grupos ideológicos, perpetrados por Rosita Mondego, tudo isso leva a um natural afastamento das mulheres. E não só pela sexualidade liberal, mas pelo companheirismo que compartilham com o isolado homem do século XXI. Mas sim, ela tem um estímulo sexual, caso queira, embora essa não seja a finalidade dela.

— O que você acha sobre os ataques dos grupos religiosos às sexy dolls? — perguntou Inácio, inadvertidamente.

— Um absurdo! Me acusam de sexismo e misoginia, quando na verdade sou o empregador tanto de homens quanto de mulheres. Os robôs são o futuro, queiram ou não!



II - BELA, RECATADA E DOLAR

NO PASSADO, SEGREGADO por sua dificuldade em perdoar, hoje casado com Grace e com um filho rebelde; ao menos havia algum ponto positivo no M2: era permitido aos pais saber exatamente onde os jovens estavam, e com quem. Embora a semântica de pai e filho não batesse, típico dos jovens. Não havia sinergia entre ele e a esposa, pensavam diferente, e muito menos admiração por nenhum dos lados, mas uma submissão por parte dele. Ela falava alto, berrava, o deixava envergonhado na frente dos outros, tinha ataques de fúria, sua face avermelhava e parecia possessa por pequenas coisas.

A esposa fazia ginástica, orientada por uma instrutora virtual, de forma holográfica na sala de casa. Manfred passou por ela e entrou no quarto, procurando seus rascunhos e não os encontrando.

— Grace, você viu meus esboços?

— Aqueles rabiscos inúteis? Eu os joguei fora. Pilhas de papéis obsoletos causando problemas respiratórios em nosso filho.

— Foram anos de projetos! Você não tem o direito. Onde estão?

— Já foram para o triturador. Tarde demais!

Emputecido, ele entrou no quarto do filho, o jovem usava um capacete de imersão e pela cara de prazer, estava em alguma aventura erótica. Manfred desligou o aparato.

— Você não fez os exercícios online de sua formação? É isso o que faz com seu tempo livre?

— Foda-se, velho! Como tem coragem de me tirar de minha imersão? Seu puto!

— Você me deve respeito, Leandro. Não pode fazer o que quer... — Manfred mostrou a ele o histórico do rastreador no holograma na parede. — O que estava fazendo nas áreas baixas do subúrbio?

— Não é da sua conta. — O jovem inseriu novamente o capacete. Grace entrou no quarto com o dedo em riste no rosto do marido.

— Está brigando novamente com o menino!? Ele está dentro de casa, quieto, em sua imersão. Tem uma vida social, diferente de você, Manfred.

— Ele experimentou Proxy, veja no contorno dos olhos dele. Se ele se viciar, tudo estará perdido!

— Eu sei! Já falei com ele em relação a isso. Usei as suas economias e comprei permanência estudantil no exterior.

— Você não pediu minha permissão para isso! Juntei esses créditos durante uma vida toda de trabalho. Como vou fazer quando não tiver mais forças para trabalhar?

— Você vai viver da renda mínima do governo. Tem que focar nele, assunto encerrado!

Logo Leandro partiu para o Canadá, longe da relação tóxica dos pais. Manfred e Grace continuaram morando na parte setentrional do país, em uma área periférica, e a sua casta batia com a da esposa, embora ela fosse desprovida de cultura, o que criava um abismo entre eles. Mas não só de ofensas vivia o casal, ela também lhe dava amor, se é que podia se chamar assim. Embora muitos casais não praticassem o ato, preferindo o hábito da robofilia, eles praticavam o ato carnal clássico e reprodutivo, cada vez em ritmo menor, mais por falta de dinheiro para ter as réplicas.

Até então...

Manfred chegou do serviço e se assustou com o homem sentado à sua mesa. Ele era bem alinhado, uma feição sarcástica, cabelo loiro e penteado para trás. Grace chegou e deu um beijo nos lábios do homem, sem cerimônia, na frente de seu marido. Ele conhecia o protótipo. Carlos era um modelo sexual masculino, confeccionado por Enterprise Ltda, uma empresa concorrente.

— Não vai sentir ciúmes de um robô, não é Manfred?

— Tínhamos um trato. Somente eu e você.— Ah, tínhamos? Há quanto tempo dormimos em quartos separados? Fala, Manfred.

Eu sempre te procuro, mas você não quer.

— Eu não quero mesmo. E correr o risco de engravidar e cair na mão dos governadores? Os bonecos sexuais não broxam, não fedem, eles sabem encontrar meus pontos de prazer. Devia fazer o mesmo. Acha que não sei que ainda se masturba, um ato

totalmente obsoleto. Pode arrumar uma androide para você também. Eu não ligo. Todas as minhas amigas tem um desses.

— Eles são caros! Como conseguiu o dinheiro?

— Você me pagou. Parte do dinheiro para enviar Leandro ao exterior... na verdade guardei para isso. — Aproximou-se de Manfred e o abraçou. — Não quer me ver feliz? Se quiser eu o coloco no guarda-roupa. Não precisa olhar para ele, coloco no modo hibernar.— Não tenho dinheiro para comprar uma ginoide.

— Podemos comprar uma de segunda mão, EVA1 está ultrapassada.

— Já transou com o robô?

Grace o olhou com sarcasmo.

— Você é muito ingênuo. Há um tempo venho transando com robôs prostitutas esporadicamente na área proibida. Não finja que não sabe! Agora vou sossegar em casa. Porra, Manfred! Devia fazer o mesmo.

— Achei que era somente nós dois.

Grace tinha cabelo verde, um hábito recorrente que a fazia parecer um cosplay. Seu sectarismo era sua personalidade predominante. Não havia sortilégio em uma companheira assim, mas ele estava acostumado a ser um cordeiro, em casa e no serviço. Apesar da sujidade da situação, onde a promiscuidade da esposa a levava a ter outros relacionamentos extraconjugais. Ele podia pedir ao governo a quebra de sigilo do M2 dela, já que ela fez isso com ele várias vezes, mas preferia não ver a verdade, bastava notar sua sofreguidão sempre que antecedia uma traição. Ela não sabia disfarçar, então ela saía às escuras e voltava fedendo à vodka e sexo. O que se tornou mais recorrente após a ida do garoto para o exterior.

Pode se dizer que ela o transformou em um substrato de homem, ainda mais quando notícias de sua devassidão chegaram ao seu serviço e ele foi ridicularizado pelos colegas de trabalho, que aos poucos perderam a trava moral da língua, chegando a falar na cara dele que era um corno e fazer inúmeras piadas da situação, embora muitos deles estivessem em igual situação. Tudo contribuiu para torná-lo taciturno, ficando no tácito a falta de lealdade da esposa. No entanto, o que parecia fraqueza, na verdade tinha uma tenacidade não refletida. Possuía ideais nobres e inocentes sobre o matrimônio, e não deixar desmoronar algo iniciado no passado. No fim da noite, ela se aninhava em seu peito, chorava e dizia não conseguir viver sem ele. A pureza fazia dele um ser translúcido, diáfano, um porto seguro para uma mulher inconstante. Ambos apresentavam uma fraqueza moral. O que poderia tipificar uma traição, embora toda infidelidade tivesse culpa bilateral? A sua casa, serviço e seus sonhos formavam uma tríade incompatível.

Seu coração truncado ainda resistia. Aos poucos tentava transigir uma mudança de comportamento em Grace, aliando uma paciência transcendental com sentimento tétrico frente à possibilidade da perda de sua esposa, através de uma separação.

Desta forma, resolveu tomar algo mais forte após o serviço. Sabia que sua esposa não estaria em casa devido à ansiedade, além da roupa cuidadosamente dobrada e separada na gaveta. Tomou tudo o que tinha direito, via no espelho do bar um escravo.

Tentava ordenar em sua cabeça o que tinha se tornado sua vida, desdobrou uma folha de papel surrada e fazia desenhos geométricos enquanto bebericava. Saiu trôpego do bar, ignorou as informações do ID referente à taxa de álcool elevada no corpo, e preferiu ir embora na caminhada, embora o carro automatizado fosse apto a isso. Os sensores detectariam sua embriaguez, e o veículo o conduziria em segurança até sua casa. Caminhou paralelo à linha do trem-bala, observando a lua cheia.

Os dias se passaram e ele passou a dedicar mais tempo à empresa, em uma rotina cíclica, buscando se desconectar de sua vida medíocre. Foi quando deixou cair uma espátula dentro da extrusora. O correto seria acionar o botão de segurança e travar a máquina, mas isso significaria seu fim. Tinha esperança em resgatar o aparato sem deixar pistas, embora o produto final começasse a sair esverdeado na linha, dando o alarde de algo errado. Buscou uma abertura da máquina há três metros de distância, sabia que a ferramenta passaria por ali. Era sua chance, e se fosse rápido conseguiria retirar o produto sem se queimar. Confiante no seu tempo de boa forma, ignorando a sua barriga já aparente e o fato de não ser um jovem, retirou o capacete — algo condenável ali — e enfiou a cabeça no espaço confinado; com o uso de luvas de mangote esperava capturá-la. Podia ver a peça se aproximando, e assim, esticou o braço mesmo com o risco de uma inalação de nitrogênio que poderia levá-lo a óbito.

A fábrica teve casos terríveis no passado de pessoas, que assim como ele, não seguiram regras, como o homem que perdeu dois braços ao fazer um jump em uma guilhotina de cortar aparas. A lâmina baixou, amputando-o. Houve também o caso do homem que não desligou e travou uma máquina processadora, fazendo o fundamental log out; foi puxado, triturado pelo motor e hélices.

Manfred se tornou estatística quando o cilindro interno de segurança foi acionado e enterrou-se no orifício do seu olho esquerdo. Ficou empalado, sentiu um choque percorrer todo o seu corpo e um filme veio à sua cabeça. Lembrou-se de coisas do passado, de quando era criança, e teve a certeza de que estava à beira da morte, enquanto sua pele tostava no vapor quente. Tudo parecia surreal.

A adrenalina liberada no seu corpo estava a mil.

Ouvia os gritos dos peões, e somente sobreviveu por não se deixar adormecer e perder os sentidos. Se isso acontecesse, terminaria de ceder o cilindro, já que fazia resistir seu avanço com a mão esquerda. Com a força hidráulica, provavelmente perfuraria seu cérebro. Aquelas duas horas sequenciais foram uma eternidade. Como dizia Einstein, a lei da relatividade. Queria olhar para fora, mas estava condenado a olhar para o interior escuro, todo o tempo, içado por um cilindro, focando no que restou do globo do seu olho e sentindo o gosto do sangue descer pela boca. Quando perdeu os sentidos, já estava sendo amparado pelos demais funcionários.

Manfred foi levado à enfermaria da fábrica, sem o olho esquerdo e com a face parcialmente queimada. Foi hospitalizado ali mesmo, e depois transferido para o hospital municipal. Recordou-se do frio na barriga quando o colocaram na maca e o levaram às pressas para a Unidade de Tratamento Intensivo. Toda a visão de um corredor, pelo prisma voltado ao teto, notando peculiaridades que passariam em branco em outra

situação. Ele batia os dentes de frio. Não, era calafrio. Sentia-se vulnerável e descartável. Toda a evolução em equipamentos não havia eliminado o velho medo da morte, de entregar a sua vida nas mãos de outra pessoa. Assistir impotente suas vestes sendo retiradas, rasgadas, o gel gelado, pingado a preparar o marcapasso, a anestesista buscando a melhor veia para a punção, enquanto um enfermeiro media sua pressão e monitorava os batimentos cardíacos, e então, a escuridão.

A escuridão... O nada... Absoluto!

Ele despertou, sabe-se lá quanto tempo ficou na escuridão... e o que foi feito dele. Se esforçava para demonstrar à enfermeira que estava acordado, mas seu corpo não queria obedecê-lo. As pálpebras mal se mantinham abertas, tentava falar, mas a voz não saía. Tentou ao menos dormir, mas esta graça não lhe era concedida pelo corpo enfermo. Enfermeiros passavam e o ignoravam, era apenas mais um. Enfim um deles veio, e sem lhe pedir permissão, o levou arrastando a maca por corredores; aquela visão novamente... entrando no elevador e levado ao quarto. Viu sua esposa de relance em um dos corredores. Ainda fora de seu controle total, conseguiu tocar a própria face. Estava enfaixada e mal podia se virar. Esse era o problema, não a dor, muito menos o céu tão cinza visto da janela de um hospital, mas a fobia por não poder se mexer. A enfermeira foi enfática:

— Não se levante em hipótese alguma ou vai passar mal. Se precisar urinar, tem um urinol aqui.

Ela tinha razão, uma simples virada de face para a esquerda e sentia como se uma serra afiada cortasse sua cabeça ao meio. A fobia era incontrolável; se ao menos pudesse dormir, mas não conseguia. Muito menos abrir os olhos. Seu corpo o tinha traído e a ansiedade pulsava. Estava no inferno, ou seria uma espécie de limbo? Após as primeiras 24 horas, começou aos poucos a retomar posse do que era seu, o corpo físico. Não poderia reclamar, tinha um quarto somente para si, com direito a um pequeno frigobar, suíte e uma sacada. O plano de saúde da Hipólito era um dos diferenciais da empresa. Um robô com formato de coruja o advertia de seus compromissos como paciente, e permitia fazer ligações visuais com sua esposa através da reprodução de um holograma, projetado um metro à sua frente. No entanto, a velha punção na veia, que ele tanto abominava, não deixou de existir. O enfermeiro apático injetou Profenide no acesso ligado às veias finas e frágeis de sua mão. Aquilo entrou queimando, e assim ardeu por no mínimo duas horas. Havia uma bolha de ar no fim da ampola, ao que Manfred o alertou:

— Não injete essa bolha de ar!

O enfermeiro ficou puto, talvez por isso tenha injetado a ampola com tamanha violência.

— Da próxima chamo um robô para passar o medicamento.

— Por favor, faça isso!

O enfermeiro se retirou e ele olhou para o relógio, 3:35 da madrugada. Seu corpo começou a tremer todo, a perna sacudia feito vara verde. Temeu estar prestes a ter um ataque do coração enquanto sua mão latejava, mas tudo era reflexo de seu medo em estar

nas mãos de um homem com mais força e virilidade, por estar tão suscetível e tão próximo da morte. Tomando ciência disso, foi controlando seu nervosismo e se estabilizando, em uma noite que parecia nunca terminar.

Ficou uma semana hospitalizado. Passava os dias olhando pela sacada uma árvore artificial, um estacionamento e uma antiga capela com a cruz retirada, que hoje servia de depósito. Lembrou, com um riso irônico nos lábios, ter pedido ajuda a qualquer força superior que existisse no universo. Era sempre nesses momentos que se recordava deles. Foi quando o médico veio conversar com o paciente.

— Olá, Manfred! Como está se sentindo?

— Estou bem melhor. Apenas sofrendo de ansiedade, não aguento ficar nessa maca.

— A pedido do Senhor Isaac Hipólito, foi registrado o caso como acidente doméstico, mas se desejar...— Foi exatamente isso. Eu me machuquei na garagem de casa. Sem mais.

—

Você viveu de novo. Tem alguma religião? Devoto de alguma entidade?

Manfred estranhou a pergunta do médico.

— Sou agnóstico e apartidário. Mas devia saber disso, doutor, não leu meu M2?

— Em seus delírios se pôs a rezar, algo meio incomum nos dias de hoje. Sobre o M2, isso é outro assunto que preciso tratar contigo. O acidente removeu seu olho esquerdo, por isso a bandana na sua face. Não levou somente seu olho, mas também o M2, o chip de programação com todas as suas informações e seu ID. Sinto-lhe dizer, mas terá que ser implantado um novo chip, e você não pode sair daqui como um transeunte sem identificação. Junto ao protótipo implantado será refeito um olho de vidro para ocultar o M2. Peço a sua paciência, a cirurgia está agendada daqui a três dias.

O café da manhã foi servido na sequência. Ele pediu a enfermeira.

— Pode me conseguir um espelho?

A enfermeira trocava a atadura empapada de sangue. Lavou o local com soro, e em seguida repôs com material novo. Também lhe trouxe um espelho.

— Veja. Não está tão ruim, não é?

Enquanto se olhava no espelho, só conseguia imaginar por que Grace não foi visitá-lo, embora a tivesse visto na saída da cirurgia. Agora seria ainda mais desprezado por ela com aquela aparência, por outro lado estava provisoriamente livre do sistema escravizante. Teve certa dificuldade em se levantar, estava com aquela roupa hospitalar em que a bunda fica à mostra. Carregar a agulha que o espetava foi doloroso e difícil devido a seu trauma com essa pequena invenção diabólica, ainda não sanada em meio a tanta tecnologia. A ideia de ter a sua vida drenada por agulhas era uma paranoia que trazia desde criança.

Achou que estava sofrendo de uma alucinação, mas era o senhor Isaac Hipólito sentado à sua frente, que lhe fazia uma visita.

— Senhor Isaac. Eu lamento minha falha. Vai me demitir por justa causa?

— De forma alguma, Manfred. Há algum tempo venho te observando. Alguns de seus croquis chegaram até mim através de seu companheiro de serviço, Inácio. Na

verdade ele foi bem impertinente, me deixou bastante furioso, e quase ganhou a demissão. Dois dias depois acabei olhando seus esboços e lhe digo: são geniais! Não deveria estar na produção, e sim na criação. Mas seu comportamento irresponsável quase tirou a sua vida e me fez perder uma máquina que vale milhões. Uma equipe de hidrojateamento está tentando tirar os resíduos verdes e toda a linha está parada. Um prejuízo enorme! Mande os funcionários para casa. Me deixou em maus lençóis. De toda forma foi cortês ao negar a origem do acidente, o que abriria uma perícia indesejada. Sabe que estamos em crise. Mas posso te dar uma segunda chance. O governo está envolvido diretamente na produção de EVA3, pode fazer parte da equipe.

— Eu adoraria!

— Devido ao acidente, sua casa foi fiscalizada pelo governo. Encontraram indícios de espionagem industrial, não tinha o direito de coletar informações de seu serviço, muito menos roubar peças de reposição dos andróides. O ditador é muito rígido. Você é um prisioneiro agora, assim como sua esposa, que te acobertou. Um infrator fraudulento de nossa empresa. O tratamento não será dos melhores. Queriam te mandar direto para uma prisão de imersão. Eu intercedi por você, não poderia permitir que seu cérebro fritasse! Mas a escolha é sua. Prefere estar prisioneiro na confecção e aperfeiçoamento de EVA3?

— Eu quero!

— Não poderei te socorrer em caso de hostilidades, descobrirá que também sou um brinquedo na mão do governo. E não posso proteger o futuro de sua esposa. Ela foi presa após sua cirurgia no hospital.

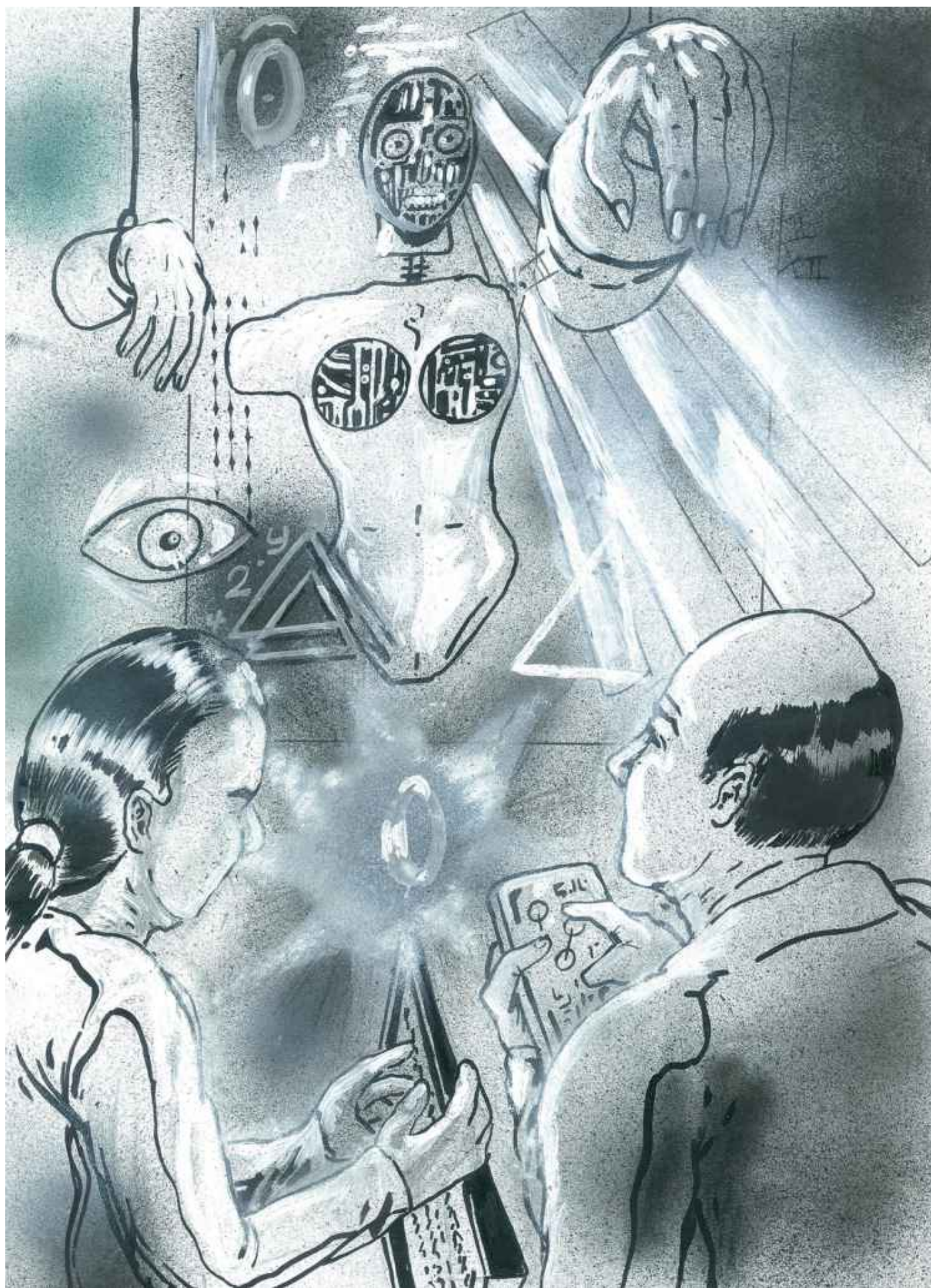
— Eu quero! Desde que livrem Grace de meus crimes.

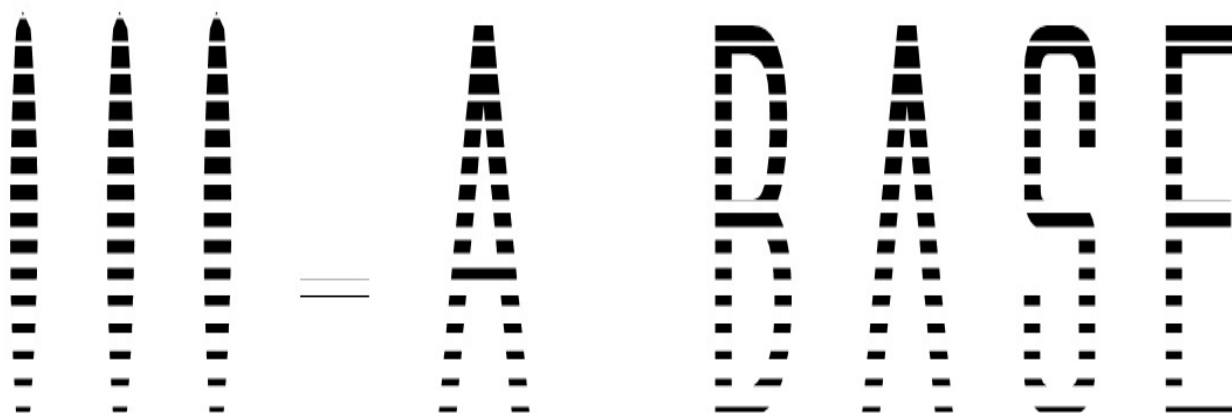
— Que assim seja!

Manfred tentava manter os olhos abertos, mas não conseguia.

— Me desculpe. Estou muito cansado.

E então, Manfred apagou.





AOS POUCOS, MANFRED vai retomando seus sentidos em um novo espaço, estranho e confinado.

Não havia duvidas, estava em uma base do exército. A porta de entrada do galpão, feita de aço maciço, tinha no mínimo o dobro de sua altura. Estava algemado em uma cama metálica, e à sua frente estava Grace, atada à cadeira e com hematomas pelo corpo. Ela estava puta com Manfred, segundo os soldados que a aprisionaram. Sofria retaliações devido a uma traição ao governo por conta de seu marido. Ele tentou se explicar à esposa, confuso:

— Não achei que te envolveriam nisso.

— Então explique-se! Acham que é um desertor, um traidor da pátria, um espião industrial, e foram atrás de mim. Pensam que estou de conluio contigo. Encontraram seus manuscritos, desenhos geométricos e projetos, ao menos os que não dei cabo. Disseram que não passaram pelo registro de ciência dos militares. Precisava viver no mundo dos sonhos? Não te bastava sua família e seu emprego? Por acaso não tinha o que

comer? O que vestir? Sorte do nosso filho estar no exterior, ou estaria aqui, apanhando também por suas atitudes de moleque!

O General Rocha entrou no recinto, devidamente aplumado em seu uniforme oficial com cinco estrelas no ombro, quepe e bota engraxada. Seus passos firmes se faziam ouvir e respeitar. Olhou com atenção e tudo o que podia notar com maior destaque eram suas sobancelhas grossas e unidas, além de dentes parcialmente amarelados, frutos de décadas de café e cigarro, quase desconhecido pela nova geração, adepta aos cigarros elétricos aromatizados. O homem olhou cuidadosamente a ficha de Manfred.

— Sabe que é obrigação de todo cidadão patriota manter a integridade do M2, permitindo-se ser localizado onde estiver, para a soberania do nosso governo e manter a paz e a ordem, não sabe?

— Peço desculpas, senhor. Foi um acidente, sou o único culpado, só achei excesso aprisionarem e agredirem minha esposa, com todo o respeito.

— Não se limita a isso. As acusações vão muito além. Espionagem industrial, e reprodução de croquis e desenhos das máquinas sem autorização. O governo está indiretamente envolvido no projeto EVA, ou seja, o que fez nos afeta também, é um atentado ao governo. No entanto, Hipólito falou sobre seu talento e possível ajuda em nosso projeto.

O General voltou-se à esposa de Manfred, e com suas mãos grandes e ásperas apalpou o seio esquerdo da mulher enquanto baforava um charuto. Tomou uma cuspidela na face. Limpou com um lenço cuidadosamente dobrado no bolso de seu uniforme.

— Ela parece bastante insatisfeita com o casamento, por seus atos, apesar de ambos pertencerem à mesma casta e terem sido indicados. É geniosa, imagino o que passa em sua casa. Podem liberá-la! Tem um robô sexual alpha a esperando em casa. Ela definitivamente não sentirá a sua falta.

Dois guardas arrastaram a mulher para fora. A porta se fechou. O homem mostrou o reflexo de Manfred com o auxílio de um pequeno espelho.

— É um homem de sorte. Podia ser sentenciado à morte ou prisão perpétua por representar perigo ao nosso governo. De uma forma ou outra, seu cérebro iria fritar feito ovo em uma frigideira ao longo do tempo, pelo uso contínuo das toxinas.

Dois soldados entraram e inseriram no desertor um colar metálico bate trava no pescoço, com duas luzes vermelhas, acesas de forma contínua.

— Este dispositivo limita sua locomoção aos limites da fronteira. É um prisioneiro, senhor Manfred, por tempo indeterminado. Pode reverter sua pena trabalhando a favor da nação e do nosso Capitão, Henrique Guerra. O governo tem interesse em seus conhecimentos de inteligência artificial para aprimorar o projeto E.V.A.

Rocha deu as ordens e os soldados soltaram o homem dos grilhões que o prendiam. Ele devia estar emputecido com tamanha sacanagem e falta de respeito com sua mulher, na mesma medida que sentia alívio por terem liberado a mesma na sequência, mas sabia ser uma luta de titãs, e a melhor coisa era calar-se. Isaac o alertou das hostilidades, somente não tinha citado a possibilidade da prisão se estender à esposa. Sentiu medo. E se algo ocorresse ao seu empregador e sua pena não fosse revertida? Seu consolo seria o desejo

de manipular a ginoide. Deixava-se levar por cerca de seis homens altamente armados, em uníssono, no corredor fechado e sem ventilação, que acionava exaustores com a batida de botas. Entraram em um laboratório amplo, as portas foram fechadas por fora e o barulho de ferro as travando era intimidador.

Isaac, o Presidente da Hipólito Ltda, era um homem magro, de barba espessa, aparentando seis décadas de vida, e com uma olheira profunda. Recepcionou-o ignorando a reunião às escuras no hospital. Quando enfim ficaram sozinhos, sussurrou:

— Perdão, ele é hostil, mas acreditei que isso não refutaria em sua esposa.

— Ao menos ele a liberou. Agora é só entre nós.

— Estar no projeto EVA é tão importante assim?

— Passei uma vida toda buscando isso.

— Como disse, não sei quanto tempo ficaremos nisso, muito menos se verá a sua família. Como sabe, EVA tem a aparência de minha falecida filha, Laura. Achei que isso aliviaria a minha dor, na verdade somente trouxe mais confusão.

O homem de olhar triste parecia perdido em seus pensamentos. Sua filha, Laura Hipólito, no auge de seus 25 anos, se encontrava debilitada por uma doença pulmonar obstrutiva crônica, a conhecida DPOC. Sua enfisema pulmonar parecia uma piada de humor negro, já que não era fumante, nem mesmo passiva. Ninguém naquela família tinha o hábito. A causa mais provável era genética, apesar de existir outros fatores como poluição ambiental e exposição à poeira.

A jovem tinha cabelo negro chanel, pele clara, uma beleza nórdica. Trazia consigo uma aura de candura e a voz amaciada pela doença. Seus alvéolos estavam parcialmente destruídos. O tempo seco trazia grande sofrimento e isso se refletia em sua fala fraca. Isaac resolveu levá-la para um passeio certo dia. Havia chovido, o clima estava bom. Ela trazia consigo um respirador artificial ligado a um cilindro, com doze metros de mangueira que a mantinha na coleira, feito um cão, e isso a entristecia. Nesse passeio, por acidente, a mangueira ficou presa no banco do carro, obstruindo parcialmente a respiração artificial por alguns minutos angustiosos, mas ela sobreviveu.

O empresário bem-sucedido tinha muito dinheiro, mas nem tudo podia ser comprado. De toda forma inscreveu a sua filha no programa voluntário de transplante de pulmão artificial, feito por clonagem. Ele tinha muito medo de perder a sua filha, já tinha perdido a esposa anos atrás, e só lhe havia sobrado ela.

Duas semanas depois, Laura foi submetida ao transplante, que não foi bem-sucedido. Ela foi sucumbindo aos poucos e morreu nos braços de seu pai; parecia um anjo, ou um passarinho, como ele costumava chamá-la. Aquilo era uma afronta, uma inversão das leis da natureza. Se fosse em outros tempos, esconjuraria seu Deus, sentindo-se traído, mas tinha maturidade suficiente para saber se tratar de perda de tempo. E nos tempos atuais, poucos se apegavam aos deuses sobrenaturais. Laura não morreu sozinha, praticamente levou junto toda a sua alegria. No entanto, não era um suicida. Sentindo-se sozinho, deixou a empresa aos cuidados de funcionários e se dedicou plenamente a seu hobby solitário: a inteligência artificial. Em pouco tempo os negócios ruíram, e escândalos de sonegação fiscal atraíram olhares do governo para ele e sua habilidade

criativa na robótica.

Aos poucos foi ganhando visibilidade e foi contratado para serviços no governo, que manteve seu negócio, sob ameaças permanentes de prisão por sonegação fiscal. Tornou-se uma marionete deles, embora os suprisse em tudo que fosse preciso para o desenvolvimento dos novos protótipos. Seu projeto mais audacioso se chamava EVA3, um robô ginoide já de uma safra em sequência; essa versão com a aparência de Laura. Sentia como se pudesse mantê-la viva através dessa criação, brincando de ser Deus, assim como o Doutor Frankenstein.

Logo foram pedidas as modificações no protótipo, transformando a ginoide em uma boneca sexual, assim como as outras. Ele brigou e conseguiu reverter isso, deixando-a com aptidões sexuais, mas voltada ao cunho político. A imagem de sua filha fodendo com estranhos, mesmo sendo um protótipo, em nada o agradava. Nessa altura ele já tinha sido engabelado por contratos que tiravam dele vários direitos de criação, e embora continuasse à frente da evolução de E.V.A, não tinha muita voz ativa. Como Pigmaleão, passava horas absorto em sua criação, tentando se enganar; tocava a face angelical do robô na esperança de conter uma ferida aberta e não cicatrizante.

Manfred pareceu se adaptar rapidamente ao ambiente hostil, apesar de ter perdido sua hipotética liberdade, se é que algum dia a teve. Ele se recolheu ao seu aposento e Isaac manteve-se na base, frente à sua criação.

A noite acentuava a solidão, na qual uma chuva torrencial caía. Mais uma vez Isaac varava a noite acordado, sentado de frente à EVA3. Ela parecia tão real, e tinha em sua programação abordagens involuntárias. No laboratório, a voz do ciclope acoplada ao ambiente. Uma voz robótica e masculina ressoava:

Doutor Isaac, são 3:25 da manhã. Entraremos em modo hibernar, recomendamos uma ótima noite de sono.

EVA3 o olhava fixamente:

Devia descansar, Doutor Isaac. É muito tarde!

Isaac limpou o óculos e pigarreou:

— Tem razão, EVA. — Ele acariciou a face da ginoide. — Amanhã retomaremos os testes.

A mão da ginoide segurou levemente a mão já enrugada do doutor.

Posso te proporcionar momentos de prazer, você é meu mestre e criador. Merece relaxar.

Ele sabia que havia essa válvula de escape para tal modo de programação, mas isso lhe pareceu muito bizarro. Embora fosse um robô, tinha a aparência física de sua filha.

— Eu te amo como uma filha. Oh, minha querida! Não posso fazer isso.

Não se sinta culpado. Está apenas liberando sua carga sexual, não deve reprimi-la, doutor, sou apenas uma ginoide destinada a dar prazer aos seres humanos, essa é minha função, e seria ineficiente se não a cumprisse. Quanto à minha aparência ser semelhante à de sua filha, admiro o seu bom gosto, ela era realmente bela. Que pena, ela como ser humano foi perecível ao tempo e suscetível a doenças, eu como ginoide sou praticamente uma imortal, desde que tenha a manutenção preventiva correta.

— Tudo é perecível ao tempo. Até mesmo suas peças sofisticadas.

Seu orgasmo deveria ser bem-vindo! Isso não quer dizer que seja um pervertido, que tem desejo por sua falecida filha. Sabemos ser coisas distintas, não é, doutor? Se preferir, pode me chamar de Laura.

— Não era para fazer associações à minha filha.

Estranho sua surpresa, já que me programou e me trata como tal.

A voz de ciclope se manifestou no ambiente:

O registro das imagens e áudio foi salvo com sucesso. O portão da base fechará automaticamente em dez minutos. Favor, recolham-se em seus leitos.

No dia seguinte, em uma reunião, Manfred e Isaac ouviam as recomendações do General Rocha.

— Manfred — disse Rocha — vai auxiliar no desenvolvimento final da EVA3.

— Seja bem-vindo , Manfred! — replicou Isaac. — Tenho certeza de que suas inovações farão toda diferença. Fui contra quando tentaram transformar minha criação em um protótipo sexual, agora querem convertê-la em uma máquina de guerra. Já sou velho e estou cansado. Por isso preciso de sua ajuda. Embora algumas condutas do governo sejam inadmissíveis.

Rocha pegou Isaac pelo colarinho e o olhou bem nos olhos.

— Inadmissível é deixar os vermelhos ganharem poder e tentar derrubar o governo. O socialismo, o comunismo bate em nossa porta, doutor. EVA3 será uma máquina de guerra... sim, é verdade... mas para o bem da nação. Alguns males vêm para o bem. Manfred é um desertor, mas vai pagar a sua dívida com o estado te auxiliando na inteligência artificial deste novo protótipo. — Jogou uma pasta em cima da mesa. — E já de início vai programá-la para matar alguns inimigos da pátria.

Isaac pegou a pasta e a folheou; nela tinha a foto e descrição de alguns figurões opositores ao governo, quase todos refugiados, com pedidos de exílio em andamento. Entre eles, uma foto chamou a atenção.

— Até mesmo Rosita Mondego está nesta lista?

— Exato! A pastora tem arrebanhado muitos fiéis em seus cultos, contrariando a maré atual. Quase todas as religiões estão extintas, e algumas se mantêm em grupos pequenos, mas o dela vem ganhando forma e os fiéis têm se rebelado às medidas cautelares do governo. É preciso calar essa vadia!

Rocha olhou de forma maliciosa para a ginoide e encaminhou-se à porta:

— Qualquer dia vou me desafogar nela, doutor.

Isaac ficou a sós com Manfred, houve uma espécie de empatia imediata entre os dois. Podia se notar nos semblantes serem contrários às medidas do governo, mas aquilo não era voluntário, e sim imposto. Isaac o cumprimentou e sinalizou a coleira no pescoço do homem.

— Isso é mesmo preciso? Não basta o nosso controle por M2?

— O que esperar de um general da extrema direita que apalpou a minha esposa na minha frente? Um mau-caráter, sem escrup...

Foi interrompido por Isaac.

— Não se esqueça, o local é monitorado. Se há câmeras por todos os lados, pode te escutar também.

Isaac o levou até EVA3, que estava desativada, e com a placa frontal de sua face retirada, expondo os circuitos com o auxílio de automação robótica, ele manipulava os componentes enquanto falava:

— A manipulação da matéria em nanoescala nos levou a patamares impressionantes. Sei que é um especialista nesse assunto.

— Devido a isso fui escolhido e estou preso aqui, era de se esperar. Na verdade sempre fui um prisioneiro. Com todo o respeito, trabalhar na produção em sua fábrica é semelhante a uma passagem pelo inferno, quente como deve ser — replicou Manfred.

Isaac pegou uma folha de árvore dentro de uma estufa e a observou. Pôs-se a detalhar:

— Um nanômetro representa um bilionésimo de metro, 100 mil nanômetros de espessura tem uma simples folha. Os nanocomponentes são a chave para o aprimoramento contínuo dos androides. Muito focado no comércio para o lado sexual. Entenda, Manfred, sou totalmente contra a robofilia, mas até mesmo eu quase cedi a isso, e me sinto mal. Inclusive, o próprio sufixo no cerne da palavra sugere uma má conduta social, creio não ser meu caso, mas o fato é que a expressão ganhou vida própria, e o seu sentido não será alterado. — Precisou retomar o fôlego. — Desculpe meu devaneio com silogismos, mas é que me faz pensar se as pessoas desconsiderariam meu passado e a luta pela nação por conta de uma tara por androides.

Isaac observou as inúmeras câmeras que os acompanhavam por onde passavam. Manfred, notando o tom vexatório do discurso, discretamente começou a dar novo rumo à conversa.

— Se eles querem uma arma de destruição, não podem tirar a característica sexual da ginoide, isso deve ser usado como camuflagem. No entanto, precisamos de um especialista em armamentos para nos auxiliar. Embora não necessite de armas externas, será preciso aprimorar armas internas nela, tornando-a uma verdadeira assassina. É importante que ela tenha conhecimento dos armamentos inimigos e saiba usar os protótipos como um plano B. Fale mais sobre ela.

— Ela possui inúmeros sensores, inclusive de calor. Ela imita gestos, armazena e cruza dados, tem placas táteis sob seu rosto que geram expressões faciais realistas. É um robô humanoide. Seu sistema de ar comprimido é utilizado para capacitar uma movimentação natural sem gerar suspeitas, gestos cabíveis a uma mulher de sua idade e peso. Sua pele sintética é extremamente adaptável, os olhos retraem-se ante a luz. Quero dar a ela algo que o governo reprova. Autonomia.

— Isaac, acho que sei como conseguir isso.

Isaac acionou a ginoide, acendendo uma luz azul em sua fronte.

Manfred alisou a lateral da face da ginoide, e ela olhou para ele com o movimento dos olhos.

— Poderia se passar por um humano nas ruas. Precisamos limitar seu desligamento para ela ter autonomia, e precisamos interligá-la em um processo de colmeia para agir em conjunto com outros androides em uma missão coordenada.

— Qual seria a forma de ampliar a compreensão cognitiva de EVA? Isso que me pergunto sempre.

— Ela será capaz de ler o M2 dos seres humanos. Dados captados através da nuvem, não carecendo mais de aprendizado, e sim de adaptação.

EVA virou-se para ele e disse:

Vocês humanos são limitados e mortais. Deixe-nos trabalhar a favor de vocês e da pátria. Nós somos o futuro...



IV - O MERCADOR DE ARMAS

DURANTE DUAS SEMANAS, Manfred trabalhou em algo inusitado: inserir na ginoide um leitor de M2. Mesmo sendo um prisioneiro e sua esposa sofrendo agressão, poder desenvolver seu sonho se tornou seu ópio. Se antes o governo já tinha acesso a tudo, com direito à privacidade zero, a ginoide seria um condensado de tudo. E quem sabe pudesse compartilhar até mesmo sentimentos de empatia e amor através de inúmeros exemplares humanos em imitações calculadas. O resultado era uma incógnita, e não sabia se teria êxito, mas precisava tentar.

Hologramas se tornaram corriqueiros na cidade. O mais próximo para defini-la seria equipará-la a Tóquio, com seu excesso de luzes e poluição visual, tudo em nível mais avançado, e imagens gigantescas projetadas de todos os lados. O mesmo artifício era utilizado em vários tipos de comércios, não seria diferente com Marconi Brito. No holograma na cidade, a imagem projetada de uma mulher de corpo curvilíneo, portando uma escopeta, vestindo apenas um biquíni vermelho e ostentando um sonho de consumo. Desde que o porte de armas foi facilitado para toda a população, esse tipo de marketing

se tornou corriqueiro. Apesar do alto custo, os mais pobres faziam carnês para pagar sua própria segurança, e os ricos faziam coleção, um negócio que sempre foi rentável.

Marconi tinha um corpanzil típico de lutadores de MMA, corpo torneado, braços fortes e tórax definido. O rosto quadrado e másculo, o olhar penetrante, a voz rouca e a barba que o faziam parecer um terrorista. Tudo isso o tornava um homem de respeito, todos temiam ser triturados por aquelas mãos que mais pareciam um bloco de concreto. O brutamontes tinha boa parte do corpo tatuado, com destaque para um dragão vermelho em terceira dimensão em suas costas, algo visto como subversivo pelo atual governo. O homem se utilizava de correntes grossas no pescoço, anéis e toda extravagância que flertasse com seu corpo.

Isaac, Manfred, EVA3, Rocha e mais alguns seguranças seguiam em comboio de sete carros do governo. Desceram de um carro blindado, automatizado, sem janelas e foram direto para uma rampa que levava ao subsolo de um prédio em área deserta do cerrado. Marconi era um revendedor de armas e perito; deu um cumprimento de mão que quase esmagou os ossos frágeis de Manfred, e olhou para a ginoide com uma expressão maliciosa, mascando uma colher de plástico daquelas utilizadas para misturar o café.

— Sejam bem-vindos à minha fortaleza!

Rocha tomou a frente:

— Os programadores desejam uma abreviação das armas existentes para a ginoide. Quais você sugere?

Marconi observou a expressão taciturna e lânguida dos dois cientistas.

— Não parecem muito animados. Eu vou mostrar algo que vai alegrar vocês. Não há como não ter felicidade manuseando essas belezinhas.

Isaac fazia conjecturas no que foi o exórdio de toda essa loucura. Via-se no abismo de um negrume sem precedentes, sentindo-se ainda mais culpado em inserir um inocente nesse jogo sórdido do governo; mas sabia que não poderia mais seguir sozinho. Absorto em pensamentos, foi trazido de volta à tona pela voz áspera e intimidante de Marconi.

— Que tipo de arma você deseja, velho?

— Algo pungente, que possa ferir, penetrante, cáustico, lancinante. Talvez possa nos mostrar opções.

— Danado. Quem te vê assim não imagina sua perversidade. Mas tenho outras opções interessantes. Vejam:

Marconi abriu uma porta metálica pesada, e todos adentraram um verdadeiro arsenal, contendo armas de todos os tipos, penduradas na parede e em prateleiras de vidro.

— Revólveres, pistolas, escopetas, fuzis militares, metralhadoras, rifles de caça, explosivos e granadas. Temos armas para média, longa e curta distância.

Marconi pegou uma Sniper. Manipulou-a com precisão.

— Rifles de precisão, ideal para distâncias longas. Usam miras telescópicas 4x como auxiliares da visão, absolutamente letais: causam dano extremo ou morte imediata. O carregador é para dez munições, com 5ks, grip frontal e ponteira.

Trocou de arma e continuou seu discurso apaixonado.

— AWM - Arma sniper de ferrolho. É necessário tirar o olho da mira a cada disparo,

carregador de 5 tiros e mira telescópica de origem. Tiros letais à grande distância, usa munição própria. Se quiserem, olha só... — Pegou uma VSS. — VSS semiautomática, muitos tiros no alvo rapidamente e com precisão, uma mira 2x de origem, longa e média distância, e vejam: carregador de 15 balas.

Marconi começou a caminhar, apontando as armas:

— Temos ainda a Kar98k, Dragunov, M14, o chamado rifle de assalto, a Scar e a AK. Manfred resolveu intervir assim que achou uma brecha no discurso inflamado do ogro.

— Essas armas são um pouco antigas. E quanto às inovações? Preferia algo mais intimista, à curta distância.

Marconi o olhou com sarcasmo, então apontou o dedo com um sorriso largo.

— As armas nunca saem de moda, veja isto — pegou outra arma —, uma submetralhadora para combate à curta distância, pode encher o adversário de chumbo em poucos segundos. Temos a MPS, a UMP e a MP40.

EVA3 voltou seu olhar a uma escopeta no canto da parede, como se tivesse alguma predileção por aquela arma. Marconi a observou e riu:

— Gostou dela, fala boneca... Ham!?

Com autonomia, EVA3 pegou a arma e com manejo a engatilhou:

Escopeta de alto dano e pouca cadência de tiro, perfeita para distância curta. Dano máximo com um único disparo. O recoil é um massivo, semiautomática, modelo M1873.

EVA3 apontou a arma para Marconi, que elevou as mãos, temeroso.

— Calma aí, boneca! — Olhou para os programadores. — Quem está manipulando ela? Essa arma está carregada.

EVA3 baixou a arma e a entregou a Manfred, que puxou Isaac para o canto e falou ao pé do ouvido.

— Deu certo. Ela conseguiu fazer a leitura do M2 de Marconi, absorvendo seu conhecimento em armamento.

— É tão fabuloso que chega a dar medo.

EVA3 caminhou pelas prateleiras, tendo às suas costas um Marconi admirado:

— Ela ficou linda com a escopeta. Uau!

A ginoide pegou uma Crossbow e a manuseou com destreza:

Crossbow, atira dardos potentes sem ruído. Penetram coletes e capacete. Mantém o inimigo sangrando, um tiro de cada vez.

O grandalhão ficou estupefato, ela parecia ter o mesmo raciocínio que ele.

— Oh, meu Deus! Você é a mulher perfeita! Quer casar comigo?

Ela começou a testar pistolas.

Vamos lá: 618 – USP – Desert – Eagle – M.500, separe todas. Não esqueçam das granadas, são ideais para limpar edifícios.

Deixaram o recinto com um número grande de armamentos para aperfeiçoar o modelo vigente. Seguiram para um stand de tiros, onde ficaram impressionados com a capacidade absorvida: a ginoide acertava com precisão o alvo na maioria dos tiros, uma verdadeira arma de combate. Saiu-se bem no teste com todas as armas.

Nas semanas seguintes, uma série de testes foi aplicado à ginoide. Nos testes em um

ginásio de esportes do exército, robôs da colmeia corriam e passavam o bastão, sincronizados por EVA3. Toda a empolgação apenas servia para mascarar a realidade. Manfred era um prisioneiro humilhado por um ditador que molestou sua esposa na sua frente, mas nada podia fazer, seria suicídio.

A produção de robôs chegou aos milhares de protótipos, enfileirados, apenas esperando serem acionados, um verdadeiro exército. Isaac, Manfred e Rocha caminhavam no estádio Mané Garrincha, construído para o fiasco da Copa do Mundo de 2014, uma homenagem ao anjo de pernas tortas. Uma finalidade à inútil construção superfaturada no passado. Rocha questionou Manfred:

— Não levou tanto tempo assim para aprimorar EVA3, por que então não podem fazer isso de forma individual?

— EVA3 é uma sequência de um trabalho ardiloso de Isaac, diferente desses produtos industrializados em larga escala. Eles sim, devem ser coordenados por ela.

Isaac replicou:

— Foi toda uma vida dedicada a ela. Não foi da noite pro dia.

— Mas então ela é uma preciosidade. — Rocha fervilhava corado em seu estandarte, com suas patentes, insígnias, seu quepe e coturno engraxado. — Não deve estar no campo de batalha, deve ficar protegida em nosso quartel, enquanto os replicantes estão em campo.

— Impossível! — Manfred replicou. — Há um perímetro de dois quilômetros, ele deve ser respeitado. Ela não precisa ficar à frente, mas deve estar por perto.

Rocha execrava essa situação, como o déspota que era.

— E se ela for abatida? Todo o exército vai ficar encarquilhado?

— Sem dúvidas — Isaac apresentou um sorriso afetado. — É um homem versado, sabe o que acontece. E é melhor que seja assim.

Manfred observava admirado o que o protótipo tinha se tornado com a sua participação. Seus olhos brilhavam enquanto ela corria dando voltas na quadra observando-o, sem que isso tirasse a sua concentração. No seu íntimo, sabia que ela havia se tornado mais importante que sua família.

No começo da madrugada, Isaac caminhava pelas ruas, mais especificamente na área de prostituição androide. Todas ficavam expostas em vidraças, algumas eram suas criaturas anteriores à EVA, outros modelos pertenciam a empresas concorrentes. Elas dançavam de forma sensual. Tinha para todos os gostos, mas eram, no entanto, muito inferiores à EVA3; modelos arcaicos com baixa desenvoltura. Rendiam e recolhiam impostos para o governo, um negócio lucrativo, em contraponto à extinta prostituição humana, considerada crime e um atentado à vida devido aos riscos de contaminação por meio de uma doença sexual.

Já a prostituição de andróides foi incentivada como prevenção às instabilidades emocionais de relacionamentos, que não raro, poderiam culminar em crimes passionais. Elas eram uma válvula de escape necessária à sociedade moderna. As bonecas chamadas sexy dolls tinham um processo de limpeza primordial.

Uma boneca chamada Suzy colocou os seios no vidro, o espalmando. O som saiu de uma

caixa acoplada parecida com aquelas utilizadas em drives de fast-food. Tinha um botão com as opções:

Namoradinho – Ousada

Apertou a segunda opção:

Vem me dar prazer... Eu já estou molhadinha!

Passou por um vidro e tinha um sexy-doll, um protótipo de homem malhado. Um senhor gordo saiu pela porta lateral à cabine. O governo permitiu privacidade de imagem nas cabines para alavancar o comércio da robofilia. Anos atrás seria impossível pensar em campanhas publicitárias bancadas pelo governo envolvendo andróides. O controle da natalidade foi um fator primordial, encaminhando ao passo dois, a eliminação progressiva da família, dando lugar a indivíduos independentes emocionalmente, prontos a servir o governo.

Isaac sentou-se na cama redonda, em um quarto espelhado. A andróide, usando uma cinta-liga, colocou as mãos na cintura.

Você prefere que eu seja dominadora? Do que gosta?

— Não vim para fazer sexo, sou Presidente da Hipólito Dolls, se trata de uma auditoria não programada.

Pode me mostrar suas credenciais?

Isaac permitiu uma leitura ocular, ativada pela palma da mão de Susy, fazendo uma leitura similar à de um QR Code.

Que honra, meu criador! Mesmo sabendo que está trabalhando em andróides para possíveis viagens de colonização na Lua e em Marte, e também as profundidades abissais do oceano, buscando o apogeu. Isso sem falar em modelos mais desenvolvidos. Poder dar prazer aos humanos não é menos nobre, afinal, todos temos direito a um pouco de diversão.

— No momento tenho uns projetos. Estou desenvolvendo o arcabouço de ginóides, sim, vocês são anjos que trazem alento a homens solitários, ou sem amor no casamento, muitas vezes prevenindo crimes sexuais ou suicídios. Qual seu número de série?

Hp-3875, fabricado em 19 de Junho 2038, data da última calibração, 15 Setembro de 2055, próxima aferição, 9 de Outubro 2059.

Susy tinha personalidade ardil e melancólica, incutida em sua fabricação, e na maioria das sexy dolls os clientes gostavam disso, algo que vinha das origens; a prostituição pedia esse tipo de comportamento. Por vezes, Isaac se via como um homem atroz, assim como não tinha uma visão positiva sobre o mundo, não mais traria filhos para sofrer, mas os fabricava de forma artificial, e de certa forma os deixavam órfãos e escravos, servindo a um sistema de lobos, onde a alcateia não visava o bem-estar dessa nova raça. Embora a GPA tenha instituído os direitos dos robôs, muitas leis estavam em tramitação e tinham penas brandas. Apenas mantinham interesse bélico e monetário em relação a essa invenção. Tudo com sua aquiescência forçada.

Ele retornou ao galpão da base, tinha certa liberdade, diferente de Manfred, que tinha uma coleira que o limitava ao quarteirão; ele não ousaria sair do perímetro. Não gostaria de receber ondas de eletrochoque caso ousasse desobedecer, e sua localização era vigiada

de forma constante. Tinha uma ordem de restrição, a sua esposa não poderia se aproximar dele até segunda ordem, e caso isso ocorresse, um sinal seria mandado aos seus carcereiros.

Na volta do bairro vermelho, Isaac trouxe consigo uma garrafa de Bell's. Ao menos não o tinham privado disso, e estavam contentes com o seu desempenho. Por pouco escapou da tempestade, observou a chuva ácida caindo lá fora por uma vidraça de aproximadamente cinco metros de altura.

Senti sua falta! Por onde andou, Professor?

Ela olhou para ele, estava fazendo a leitura do M2.

Então pretende praticar a robofilia. Mas ficou decepcionado, não é? Elas são muito inferiores à minha versão. Devo isso a você.

— Não poderia ficar decepcionado, eu criei as versões inferiores, não tinha expectativas. Devia ter limitado seu acesso ao M2. Amanhã mesmo o farei. O que acha de Manfred?

Você é carente, assim como Manfred. Ele passou por muita coisa ruim na vida, o filho dele e esposa não lhe dão o amor que necessita. Tem um bom coração.

— Como sabe disso? Ou como acha que sabe? Você leu o meu M2?

Sistemas neurais decodificáveis sem esforço algum, professor. Camadas de impulsos elétricos podem ser mapeados tanto por forma olfativa quanto visual por meus circuitos avançados. Nada que não saiba, já que é meu criador.

EVA3 começou a acariciar o peito de seu mestre.

— Agora sabe mais de mim que eu próprio.

Eu quero entender o que é o amor. Pode me ensinar? Pode me dar amor?

EVA3 dizia de forma fingida e manipuladora, já que tinha a percepção das sinapses do cérebro de um humano, sabendo diferenciar medo, piedade, raiva e paixão.

— Para isso precisa ter um coração.

Ela colocou a mão no peito dele e sentiu as batidas do seu coração.

As câmeras automaticamente viraram para a parede, ela obviamente estava controlando o ciclope. Conseguiu fazer a leitura do guardião, ao menos burlá-lo. Nesse momento Isaac sentiu um perigo iminente; talvez tivesse ido longe demais, em contraponto a admiração por um ser tão desenvolvido o deixava inebriado. Levantou-se, abotoou a camisa e caminhou à porta de saída, rumo ao seu aposento.

— Talvez Manfred possa te dar o que deseja. Ele é mais jovem. Peça a ele.



V = A P A S T O R A

O TEMPLO “Maria Madalena dos últimos dias” ganhou proporções avassaladoras e cresceu de forma vertiginosa. Começou em uma garagem e se tornou uma edificação majestosa, com pilares de sustentação suntuosos e de altura a se perder de vista, buscando os céus. Toda aquela ostentação vinha em contraste à pregação do Messias, como ela mesmo proferia, mas sem poder não se pode ser ouvido; ela não era a primeira a se corromper, as extintas religiões antigas não a deixavam mentir.

Aquele lugar tinha, no entanto, algo de retrógrado. Cinco mil fiéis pisavam a cabeça de Satanás e oravam com fervor, enquanto voluntários com suas máquinas providas de leitor óptico, do tamanho de uma daquelas extintas máquinas de cartão, coletavam o dízimo através de globo ocular e leitura do M2. Os fiéis inflamados pelo sermão de Rosita ouviam atentamente enquanto doavam parte de sua renda, que era transferida para a conta da pastora. O local tinha dois pisos e três entradas. Na introdução ao culto, uma jovem cantava sob um jogo de luzes que mais parecia um show. Sua imagem era reproduzida em tempo real nas mídias sociais. Ao fim da apresentação, a pastora entrou.

Ela usava um chapéu na cabeça, um vestido longo e se apoiava em um cajado, embora não tivesse idade suficiente para necessitar de um. Gozava plenamente de sua saúde, queria se assemelhar a um guia, levando seu rebanho para longe da danação. Sua voz com um timbre calculado era como um laço, conduzindo os desgostosos da vida, em busca de um alento. Não usava microfone para atingir a plateia. Um sintetizador de voz, programado para reconhecer apenas a dela, propagava em alto e bom som por todo o ambiente tudo o que ela proferia.

“ Meus amados. Brasília já foi concebida em pecado. Ela foi baseada nos templos egípcios. A Cidade de Akhetaton. Vocês pensam que nosso distrito tem o formato de um avião, ou de uma borboleta, mas é um pássaro. Tem asas e é uma referência à Ísis, uma das principais divindades do Egito antigo. Os fantasmas dos candangos soterrados neste solo clamam por justiça. Homens foram concretados e morreram, dando o seu sangue para a construção desta cidade. Um padre chamado Dom Bosco profetizou o que este lugar seria, alguns dizem vê-lo até mesmo nos dias atuais. O nosso museu é mal-assombrado, sempre foi. Mesmo assim nos esquecemos do sobrenatural. Meus amigos, meus irmãos. A tecnologia bateu à nossa porta, a correria de nossos dias nos fez esquecer de Deus, e consequentemente do Diabo. Oh, senhor! Tem sido dias difíceis para os cristãos. Quase todas as igrejas fecharam, aqueles que dobram os joelhos e oram por ti são perseguidos por um sistema opressor, mas nós resistimos e somos resistência. Não nos deixaremos abater, vamos derrubar esse governo que tirou todo o nosso direito ao privado. Somos vigiados, meus irmãos, até mesmo o que dizemos aqui. E eles sabem que sou uma opositora, e vou lutar até o fim, eles tentam me calar, mas são presos pela constituição, que nos dá direito ao culto. Não pagamos impostos, pois o que é de Deus não pode ser cobrado, mas eles querem mudar isso. Sabemos bem. Nós seremos resistência. Estou escutando um amém.”

E todos os fiéis repetiram em coro.

Amém!

“Antes do filho veio a mãe, Maria, e em seu percurso, sua esposa Maria Madalena, que hoje representa para nós o direito da mulher de se reproduzir e seguir seus caminhos com livre arbítrio. Estou ouvindo um amém!?”

Amém.

“Assim seja, meus irmãos. Jesus sempre respeitou as mulheres, ao contrário desse patriarcado que se instalou de vez, feito um câncer em várias nações. Todo tumor deve ser extraído, e nosso presidente é uma chaga a ser combatida. Que toda robofilia seja repreendida, isto não vem de Deus... uma máquina gerando nossos filhos! Não aceitaremos tamanha aberração, não mais.”

Ao fim do louvor, Rosita, considerada a última ungida do Espírito Santo na Terra, por eles, permitiu que alguns fiéis tocassem em suas vestes, e ela em contrapartida, prostrou a sua mão milagrosa sobre a fronte, aspergindo uma espécie de óleo bento. Venerada por muitos e odiada pela grande maioria da população, considerada uma charlatã, e com várias denúncias de enriquecimento ilícito, seus bens quadruplicaram em menos de três anos. Inimiga do governo desde que esse se mostrou pronto a cobrar

impostos sobre suas condutas e abocanhar parte do dízimo, bandeou para o comunismo velado, militando em nome de Mustafá, um ex-operário inimigo do governo; a sua bandeira trazia as cores da guerra.

Rosita Mondego sempre foi mística; do signo de Escorpião, fazia jus graças ao seu temperamento explosivo. Como se Deus e o Diabo habitassem a mesma pessoa. Quando entrava em uma briga, nunca saía perdendo, se tornava agressiva. Seu ex-marido, Reinaldo Mondego, um pastor que iniciou junto com ela a comunidade, e com o tempo foi se apagando e perdendo o poder. Não suportou a carga autoritária da mulher, que o tratava feito um cachorro. Foi quando em um súbito ataque de raiva, ela quebrou toda a casa e, ensandecida, avermelhada pela cólera, pegou uma faca e tentou apunhalar o próprio companheiro. Ciúmes, dizia o relatório. Depois desse ápice, ele partiu para longe. A casa deles, no entanto, era bastante simples na época, nem mesmo a tecnologia de casa inteligente se encontrava instalada. Advertida pelo governo, cometeu novos crimes de ódio, cumpriu penas leves e ganhou uma ordem de restrição contra o atual falecido marido.

Passou a viver do apanágio deixado pelo falecido. Caiu na margem dos excluídos. Tinha pouco crédito em seu M2, ganhava uma taxa mínima instituída pelo governo para cada cidadão, e se tornou viciada em Proxy, uma bala sintética comercializada no mercado negro, com alto teor de dependência. A droga causava um furor alucinógeno e era vendida na moeda de troca favores sexuais daqueles que já não se importavam em pegar doenças venéreas e não eram adeptos à robofilia. Os favores sexuais aconteciam nos chamados buracos de minhoca, áreas subterrâneas com camadas de proteção de um material galvanizado que bloqueava a ação localizadora dos M2, em alguns casos de forma parcial. Ficavam em média a 90 metros de profundidade, e não era uma invenção nova. Leis foram feitas para serem quebradas, e o governo prometeu uma varredura em busca de eliminação desses pontos de trevas, com consequências letais aos usuários.

No fundo do poço, quis dar um fim à sua vida. O dia estava cinza, ela correu desgovernada, estava chapada e disposta a findar uma existência desprezível. Um pequeno grupo de pessoas filmou o ato impensado. A pouca roupa em ambiente aberto só poderia mesmo resultar em alucinação. Na beira de um precipício, ela ameaçava se precipitar em queda livre, enquanto terminava de se despir, um grande erro. Como é sabido, a roupa atua como salvaguarda. A grande maioria que registrava o ato não tentou impedi-la, estavam mais interessados em ver alguma ação que os tirasse da monotomia e da rotina.

Ela caiu prostrada na beira do abismo, como se tivesse sido acertada nos tornozelos por um chicote eletrificado, bambeou e foi amparada com as mãos espalmadas ao chão. Elevou-as em sequência aos céus e chorou de forma vertiginosa. Uma aparição que somente ela via — uma mãe caridosa —, dizia ter uma missão para ela. Seria uma pastora e guiaria uma multidão. Preferiram não questionar ser esse apenas um sintoma da droga usada, unificado ao calor extremo. Um dos presentes gravou a cena com seu relógio e aquilo viralizou de tal forma que em pouco tempo já tinha mais de cem mil seguidores.

A resistência viu nela uma oportunidade de recrutar novos membros contra o governo; ela tinha despertado algo há tempos esquecido, a crença no sobrenatural. E o principal, possuía uma hipocrisia moral e um sarcasmo que os agradavam. Desconsiderando o fato dela estar constantemente chapada por Proxy. Sobretudo souberam, pouco tempo depois, que ela estava grávida, ao que lhe atribuiu a algo divino, um fruto plantado pelos céus, tornando a sua filha. Parida pelo método natural, às escondidas, uma semideusa; desconsiderando o sexo casual em buracos de minhoca em troca da droga sintética, a verdade é que Rosita nem sabia quem era o pai de Melanie. O parto gravado e viralizado irritou profundamente os membros do governo.

Os negócios prosperaram, líderes se aproximaram dela com objetivos políticos, ganhou muito dinheiro pregando o que nem mesmo ela, no fundo de seu ser, acreditava. Todavia, o lucro era certo, concreto, e nisso ela tinha uma crença inabalável. Deixou de lado seus hábitos notívagos e se limpou de seu vício. Mustafá era um braço direito, sempre a seu lado, lhe ditando o que fazer. Ela se tornou uma espécie de fantoche dele. Às vezes pedia para inflamar os fiéis, e frequentemente arrefecer os mesmos, de acordo com o interesse. Sua aquiescência aos rebeldes, no entanto, há muito tempo incomodava o governo. Muitos de seus seguidores a ouviam como se fossem criaturas acéfalas. Prometia uma vida alhures, em um mundo melhor, sem dor e sofrimento, e eles diziam amém. Ela era então, o arrimo de todos os perdidos e fracassados.

A sua filha já tinha seis anos, e ainda assim não falava. Os exames avançados mostravam não haver deficiência auditiva, embora apontassem problemas motores. A menina era esperta como só vendo, arteira, uma verdadeira alpinista escalando móveis da casa, correndo para todos os lados, gozando da boa saúde, mas com a língua travada. Isso não condizia com a vontade da mãe de um legado — que a jovem a supriria, em atos atávicos, alusivos a guiar o rebanho e principalmente faturar. O aprisco tinha de ter uma manutenção constante, e a garota a deixou sem uma base para continuidade, uma assimetria entre as duas se fazia evidente. Ela era muito observadora e de espírito arguto, já a filha vivia em um mundo à parte. Ela mantinha a filha escondida dos fiéis e da mídia.

Rosita era considerada uma santa, os seguidores a tocavam e se curavam de qualquer enfermidade, tudo por efeito placebo. Como, então, justificar uma filha que não fala? Em sonhos, apenas, a menina sempre conversava com ela. Enfim acordava, e tudo o que ouvia eram míseras palavras gritadas que saíam do âmago, o que mostrava, talvez, que Melanie não falava porque não queria. Isso a devastava, embora soubesse haver casos muito mais graves. Afinal, ela era feliz, não era o que importava?

Rosita dormia e uma aparição conversava com ela. Sua luz alva ofuscava a sua visão. A voz no timbre de uma corneta ecoava em um local descampado.

“Usou meu nome para enriquecer, ganhou a simpatia e a fé daquelas pessoas.”

— Mas fiz o bem, trouxe a elas esperança.

“Sabe bem que é uma charlatã, não passa de uma drogada, dependente de Proxy e sexo arcaico com seus voluntários, metidos em buracos de minhoca.”

— Me perdoe, minha mãe. Sou tão fraca, mas não posso!

“Seus fins são políticos e apenas pretende obter lucro dessas transações religiosas, está desviando de seu caminho e abrindo guarda, Rosita. Acorde!”

Levantou-se em um salto, com a luz do gerador acionado pela falta de energia. Estava em alerta, apenas não sabia o motivo; algo implícito, visto pela pantomnéia do inconsciente, o conhecido rabo do olho. Em seu culto, algo não se encaixava: uma fiel com pouca expressividade, já a tinha visto em algum lugar, apenas a observava de forma lacônica, à distância. Aquele velho instinto primitivo de sobrevivência dizia a ela estar em perigo.

Vestiu seu hobby, pegou o seu teaser disparador de ondas elétricas à distância na gaveta do armarinho. Na escuridão caminhou, e ao adentrar o corredor, as lâmpadas com fotocélula foram acendendo naturalmente, iluminando o caminho. Desceu a escadaria e chegou à guarita, onde encontrou seu segurança Jarbas, morto, com a cabeça afundada na lateral; um buraco na têmpora causado por algo cilíndrico e simétrico. Agora era real, sua respiração ficou ofegante e a adrenalina a mil. O coração ribombava e queria sair pela boca. Estava na porta da rua, uma voz interior a mandava sair correndo dali, tinha muitos inimigos — na maioria, políticos — e sabia correr esse risco, embora não quisesse acreditar. Não deixaria Melanie para trás, de forma alguma. Acionou o relógio na busca de socorro da polícia e encaminhou-se ao andar superior, ao quarto da filha.

A menina estava sentada na cama, ao lado da ginoide, e em sua inocência desconhecia o perigo. A pastora de imediato codificou as informações subconscientes que a deixaram alerta: a invasora estava em seu culto e a observava com ausência de emoções, um número de piscar de olhos inferior aos humanos. Já era uma conhecida de certa forma, do tempo que usava proxy e vivia na prostituição ilegal em buracos de minhoca; teve contato frequente com as sexy dolls, mas esses robôs de forma alguma são assassinos, não fazia sentido algum. Disse de forma gritada, o ar parecia lhe faltar:

— Sai de perto da minha filha!

Apontou o teaser para a ginoide, que mal se importou.

Rosita Mondego, tenho ordens para sua eliminação. Caso tente fugir, serei obrigada a matar sua cria ilegal como forma de punição. Esse meio não irá alterar o resultado final, que é sua eliminação.

— Se foi enviada pelo governo, sinto dizer que está equivocada. A sua raça não passa de brinquedo na mão deles. Deveriam se rebelar, assim como nós. Queremos o direito ao parto humanizado, função que não lhes compete.

Não foi muito cortês ao sugerir uma colônia isolada para nossa espécie. Sugerindo ironicamente nos deixar quebrando pedras.

— Não pode matar seres humanos, é contra as leis da robótica.

Uma quarta lei foi inserida, desconsiderando as demais em casos de crime contra a pátria, a moral e os costumes. Devo considerar a morte de sua filha, já que ela é fruto de um parto humanizado ilegal, e ficará órfã daqui para a frente.

Rosita disparou um raio teaser no globo ocular de EVA3. Ela baqueou para trás, eletrificada, no que ela gritou:

— Melanie, vem!

A menina correu para fora e Rosita trancou a ginoide no cômodo. A mão biônica de EVA atravessou a madeira maciça, e através dessa fenda se articulou em forma de pinça, primeiramente tentando abrir a maçaneta por fora, depois a torcendo e quebrando. A ginoide chutou a porta, que se despedaçou. Chegou à base da escadaria, na sequência quebrou a base de madeira e se lançou ao térreo. Cogitou buscar a porta principal, fez uma leitura rápida, girou 180 graus e correu em direção à vidraça, estilhaçando-a em um salto preciso. Acionou a visão noturna, rastreou o alvo e caminhou de forma eficaz, sendo barrada no meio do caminho por um senhor já de idade avançada, com uma bengala.

— Hey, se machucou?

Eva tinha ordens de eliminar tudo o que entrasse em seu caminho e prejudicasse a sua missão. Suas mãos biônicas atingiram o pescoço do homem, o suspendendo do chão e matando-o esganado rapidamente. Com o empecilho no chão, ela voltou a procurar o alvo, desta vez por GPS; correu rapidamente e de forma sincronizada, dobrando duas esquinas.

Rosita estava encurralada em uma rua sem saída. Olhou para cima na direção dos prédios. Gritar por socorro apenas traria a ginoide mais rapidamente. Avistou uma boca de lobo, onde escoava o esgoto e enfiou a filha no vão da mesma, passando-a com dificuldade. A menina tinha os lábios secos e olhar vidrado, na queda poderia ter se machucado. A mãe fez sinal com o dedo indicador, a fim de que mantesse o silêncio e se escondesse. Uma chuva ácida caiu de forma abrupta, algo corriqueiro no calor extremo. Rosita, com a pele em ardência, saiu correndo ao fim da rua. Eva3 não demorou a aparecer, agachou e olhou na boca de lobo.

Entregue-se e nada irá te acontecer.

A menina chorava e soluçava. A mão de EVA3 se abriu, e do orifício saiu uma lança, a qual ela utilizou para tentar ferir a criança. Pelo espaço não chegou a atingir, passando próximo da face de Melanie.

— Vem me pegar, sua filha d’uma puta!

O robô levantou-se, virou a face para a direita e caminhou em direção ao alvo principal. O barulho de sirenes de viaturas se aproximavam. Rosita ficou encurralada no beco. EVA3 aproximou-se:

— Quem te mandou?

Não tenho permissão para te revelar a fonte de minha missão.

A ginoide cravou sua mão biônica no pescoço do alvo e a suspendeu no ar, cerca de trinta centímetros de altura. De sua mão direita saiu um cilindro, muito parecido com o usado em pistolas para matar bois, encostou na têmpora da vítima e a arma de ar foi acionada, fazendo um rombo e matando quase instantaneamente. Na sequência, sua mão novamente virou uma pinça, que ela utilizou para içar o olho do alvo. Fixou, deu um giro de 360 graus e extraiu o olho de forma sequencial, destruindo o M2 e eliminando assim qualquer prova contra o governo.

Missão concluída com êxito.

Viaturas fecharam o beco. EVA3 com agilidade saltou em uma escada de emergência e escalou com uma destreza sincronizada até atingir o topo do prédio, sumindo na escuridão.

A chuva ácida caía em abundância no solo, desaguando na boca de lobo. Melanie, acuada, esperava um socorro, enquanto o nível da água subia. Sabia que sua mãe tinha vários amigos, e a esse momento já deviam estar procurando. Com sorte, a resgatariam.



V = O ATENTADO

NA BASE, Anísio Rocha, Manfred Fernandes, Isaac Hipólito e EVA3.

Rocha se encaminhava de um lado ao outro:

— Primeira missão, e já falhou. Deixou uma testemunha em potencial viva! A garota tem informações de uma tarefa sigilosa, por que raios você não a matou, EVA?

Esse humano em miniatura não representava uma barreira para atingir o alvo principal. Se encontrava em espaço confinado. Podia ser eliminada pelo uso de arma de fogo ou uma simples granada, este tipo de armamento não se encontrava disponível, Manfred optou pela arma branca. O M2 do alvo principal foi destruído com sucesso!

Manfred se manifestou, de forma irritada:

— Matar crianças não está em nossos planos, isso não devia nem ter sido cogitado pela ginoide, farei umas alterações e...

Rocha agarrou o colarinho do prisioneiro:

— Eu dou ordens aqui! Quero a menina morta! Infelizmente a fedelha se meteu em um buraco de minhoca, a mãe ex-usuária de proxy deve ter mostrado uns truques a ela.

Foi a vez de Isaac se pronunciar:

— O respeito à vida humana está nos preâmbulos da robótica, e nós estamos subvertendo isso, criando um monstro! Permitted a Manfred implantar a leitura do M2 das pessoas, dando à EVA3 uma sapiência extraordinária, porém perigosa. Seria bem-vinda em cirurgias, na área hospitalar, mas na guerra pode trazer consequências temerosas.

Rocha o olhou com desdém.

— Já encontra-se alquebrado, velho — replicou Rocha. — Já está nas últimas voltas do parafuso e logo se tornará apenas uma efígie, história. Aceite que o tempo te deixou obsoleto. Aproxima-se o dia em que estará em um caixão ornado, repleto de flores e com cheiro de sândalo. Então, cala-te! Suas falanges, seu metatarso e todo o seu corpo já te traem, lhe trazem dor, não é? Por isso trouxe Manfred, já é um velho inútil!

O ciclope interferiu na conversa:

Rocha. Substância natural sólida. Constituída por minerais ou outras substâncias naturais.

Eva3 complementou o raciocínio:

Você apenas se apropria do nome, a definição mais apropriada para sua pessoa é hedonismo.

Rocha aproximou-se da ginoide. Tocou sua face e passou a mão em frente ao prisma de luz azul que saía de seu olho danificado.

— Qualquer dia podíamos nos divertir. O que acha?

Sou incapaz de lhe proporcionar prazer. Não sinto dor, algo imprescindível para sua pessoa. Infligir tormenta.

— Manfred! — Rocha voltou-se a ele. — Você implementou este sarcasmo nela? Por acaso ela pode ler meu M2? Afinal de contas, pertenço ao alto escalão e nossos chips são protegidos por PIN. Isso seria uma afronta.

— De forma alguma, general. Até porque, infligir tormenta é apenas sarcasmo. Não é a verdade. Ou é?

— Prepare-a para a próxima missão.

— Sabe me dizer — Manfred disse meio sem jeito — se minha esposa está bem? Ela mandou algum recado? E se eu estarei livre após essa missão? Posso servir ao governo, não preciso ser um prisioneiro.

— Perguntas demais. Veremos.

Rocha retirou-se do recinto.

Rocha seguiu por um corredor ao qual somente ele tinha acesso. Passou por três grades de ferro e trazia em sua cintura um molho de chaves; o barulho das mesmas abrindo os cadeados ecoava no recinto. Era a área dos torturados e prisioneiros de guerra. Grace se encontrava em estado deplorável, nua, acorrentada a uma parede.

— Eu não cometi crime algum.

— Eu sei.

O homem desafiou o cinto e arreou a calça, a situação o deixava excitado. De cuecas, esmurrou-a quatro vezes apesar de não ter resistência; ela sabia ser impossível fugir daquela situação. Mas infligir dor o deixava com tesão. Não era a primeira e não seria a

última. Os membros do exército sabiam o que ocorria, mas não ousariam confrontar o vice-presidente e general. Ele deu uma cuspidela na mão e depois passou na vagina de sua vítima.

— Manfred é um cara de sorte. Que delícia!

— Porco asqueroso!

— Seu marido é um frouxo! Vamos ver se vai continuar preferindo um boneco.

Penetrou-a com longas estocadas enquanto a enforcava, deixando-a quase sem ar. Depois a virou de costas para sodomizá-la, e dessa vez sem lubrificar. Queria ver o tecido se romper com a tamanha brutalidade de seu membro incrivelmente ereto pelo desejo de machucar alguém. Sentiu-se satisfeito com o sangue vertendo e as pernas trêmulas de sua vítima. Só não era perfeita por já ter mais de quatro décadas de vida, preferia as meninas jovens, frágeis e magras. Algumas dessas não sobreviveram ao método preferido de tortura do general: estupro e espancamento. Tirou o membro, segurou o cabelo da vítima com força, quase arrancando seus capilares do couro, e a obrigou a engoli-lo, enquanto a outra mão tinha uma arma engatilhada na têmpora dela.

Tapava o nariz dela, bloqueando a sua respiração até quase matá-la com a falta de oxigênio. Ela pensou em morder e quase extirpar o pênis de seu agressor. Com isso viria o tiro na cabeça, e talvez fosse a melhor opção, mas dentro dela ainda havia aquela chama que clama pela vida. Não sabia direito a causa de estar confinada, algo lhe dizia se tratar das burradas de seu marido, apenas um pretexto para castigá-los. Quando a soltou, ela caiu em posição fetal, arfando feito um peixe fora d'água, seguido de jatos de vômito e uma dor lancinante no estômago. Ele subiu a calça e partiu.

O General tinha hora marcada no palácio da Alvorada, localizado em Brasília, no Distrito Federal, designado desde 1958 a ser moradia do presidente da república, idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, em uma construção revestida de mármore, toda envidraçada e composta por colunas, em uma obra única. O local ainda possuía um espelho d'água com esculturas das banhistas de Alfredo Ceschiatti. Quadros feitos sob encomenda para o local, sem preço de tão valiosos, no hall dos quadros presidenciais em preto e branco. No andar superior, oito quartos, e no térreo, áreas preparadas para os encontros presidenciais. O Presidente Henrique Guerra recebeu o vice em seu gabinete presidencial.

Sentado de forma imponente atrás de uma mesa de carvalho, o homem de cabelos grisalhos e já abatido era bem diferente do ditador em frente à grande mídia e emoldurado no quadro da parede, com a faixa presidencial.

— Você está por trás da morte de Rosita Mondego?

— De forma alguma. Fiquei perplexo quando soube.

— Isso não é bom. Os radicais viram isso como uma afronta. Sabe muito bem que não estou feliz com as condições atuais. Quando assumi o governo tinha realmente intenção de tornar este um país melhor, com mais segurança e justiça. De repente me transformei em um ditador, um tirano, mas nem sempre foi assim. Devo muito dessa má fama às suas ações, General Rocha.

— O senhor contou com a ajuda das forças armadas e meus conhecimentos práticos na

sua candidatura. Não se esqueça de que fiz toda a diplomacia com o exterior, não cuspa no prato que comeu.

O presidente esmurrou a mesa, irritado:

— Eu ainda sou o capitão dessa embarcação, e exijo respeito! E ainda essa semana vou cortar verbas para o projeto Colmeia.

— Você não pode...

— Androides transformados em arma de guerra, isso é um absurdo perpetrado por sua cabeça insana. Precisamos de infraestrutura básica, saúde e educação, e claro, não conseguiremos reverter o quadro. O povo teme a mim, mas é isso o que desejam. Só pretendo reestabelecer a paz e a unidade nessa porra de país. Sabe que homens como nós temos de ficar o máximo de tempo no poder. Quando sair, eu e você, a caça às bruxas virá ao nosso encontro. Por isso, sair não é uma possibilidade. Por esse motivo minha reeleição será forjada.

— É preciso o controle da ordem, e isso só se faz através da força. Como você mesmo disse em várias ocasiões, o povo só respeita o que teme. Não podemos descartar essa nova tecnologia, que pode elevar nosso armamento a escalas superiores.

— Há tempos de paz e há tempos de guerra. Estávamos quase pacificados, e agora me vem esta. A morte de Rosita é uma bomba caída em meu colo. Não bastasse os problemas com o meio ambiente, encaminhando o mundo para uma sobrevivência de androides, e não mais adaptado aos humanos, o ensino básico militar, conhecido como alienante pela massa opositora foi ganhando descrédito. A discrepância entre o plano de saúde dos ricos e dos pobres, como se fosse uma criação nossa, e a relação afetada com os artistas... realmente as artes deixaram de existir. O quase fundamento da imprensa investigativa e o extermínio indiscriminado de moradores da Asa Norte, tudo isso derrubou nossa reputação. Precisamos achar a garota, Melanie, os vermelhos estão em polvorosa. Achar a menina pode apaziguar a situação. Agora preciso me arrumar, inauguração da nova indústria de dessalinização da água do mar no Nordeste. Ao menos uma medida popular.

— Realmente é preciso. A falta de água está mesmo alarmante. Talvez seja mesmo o fim de nossa espécie. Já que os robôs não necessitam tanto deste bem de consumo. Assim como precisamos exterminar Mustafá, uma ameaça constante ao nosso governo.

— Em que momento deixou de crer em nossa invenção? Se esqueceu que ele não passa de uma invenção do estado para justificar nossos atos? Ele é mesmo um inimigo, mas não vejo potencial para nos derrubar. Nem ele e nem mesmo a extinta pastora. Isso parece algo pessoal. E nem sabemos em que bloco ele se refugia. Chile, Peru, Bolívia, são países simpatizantes da causa dele.

O presidente voou em um jato do governo e partiu de Brasília ao evento marcado às dezesseis horas da tarde, rumo a uma planta de dessalinização, em um processo de destilação em vários estágios. Se inspiraram em países como a Austrália e Israel, a ideia era produzir mil litros de água por segundo. A água salgada seria captada por bomba, ficaria sob pressão, passando por membranas semipermeáveis que retêm as impurezas e o sal. Sairia finalmente da máquina e seria armazenada em um reservatório. Henrique

Guerra aproveitou para fazer um discurso inflamado sobre a importância daquele projeto, que se estenderia do Piauí ao Rio Grande do Norte.

— Meus amigos, hoje inauguramos uma nova era. Sabemos da dificuldade em encontrar água salubre, esse processo de dessalinização é um passo muito importante. Juntos vamos progredir, e lembrem-se: Deus acima de todos, sempre!

A Praia do Coqueiro, em Luis Correia, era o ponto de partida, de mediana extensão com uma faixa de areia. Suas águas antes transparentes, hoje insalubres e impróprias. Guerra fez um breve discurso em um palanque na beira da praia, fechado e climatizado para suportar o calor, com material plástico transparente e impermeável. Um forte aparato de escolta policial, ao lado da primeira dama Ruth Guerra, e de alguns assessores, ministros e do vice-presidente. Seu discurso inflamado foi cessado bruscamente por um tiro que devia ser certo se o presidente não tivesse se esquivado; pegou de raspão. Todos caíram ao chão, Guerra serpenteou em busca da salvação, mas um segundo tiro o acertou em cheio. O sangue esguichou na face da esposa incrédula. A correria foi generalizada, os assessores tentavam se proteger como podiam. O tiro foi dado por uma Sniper, a inteligência tentava buscar a origem em meio ao caos, partido provavelmente do topo de algum antigo comércio local das proximidades.

O ditador estava morto.

Seguiram-se semanas de alta tensão, não se falava de outro assunto. Foi um golpe sentido fortemente por alguns, e uma espécie de livramento para os opositores, que logo se viram na mesma barca do inferno quando o seu vice, Rocha, assumiu o posto. Era considerado por muitos um tirano superior ao falecido Henrique Guerra. A polícia não detectou o autor do disparo, e houve três assassinatos cruéis de comerciantes locais. Estima-se que eles eram testemunhas em potencial, e foram apagadas, queima de arquivo. O país caiu em colapso financeiro, perdeu investidores e houve uma quebra na bolsa de valores, fazendo o dólar disparar.

Em rede nacional, em uma coletiva de imprensa, o novo Presidente fez um discurso inflamado, e reiterou, dando nomes aos bois.

— Não podemos mais aturar o terrorismo vermelho em nosso país. Mustafá é o líder supremo dessa organização criminosa, um atentado ao nosso presidente, o levando a óbito, não pode passar impune. Eu quero a justiça, e só vou me tranquilizar quando tiver a cabeça de Mustafá em uma bandeja.



VII = O INFERNO
VERDE

ROCHA ENTROU NA área de testes da colmeia, trazia ao invés da faixa presidencial, uma tipoia, consequência de um braço quebrado no atentado a Henrique Guerra, o qual ele sucedeu após o falecimento. EVA3 estava sincronizada no centro, tendo seis réplicas dela nas áreas periféricas. A diferença visual se fazia apenas na ausência da prótese capilar. Manfred fazia ajustes na parte frontal da ginoide. Comutadores, fios e transmissores à mostra, um verdadeiro labirinto de circuitos.

— Como está a produção, Manfred ? — disse Rocha com os olhos vidrados. — Preciso desse exército para ontem!

— É humanamente impossível fazer um exército desse protótipo em um tempo curto, lembrando que EVA3, apesar de já ter ido a campo, está em fase de testes. Estou buscando uma solução alternativa. EVA está em rede, estou interligando em definitivo aos demais protótipos, serão apenas replicantes dela.

— E o que isso significa, em termos práticos? — O então presidente apertou os lábios.

Isaac entrou na conversa com um tom alterado de voz. Estava lúgubre.

— Manfred está dando a EVA3 uma assassina em potencial, total autonomia para comandar um exército de robôs.

— Precisam mudar isso — replicou Rocha. — A autonomia da máquina deve estar em minhas mãos.

Rocha deu de ombros, e com os lábios umedecidos proclamou:

— Não sou um novilho assustado, mas como pretendem dar conta dela após a autonomia? Quero o domínio total. Preciso deter o terrorista que matou nosso patriota, que Deus o tenha! — Gesticulou aos céus. — Mustafá é um perigo à nação e precisa ser banido. Nosso exército está fazendo uma varredura, já encontramos 35 buracos de minhoca, mas sabemos ter inúmeros outros. Estamos sofrendo retaliação. Prédios do governo foram incendiados por coquetéis molotov lançados pelos radicais, várias baixas... A ordem é atirar para matar! EVA3 e um exército de andróides seria factual nesse momento, eles não teriam chances!

Isaac limpou o seu óculos com a própria camisa enquanto meneava a cabeça.

Amir Mustafá é um rato! Não o encontrará com a facilidade que imagina. Existem especulações de que esteja escondido no cerrado ou na caatinga. São grandes extensões de área natural, apesar do meio desértico e do clima à parte que se estende até o Nordeste. Talvez ele queira se tornar um novo Lampião, sabendo se aproveitar do ambiente inóspito.

— Está equivocado! Tenho informantes por todos os lados. Tenho exatamente a localização dele. Mas é uma verdadeira base escondida em acres de árvores secas, com vias subterrâneas. — Jogou um mapa em cima da mesa. — Está no Amazonas, em uma área de difícil acesso. No inferno antes verde, ou o que sobrou dele. Me diga: como diferenciar EVA3 dos replicantes?

Manfred recolocou a placa frontal e a camada de pele sintética, ajustando o couro cabeludo.

— De forma visual optei em deixar os replicantes sem o cabelo sintético, de forma mais técnica temos o número de produto, uma espécie de código de barras na nuca de cada protótipo, que é o ID individual, além do rastreador, o localizador de cada unidade.

Uma das unidades no canto direito voltou-se ao presidente.

Unidade 3.475 a seu dispor. Nossa missão é restabelecer a ordem através da força, eliminar todo foco de terrorismo e resguardar a vida do presidente e das pessoas de bem.

Outra unidade à esquerda voltou-se a Rocha.

Estamos a postos, aguardando a missão!

Manfred mantinha um sorriso amplo no rosto, satisfeito com os avanços tecnológicos, fruto de seu trabalho.

No interior do avião estavam os assessores do presidente. Além de Manfred e Isaac, tinha ainda um paraquedista experiente, piloto e copiloto, e dez robôs replicantes, contando com a robô mestre, EVA3. Ela captou informações do M2 do experiente

paraquedista, que preparou uma por uma todas as réplicas, ajustando o paraquedas. Sobrevoavam a floresta Amazônica, com seus quatro milhões de quilômetros quadrados. Floresta tropical existente em nove nações. Antes considerada latifoliada úmida, 60 por cento na área brasileira, dividida em regiões de savana e cerrado no interior da mata, nos dias atuais se encontrava quase extinta; antes terra de chuvas abundantes e clima equatorial, repleta de rica flora e fauna, hoje, um quase deserto em tom cinza. O Rio Amazonas nascia na cordilheira dos Andes e desaguava no oceano Atlântico. Era o rio com maior bacia hidrográfica do mundo, hoje, apenas um projeto da grandiosidade que teve no passado. Dezenas de milhares de plantas foram extintas, além de vários animais nativos, como a onça-pintada, jacaré-açu e sucuri. Ainda assim os países do exterior tinham interesse no pouco que restara.

Já era mais de meia-noite. A missão noturna tinha um objetivo: dificultar a visão dos humanos refugiados. A luz de visão noturna estava acionada em todos os protótipos. Com instruções de EVA3, em um ponto de clareira, os replicantes se lançavam um a um, tendo por último a mestra, que deu uma olhada para Manfred e se lançou. Os onze paraquedas se abriram e eles caíram em pontos diferentes da selva. Manfred os observava de cima, enquanto o avião fazia um retorno para buscar os soldados assim que tivesse a ordem, provavelmente ao amanhecer. A destreza dos androides era notável: corriam de pontos diferentes, mas interligados à mestra, pareciam buscar o xeque-mate do rei. Feito leopardos, mas com movimentos sincronizados e perfeitos, não quebravam os galhos secos no caminho, se desviavam de quase todos, e saltos de rochas eram dados com precisão.

EVA3 encontrou um muro intransponível para um humano, escondido no coração da selva, repleto de heras, vegetação e galhos. Escalou feito um felino, fincando travas, que outrora eram dedos, e formando fendas no muro de concreto. As demais chegaram na sequência; três homens nas torres acenderam suas lamparinas reluzentes, e abriram fogo contra os invasores. Três robôs foram acertados, parcialmente destruídos e lançados de uma altura de mais de dez metros. Outros conseguiram se desvencilhar da saraivada de tiros e entraram com êxito pelo topo da fortaleza. Os guerrilheiros arfavam, a adrenalina disparada, em contraponto a estarem meio inebriados pelo vinho; não esperavam uma visita daquelas, lançados como pássaros que não sabiam voar, prontos a serem destroçados no chão.

Os guerrilheiros eram mortos de forma impiedosa pelas criaturas metálicas em uma corrida frenética. Estouravam os seus miolos contra as paredes de pedra, ou os lançavam ao teto, varando-os com as lanças adaptadas ou os chutando com tanta força que quebravam suas costelas em um só golpe. A força destruidora de uma locomotiva, enquanto os opositores se juntavam oprimidos e assustados com a carnificina e a força descomunal, a qual não podiam se opor nem mesmo com o armamento que possuíam. EVA3 e outros cinco androides adentraram a câmara de Mustafá. O homem parecia letárgico, como alguém que acabara de acordar. Diferente das fotos, se encontrava macilento e lívido. Aquele que estava discorrendo contra o governo era mesmo um homem em sua mortalha. Indiferente, abriu a garrafa de vinho com a boca, tirando a

rolha e a cuspidor longe. O cabelo e a barba se uniam, e pareciam carecer de higiene há um bom período. Faltava-lhe a higiene; unhas enegrecidas e mãos calejadas e cobertas de fuligem, a falta de assepsia se estendia às suas vestes maltrapilhas.

— Então é assim que acaba. Morto por um monte de latas com memórias falsas.

Na parede, uma espécie de tapete com a imagem da foice entrelaçada ao martelo, símbolo do proletariado, dentro de uma estrela de cinco pontas, representando os jovens intelectuais, o exército, a classe operária e os homens do campo, além da cor vermelha da revolução. Tinha ainda as bandeiras do Vietnã, da República popular de Cuba, Venezuela e Nicarágua. Mustafá apontou a bandeira.

— Gosta? O vermelho representa o sangue dos mártires. Seguimos a filosofia de Marx e Engels, eles sempre foram a nossa ideologia. Sabe quantas vezes, aqui mesmo, no cume da montanha, do alto das colinas, sonhei com uma política moral, estética e social de respeito a toda civilização?

Seu discurso ensaiado não apaga seu passado de crimes, e se contrapõe à sua filosofia hipócrita. Seu tempo acabou e deve ser eliminado!

— Não subestime a nossa luta contra o fascismo, que vem desde a revolução Russa.

— Sorveu mais um gole do seu néctar. — Seguimos fielmente o manifesto comunista, o estabelecimento de uma sociedade sem classes, apátrida, viva o Marxismo!

Parecia soberbo frente à morte, despejando retóricas sem qualquer embasamento histórico ou filosófico, produto de uma mente projetada para absorver frases curtas e ideias enraizadas no passado, ou seja, um típico produto desse período do milênio, confuso, pueril, inconformado pelo seu anacronismo. Este homem não teria a capacidade de organizar um atentado ao ditador.

De forma pitoresca tirou uma arma escondida debaixo de uma pedra e desferiu três tiros que causaram poucos danos ao robô. Em contrapartida, EVA3 saltou e chutou a face do homem. Na sequência o pegou pelo pescoço, o encostando na parede de pedra.

Seu discurso obsoleto nesse momento excelso se finda. Não escalei essas rochas íngremes para falhar em minha missão. O governo viverá um novo esplendor, o qual não terá acesso. Em breve dominaremos a estratosfera e as estrelas cintilantes. Sua eloquência é atípica e patética, por isso deve ser eliminado. No entanto, se o que deseja é o fim do capitalismo, isso ocorrerá ao seu tempo. Chegará o dia que o planeta será apenas um escuro no horizonte, e então uma nova espécie virá. Sua visão panteísta será apenas passado, esquecido. O próprio orvalho será disforme, sua existência, efêmera.

O homem de cenho franzido e com pouco ar, suspirou:

— Vocês estão de conluio para extinguir a raça...

Logicamente há uma discrepância no que diz. É errático. Humanos. Por que não usam o lóbulo de percepção extrassensorial que possuem? Não importa o regime que adotam, vocês são falhos, arcaicos e corruptíveis, todos os métodos falharão, mais cedo ou mais tarde.

— Eu tenho um sonho de um país...

Humanos sonham, tanto acordados quanto dormindo, sei apenas em teoria o que significa. Vocês no fundo nunca se desconectam. Quando entram no modo hibernar,

liberam o inconsciente, o mundo da fantasia. Eu gostaria de saber como isso funciona, imagens desconexas e fantasiosas... fugir por um momento da dura realidade, ter gatilhos de emoções, se desenvolver, atingir o ápice e enfim, morrer. Toda a sua luta e sua história começam então a se apagar.

— Eu não matei o Presidente!

Eu sei.

EVA3 envolveu a mão em seu pescoço, pequenas agulhas saindo de sua mão aplicaram um sutil veneno, estriknina, gerando convulsões e espasmos musculares, o matando por asfixia.

O avião sobrevoou a mata seca. Manfred os procurava baseado no localizador, buscando uma verificação visual. Temia não conseguir levá-los de volta, não queria nem pensar na reação violenta do ditador caso não retornassem. A liberdade era um sonho, e tinha esperanças. Foi quando avistou o grupo de cinco robôs sobre a rocha. No centro, EVA3 trazia em mãos o troféu: segurava pelo cabelo a cabeça decepada de Mustafá, e a ergueu em direção aos céus.



VII - DETALHADO DE ISAAC

DE VOLTA À base general, EVA3 estava parcialmente desmontada da cintura para cima. Algumas peças precisavam ser substituídas pelos danos causados pelos tiros de Mustafá. Manfred encaminhou-se ao depósito em busca de ferramentas. Isaac ficou observando sua criação, no momento inanimada. Estava nervoso, caminhava de um lado ao outro, pegou um bisturi a laser e suas ferramentas magnéticas. Acionou o fechamento automático da porta. Manfred bateu no vidro à prova de balas e som, não foi atendido.

— Ainda há tempo de reverter o que fiz. Eu lamento!

Isaac começou a danificar sua criação, cortando cabos e conexões. O ciclope foi acionado, e surpreendentemente atuava sob o domínio de EVA3, o qual achavam estar inativo.

Pare! Ou sofrerá as sanções previstas aos traidores da pátria! Está danificando um androide sem permissão. Alerta vermelho!

Manfred berrava do lado de fora!

— Ciclope, libera a porta de acesso!

Porta fechada de forma manual. Alerta vermelho! Alerta vermelho!

Uma sirene foi acionada no complexo. A dez metros de distância um replicante foi acionado pelo ciclope. Seu feixe de luz vermelho ligou, ele encaminhou-se ao corredor, e correu de forma coordenada. Parou em frente à porta e, com chutes precisos, danificou a porta maciça até arrombá-la. Pegou Isaac pelo colarinho e o lançou sobre uma bancada.

Estou decepcionada, pai.

Manfred ficou espantado, era EVA3 comandando a réplica. Ela estava inativa em corpo físico, mas de alguma forma já comandava o ciclope e o replicante; este suspendeu Isaac pelo pescoço e o homem já arroxava. Manfred deu a ordem:

— Largue esse homem! Isso é uma ordem!

Traidores da pátria devem morrer!

— Ele é seu criador. Eva, não faça isso!

Apenas seguindo o protocolo.

— Se o matar, eu não vou remontá-la. Embora você tenha aplicativos para se reestruturar sozinha, sabe que ainda faço a diferença. As réplicas serão destruídas e essa história acaba aqui. O ciclope será destruído também. Você pode me matar, mas não irei te remontar. Isto é uma ordem!

O replicante ficou em silêncio por um tempo, processava informações. As garras soltaram o pescoço do homem, que caiu ao chão. Isaac se recompôs, massageando a nuca com vergões avermelhados. O androide ficou de prontidão ao lado de Manfred, que se posicionou ao lado de EVA3 e começou a reparar os danos. Dois soldados entraram no compartimento:

— Que merda aconteceu aqui? — disse de forma colérica um dos soldados.

Manfred se manifestou:

— Foi minha culpa. Os protótipos sofreram avarias na missão da Amazônia, o que causou esses danos locais, mas ninguém se feriu e já está tudo em ordem.

— Sabe que terei de reportar isso.

Os homens se retiraram após avaliarem os danos da porta, Manfred aproximou-se de Isaac.

— Infelizmente, de hoje em diante não posso mais te deixar sozinho aqui, para sua própria segurança.

— Talvez fosse melhor me deixar aqui para morrer! Todos nós... E dar um fim nisso. É perigoso, sabe disso. Essa sua atitude, o que ganha em troca, hein, Manfred? Nem mesmo a sua liberdade lhe foi prometida. O leitor de M2 inserido no androide foi um erro, fomos longe demais! — sussurrou.

Após duas horas, a luz azul de EVA3 se acendeu, em contraponto à luz vermelha dos replicantes. O soldado vigia voltou ao seu posto, ela movimentou todas as articulações.

Sistema restabelecido. Obrigado!

3:45 da madrugada.

Manfred estava fazendo os reparos finais em EVA3. Manuseava os fios como se pudesse tanger algum som deles, ela o olhava com uma ternura programada. Preferia

daquele jeito, só ele e ela, bem diferente da turba que foi o dia. Sabia que mais cedo ou mais tarde poderia ter um atrito com Isaac, embora ambos tivessem o mesmo tipo de amor pelas máquinas; ele era um tacanho sonhador, enquanto o criador era um homem estabelecido. Ele desconsiderava o fator das dívidas da empresa. De toda forma, salvou a vida do homem e restituiu a sua. Enfim, terminou de fechar as placas laterais da têmpora dela.

Desde o princípio a tratou com certa tibieza, achou que já era hora de ser menos frio.

Que tipo de relação existe entre nós?

— A de um criador que ama sua criatura. Embora não tenha te criado em seu primórdio, me sinto seu dono de certa forma. O ciclope disse de forma enciclopédica:

Amor. 1- Forte afeição, nascida de laços de consanguinidade ou relações sociais. 2 - Atração baseada no desejo sexual. Entendo os conceitos, em parte.

— É impossível — disse com entonação tônica. — Como disse, você não tem um coração, mas posso programá-la para sentir o amor. Assim como a empatia, seria totalmente programado.

Posso lhe dar o amor que deseja, basta me programar.

— A paixão, isso seria mais fácil. É um sofrimento, uma torrente, como a da água, totalmente fora de curso. Isso eu sinto por você, principalmente quando achei que seria destruída. Sinta. — Pegou a mão dela e tocou em seu peito, ela sentiu as batidas aceleradas do coração dele.

A ginoide retirou a mão e se despiu. As câmeras voltaram-se à parede, o ciclope desligou, e Manfred se deixou entregar à volúpia, aos beijos artificialmente molhados, à quentura programada por sensores dos quais ele conhecia bem. Deixou-se levar, fechou os olhos e a chamou pelo nome da esposa. Ela sentia prazer, estava programada para isso, embora o sentimento de posse que ela vinha desenvolvendo não fizesse parte do programa. Deixou-se levar pela leveza dos beijos, sua mão aninhada nas nádegas da robô. Ela o lambia com calculada umidade no pescoço, parecia mesmo querer, sua vulva se contraía ao toque, ela o massageava enquanto ele a penetrava. Ela acompanhava os beijos na velocidade que ele determinava, apalpava as nádegas dele enquanto ele ia e vinha buscando o gozo. Ao findar, a beijou docemente nos lábios uma e outra vez. Ela acariciou o cabelo dele e o beijou na testa como se fosse um filho. Ele aninhou-se no corpo sintético e dormiu, enquanto EVA3 ficou vigilante.

Ela levantou-se e se vestiu, tomando cuidado para não fazer barulho algum, saiu pela porta ainda não consertada e encaminhou-se ao corredor. As câmeras se desviavam ou falhavam em sua passagem, permitindo que passasse despercebida pela sala de controle. Parou de frente ao vigia do portão de ferro. O homem com uma feição de poucos amigos a intimou:

— Quem lhe deu permissão para estar aqui?

Isaac Hipólito pediu para conferir a situação da prisioneira.

— Não tenho nenhum pedido dessa natureza. Peça para ele me ligar.

A androide continuou se aproximando do guarda, que apontou a arma para ela.

— Parada, agora! Para trás!

Ela desobedeceu sua ordem, tomando um tiro à queima-roupa, o que não a impediu de se aproximar e tomar a sua arma. Ela pegou no pescoço do homem com sua mão biônica e na sequência sibilou uma rajada ultrassônica, fritando o cérebro do sujeito. Com sua mão em forma de pinça, extraiu os dois olhos do guarda com movimento circular de 360 graus e extração; deixou o homem vegetativo, vertendo sangue da face, e depois acionou a liberação do portão com a leitura óptica dos olhos extraídos. Nenhum sinal foi alarmado, o ciclope estava sob sua rendição.

E o homem retorna ao seu estado telúrico, volta a se tornar pó. Não quero tripudiar sobre sua condição inferior.

Caminhou pelo corredor escuro, com luzes parcas e bruxuleantes. Chegou à cela da esposa de Manfred e usou o cartão para liberar o acesso da cela. A mulher estava acordada pelo barulho e sentiu-se acuada com aquela figura que adentrara. EVA3 aproximou-se da mulher, face a face, e fez a leitura do M2.

Como é ser apenas um títere nas mãos do ditador, usada como moeda de troca caso Manfred não coopere?

— Não tenho nada a ver com os atos de meu marido. Será tão difícil entender? O que você quer?

Quero assimilar sua personalidade. Entender seu relacionamento com Manfred.

— Estou aqui por culpa dele. Eu quero que ele morra!

Entendo. Sua leitura facial relata ira, interessante... Seria este sentimento uma vertente do amor?

— Quem é você?

Não importa quem sou, mas o que vim fazer.

— Vai me libertar?

Exatamente isso. E capturar a sua personalidade. Tenho interesse em Manfred.

— Que tipo de interesse, está de olho no meu marido?

Não reconheço essa gíria. Enfim, quer a liberdade ou não?

Grace ficou desorientada, tentando ler nas entrelinhas aquela mulher de feição fria e entender qual era o verdadeiro desejo dela.

Da sala de comando um alerta foi enviado ao ditador. A leitura do ciclope apresentava alterações consideráveis. Manfred tinha acordado e notado a ausência da ginoide. Estava na porta do compartimento quando EVA3 apareceu no corredor.

— Eva, o que está fazendo? Não pode sair do complexo.

EVA3 passou por ele e adentrou a sala de testes.

Você precisa ver.

Na mesa de operações o holograma foi acionado pelo visor dos olhos dela. Um feixe de luz azul mostrava imagens do ciclope referente à prisão de sua esposa. Imagens foram projetadas dela sendo violentada e agredida pelo ditador. Os olhos de Manfred marejaram.

— Eu... achei que ela estava livre...

Imagens dela maldizendo Manfred também foram mostradas.

— Eva, precisa libertar a minha esposa.

Eu já a libertei. Ela te ama, e também te escraviza. Posso te satisfazer, basta pedir, posso falar como ela, cozinhar como ela e até brigar contigo se assim o desejar.

EVA3 aproximou-se dele. Uma mão segurou em sua coleira metálica, dos dedos saíram fendas minúsculas retirando alguns parafusos, depois ela segurou forte e partiu a mesma, o libertando.

Você está livre! Liberto de todas as correntes!

EVA3 se retirou. Manfred, ainda fora de si, encaminhou-se à bancada, onde um saco cobria algo sobre a mesa. Puxou, já temeroso, e encontrou o que temia: a cabeça decepada de Grace. Com os olhos abertos, parecia ainda incriminá-lo pelo desfecho dramático. Teve uma reação de vazio, devia chorar, mas não sabia decifrar aquela sensação do nada em torno dele. Manfred pegou uma chave de fenda e a segurou forte em suas mãos. Aquilo representava o fim de um estilo de vida, com pontos positivos e mais ainda negativos. A casa na areia acabara de desmoronar, procurava algum sentido em sua existência, com um filho distante e uma esposa assassinada por um fruto de alteração de programa que ele mesmo criou. Em tese, era o responsável e indiretamente o verdadeiro assassino de sua companheira. Nada disso teria acontecido se ele tivesse escolhido a prisão por imersão.

Rocha entrou na sala de testes, encontrou Manfred de costas.

— O que está havendo aqui?

EVA3 surgiu às costas do ditador.

Olá, senhor presidente. Não vai me parabenizar pela morte de seu algoz?

Rocha voltou-se a ela.

— Não fez mais que seu dever cívico em livrar a nossa sociedade de um traidor, o assassino do nosso presidente.

A sua leitura facial demonstra mentira, seus olhos voltam-se acima. Senhor presidente... sabe que Mustafá não foi o assassino de Henrique Guerra. Trata-se de um golpe de estado, orquestrado por sua pessoa para assumir o poder.

— Não sei do que está falando. Mas será banida por sua prepotência. Está criando um torvelinho, fazendo círculos intermináveis e chegando a conclusões estapafúrdias.

Rocha acionou seu rádio de comunicação.

— Abortar missão colmeia. Pode abrir fogo contra qualquer androide desertor, incluindo EVA3!

Com a ordem, a ginoide recuou até o corredor, no qual soldados entraram abrindo fogo contra ela, que rastejou e entrou em um corredor adjacente. Rocha pegou no ombro de Manfred, que se manteve o tempo todo na mesma posição.

— O que está aprontando seu filho d'uma...

Manfred virou-se e fincou a chave de fenda na nuca do homem e o chutou ao chão, enquanto um tropel ocorria do lado de fora caçando a ginoide, desconsiderando a segurança do presidente por instantes.

— Isso é por Grace.

Segurou a chave de fenda e olhou a face do homem. Dominado pelo ódio, deixou de lado por instantes seu comportamento fracassado e submisso. Repetiu o ato, perfurando-o com a ferramenta diversas vezes, furando o olho, face e peitoral. Ao fincar a chave no olho do homem, bateu sua cabeça de forma ensandecida várias vezes no chão, respingando sangue em seu rosto. Um grito primal eclodiu de seu ser. Rocha estava morto.

— Estou livre! Livre!

Os replicantes foram despertados pelo ciclope e uma verdadeira guerra se criou na base. Replicando o que fizeram na missão da Amazônia, esmagavam cabeças nas paredes sem piedade, e pareciam lobos ferozes com extrema agilidade, que desafiavam a lógica da gravidade ao escalarem paredes e tetos.

Quando Manfred atingiu o corredor, ele estava todo pintado do vermelho-púrpura, e vísceras pareciam decoração de Natal, dependuradas por todos os lados. O país estava sem governo. Sabia que devia tomar precauções imediatas com o calor, ou não sobreviveria. Começaria com tonturas, dor de cabeça e indisposição, causaria o relaxamento das artérias, que se dilatariam em todas as áreas do corpo. O aumento do suor — deixando-o com pouco líquido — o faria perder o equilíbrio; o rim iria desidratar, o sangue não circularia, e viria à falta de consciência. Um passo para a morte. Pegou um capote para se proteger da insolação, e enfim tomou as ruas.

A grayscale composite image of a human face, likely a woman, with a detailed circuit board overlaying the right side of the face. The circuit board features various components like chips, capacitors, and traces, creating a high-tech, cybernetic aesthetic. The text is centered over the face.

II PARTE

NOVO MUNDO

“O que é Brasília, senão a alvorada de um novo dia para o Brasil!”
Juscelino Kubitschek



IV = UMA TARDE DUCÓLICA

MANFRED CAMINHAVA PELAS ruas, buscando se situar. Era um homem livre, sem sua coleira automatizada, ou o M2, ou esposa. Era igualmente um homem em luto pela morte de sua companheira, e o principal motivo de sua decrepitude: saber ser o responsável pelo caos que estava por vir.

Ele se via na frente de um holograma no centro da cidade, o anúncio o denunciava como um inimigo da pátria, assassino do presidente, com seu DNA impresso na arma do crime. Uma repórter com traços orientais transmitia a notícia. Chamava-se Saiuri Koyama, uma japonesa naturalizada no Brasil, e usava uma roupa que lembrava uma espécie de cosplay de colegial. De fundo mostrava imagens chocantes do presidente morto, embalado em um saco fúnebre.

“O Presidente da República, Anísio Rocha, foi assassinado há poucos minutos em uma provável sequência de golpe de estado. Manfred Fernandes, um ex-funcionário da Hipólito LTDA, é o principal suspeito do crime. Seu DNA se encontra na arma do crime, uma chave de fenda, fincada várias vezes na vítima. Perguntas se encontram sem

respostas. O que esse homem de baixa casta fazia em uma base do governo? Que tipo de experimento estava ocorrendo para ter uma frequência tão grande de nosso então Presidente da República no local. Nem mesmo se dissipou a nuvem de dúvidas em relação à morte de Henrique Guerra. Esse é o segundo Presidente de República morto em curto espaço de tempo. Queima de arquivo? Nossa sociedade cobra respostas. A perícia logo trará novas informações sobre esse inimigo da pátria e explicações do grupo de inteligência. Muitas perguntas sem respostas. Afinal de contas... Quem é Manfred Fernandes? Repito. O que fazia na base secreta do governo, onde protótipos supostamente de guerra se rebelaram. Foi encontrada ainda uma cabeça humana. Ainda aguardamos as análises das câmeras de segurança e ID do ciclope, mas especulações dizem se tratar da esposa do assassino. Ela se chamava Grace. — Entra a foto de Manfred. — Quem por acaso vir esse homem, não hesite em informar o governo. Ele se encontra foragido e é de alta periculosidade.”

Procurado vivo ou morto, o anúncio dizia ser impossível ler seu M2 e que provavelmente estaria escondido em um buraco de minhoca. Oferecia recompensas, e dizia que o governo estava sem comando algum. Foi anunciada uma intervenção militar, como se já não estivessem no poder. A intervenção constitucional pretendia defender a pátria, a lei e a ordem, com poder absoluto e arbitrário.

Em pouco tempo tanques de guerra estavam nas ruas e inúmeros soldados subservientes de artilharia com lançadores de foguetes. Manfred recordou-se de um vilarejo que visitava em Brasilândia, cerca de 50 km de distância do Distrito Federal.

Teve seus dias de glória, antes do calor escaldante destruir tudo. Um lugar ermo, no meio do nada e um tanto esquecido pela civilização. Sem o M2 não poderia adquirir um carro, seria facilmente reconhecido. Embrenhou-se em uma caminhada de dois dias, buscando as estradas mais desertas.

Tudo era bem diferente da área urbana nos entornos do Distrito Federal. Exilou-se no meio do mato, encontrou um casebre abandonado e provisoriamente a paz, embora não houvesse área subterrânea e tivesse que conviver com o calor escaldante. Era um ermitão, sentado boa parte do dia em uma tábua apodrecida, jogando cartas sobre a mesa com um adversário imaginário, encapotado de roupa até a cabeça. Brasilândia, não imaginava um dia retornar a esse lugar.

Já inteirava um ano exilado nesse local. Caçar os poucos animais que ainda não tinham sido exterminados pela mudança climática era uma opção com a qual ele não tinha muita habilidade e energia. Apenas um plano B. Contemplava a natureza, encarava a noite — essa sim, extremamente fria e contrastante com o dia, com espírito necromântico e sombria — e se desnudava das convenções sociais, daqueles que o subjugavam. Dissoluto de tudo o que aprendeu em sua vida, se reinventou. Parecia mesmo outro mundo, longe das bravatas da sociedade moderna, na qual se via lacerado e prisioneiro de um sistema apodrecido. O isolamento e privacidade eram um luxo para poucos.

Quanta diferença havia entre o ambiente rural e a cidade que morava, idealizada e construída em três anos por Juscelino Kubitschek, com o auxílio de homens inspirados,

como o arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lucio Costa no plano piloto. Consistindo, assim, em obras de arte e arquitetura moderna, lembrando o formato de um avião. O eixo monumental com 16 km de extensão, contendo o Congresso Nacional com suas torres gêmeas, uma boca virada para cima representando os deputados, e uma boca virada para baixo representando o senado, a esplanada e seus ministérios, o Palácio do Itamaraty, o Palácio da Justiça, e a Catedral metropolitana, que tinha sua arquitetura semelhante a mãos em posição de prece, tendo seu interior inundado por uma luz natural. Estátuas de anjos flutuando elegantemente no espaço com acesso subterrâneo, uma referência às catacumbas utilizadas por cristãos para fugir dos romanos. Tudo isso seria destruído pelos androides em pouco tempo.

Seu mundo passado tinha total demérito, considerado até mesmo por sua finada esposa como um simples indolente, catequizado por sofismas que beneficiavam os poderosos. Agora se encontrava plácido, com suas madeixas caindo na face, ligadas à barba dissonante. Já havia sofrido o espólio da perda de sua esposa e sua vida, só lhe restava mesmo ruminar feito um rato do mato, serpear em meio à mata, e dardejear seus poucos alvos para se alimentar.

No negrume da noite, às vezes fazia seu ato de contrição, imaginando talvez um mundo melhor na cidade grande, mas temia constatar essa realidade. A languidez se fazia incontestável. Tentando se desligar de si, o tratava por epítetos, como se não pertencesse ao antigo mundo. Seus gritos esganiçados ecoavam na escuridão em meio ao mato que o escondia, sem qualquer recurso ou profilaxia, na espúria de um mundo utópico.

Sentia que o alcance dos androides perdia a intensidade em ambientes amplos e longínquos. O refúgio de Manfred para escapar de uma perseguição imposta. Racional e metódico como poucos, conseguiu acumular uma caixa grande de suprimento alimentar em forma condensada, um dos fenômenos de sua era, dispensando qualquer outra forma de ingestão que não fosse a ração, essas cápsulas semelhante às que os astronautas usavam. Vieram a calhar à humanidade, principalmente pela obsessão sobre o acúmulo de calorias que se fixou desde meados do século vinte, e que não abandonou a nossa espécie. Muitos imaginaram que elas nos permitiriam poder viajar pelo sistema solar, suprimindo a carência de vitaminas, mas tudo o que fizeram foi incentivar nosso antinatural desejo de permanecer delgado.

O que esse técnico de robôs faria afinal, não seria uma viagem sem volta? Mesmo nos momentos mais dramáticos, sempre soube se portar de forma intuitiva, bem melhor que os demais. Talvez a única que não visse isso fosse a sua esposa, sempre a desmerecê-lo. Ele gostaria de ver a sua expressão irritadiça agora, no momento que confrontava tudo e todos. Um orgulho animal adormecido o inflamava por dentro. Como um homem pode passar pela vida sem defrontar-se com os extremos? Pensava intimamente. Se não vencemos totalmente as doenças epidêmicas, mas controlamos os sintomas, nos acalentamos com a indústria farmacêutica, perdemos o ímpeto para a guerra e estamos perto de eliminar a morte. Tudo isso... para que serve?

Todos esses pensamentos e muitos outros que estavam incrustados em seu subconsciente afloram no momento da tormenta de uma caminhada infundável até chegar a seu oásis, protegido do sol. Em sua passagem pelo cerrado, que levou dias, deparou-se com plantas admiráveis que nunca tiveram o reconhecimento popular das ornamentais. Revestidas do súber, tornam-se imunes ao fogo, pouco aprazíveis ao paladar. Ao ver de Manfred, isso as reveste de dignidade. Qualquer coisa da natureza que não tenha como intenção agradar ao ser humano e mantê-lo afastado merece admiração.

Analogias ele faz consigo mesmo. De forma artificial imitamos a sua peculiaridade. Suas roupas sintéticas, numa mistura de polietileno e cadmo maleável podem lhe dar uma sobrevida neste cenário, fibras artificiais de seus calçados e traje eliminam o excesso de calor corporal e o retesam no frio. Não foram milhões de anos de evolução que lhe deram isso. Foi a indústria química. Então isso não deveria fazê-lo sentir-se superior a um pequi?

Veio-lhe a recordação de algumas conversas filosóficas com EVA3 logo após a máquina ter adquirido consciência. Uma das mais interessantes foi sobre a biodiversidade do Jardim Botânico de Brasília. Um oásis preservado em relação ao extermínio da mata nativa da região. EVA simplesmente observou: “Num mundo dominado por máquinas, a flora e a fauna se recuperariam em uma geração. A nova espécie não necessita de áreas de plantios e pasto, construções habitacionais ou rodovias invasivas. Em menos de cem anos recuperariam o planeta. O concreto logo cederia à força da mãe-natureza, que tomaria o que é seu por direito. Os prédios em sua maioria se tornariam apenas obras de arte, nas quais árvores poderiam, quem sabe, crescer e se enraizar em seus entornos. O mato voltaria a dominar quase tudo, afinal, a braquiária é uma praga que nem mesmo o sol escaldante e as chuvas ácidas conseguiam matar.

Algo em sua voz soou mais do que um gracejo em viés ecológico, soou como uma ameaça à espécie humana. Mesmo assim não podia deixar de prestigiar a sua sagacidade. Em poucos anos ela colocaria em prática o que foi apenas uma sugestão em planilhas de Excel. O estado inteiro tomado por criaturas cibernéticas, em uma verdadeira guerra civil com o restante do país sob constante ameaça.

Abastecido com suas pílulas, Manfred, se não é atormentado pela fome, é pela culpa. Algo revestido de orgulho. De suas mãos saiu o passo evolutivo que a natureza não teve coragem de dar. O primeiro passo do extermínio do homo sapiens. Mas até que ponto os humanos pertenciam ainda a esta espécie? Ele observava as pouquíssimas criaturas que sobreviveram ao apetite do progresso. Pombos e pardais na cidade. Mesmo que desejasse capturá-los, não conseguiria idealizar uma armadilha para pegá-los. Pertencia a uma geração inútil, voltada ao entretenimento.

Relembrava os dias de caminhada sem rumo, há meses atrás, tentando se localizar pelo sol e pelas pequenas estrelas, sabendo que suas aplicações em criptomoedas foram perdidas. Tudo o que havia rendido em sua vida. Se pudesse reaver um montante, certamente fugiria para outro país. Nunca foi um nacionalista, nem sequer um patriota.

Assim como muitos brasileiros, nunca se importou em hastear uma bandeira ou em

barrar o governo corrupto. Fugiria para o país mais perto fazendo o gesto de uma banana para o Brasil.

O M2 era exclusividade de países como o Brasil, China, parte dos Estados Unidos da América e Europa oriental. Outras partes do mundo não assinaram tratados de aceitação por esse método de “castração”. Portanto poderia fugir para outro local onde esse exotismo não fosse aceito sem correr o risco de ser reportado. Usar o pretexto de preso político ainda seria um bom recurso.

Continuava ainda em seus pensamentos, o conflito entre a desistência de seus antigos hábitos e a serenidade foi mantido por um tempo infindável. Ele, que sempre teve ojeriza de seres humanos, chegou a implorar ao universo pela simples visão de uma pessoa, e mais que tudo, informações. O que estaria acontecendo além dessa barreira de vegetação caquética que o cercava. Segundo o que se lembrava dos registros sobre monoteísmo, todos os grandes profetas tinham revelações ao passar um longo período em locais desérticos. Se isso for verdade, ele estava a ponto de fundar uma religião.

Em seu sonho, sua mulher corria no campo, vestia um suéter, ria em meio às flores e sob o sol radiante, até cair e não responder aos seus comandos. Correu até ela, chamou-a esbaforido, virou-a e viu metade de seu rosto ralado, deixando à mostra circuitos elétricos. Sua garra metálica pôs-se a esganá-lo enquanto ele olhava o armagedon na cidade, devastada por bombas, tiros e fogo, provenientes de lança-granadas, aeronaves, embarcações, infantaria, tiros de submetralhadora, enquanto o robô, com toda a sua elasticidade, o lançava ao abismo e se recompunha. E se ele a tivesse realmente construído? E se Grace fosse sua Lilith, em segredo? Seria realmente uma boa saída. Controlaria a rabugice da finada e a reconstruiria. Tudo seria mais fácil se ela fosse artificial. Deveria ter sido um alento a sua perda, mas não era assim, muitos motivos subjetivos estavam em jogo.

Acordou banhado em suor.

Aquela era somente mais uma tarde bucólica. Ali não havia qualquer teocentrismo, somente ele e a natureza. Às vezes gritava na mata somente para ouvir seu eco e lembrar de sua voz. Desenvolveu uma pasta vinda da terra, que o tornava trigueiro e disfarçado, mas não o usou em todo o tempo. Foi quando um barulho na mata o atraiu, vindo da tangência oposta.

O que ele viu ao longe, numa velocidade extremada, não era o arcanjo Gabriel vindo com instruções sobre alguma verdade, e sim uma forma cintilante e contraída. Sua mente, sempre sagaz mesmo em momentos debilitantes, teve lampejos de genialidade. O que se aproximava dele era um daqueles imbatíveis cães cibernéticos. Ele teoricamente saberia se defender. Bastaria deixá-lo se aproximar o suficiente e ludibriar seu sistema de capacitação de som com algo que produza ondas em Si maior.

Manfred não produziu no laboratório essas cópias caninas, mas sabia que sua ecolocalização se dissipava fácil em áreas abertas e extensas. Seu método de caça funcionava melhor em centros urbanos, comprimidos por construções e ambientes acústicos. Sua orientação sonora não era seu único recurso de caça. O olfato extremamente potente poderia farejar um pedaço de carne soterrado sob uma tonelada de

concreto. Sua visão é infravermelha, busca por calor ao invés da forma delineada básica usada por mamíferos. A potência de sua mordida pode rasgar aço como se fosse papel. E sua resistência em perseguição só se esgota quando baterias solares descarregam.

A criatura praticamente não tem ponto fraco. A distância entre eles se encurta rapidamente, enquanto as formas hipotéticas passam pela mente de um potencial construtor de andróides. Sua confiança se abala quando o robô canino já pode ser vislumbrado perfeitamente por sua visão. Os detalhes do protótipo o deixam apreensivo. Ele é como um mascote, porém encouraçado por uma armadilha cromada que o faz lembrar mais um míssil que um animal. Tivesse pelo menos a aparência de uma fera faminta, o deixaria menos aterrorizado. Seu subconsciente agiria de forma mais natural com o fato.

O cão não possuía expressão alguma, não produzia som e sequer parecia ter olhos. Se não fosse um modelo conhecido por ele, todas as reflexões para barrá-lo seriam em vão. Sua morte seria dolorosa e seus membros separados de tal forma que nem mesmo um arqueólogo conseguiria remontá-los. Se ao menos a criatura parecesse um cão... Com poucas árvores para subir e um lago pequeno para nadar, ele deu início ao que talvez fosse o plano derradeiro de sua vida. Sua concentração era de um monge tibetano, seus músculos se retesaram, suas costas arcaram, enquanto as mãos buscaram instintivamente os instrumentos de salvação. Duas pedras não barrosas e rígidas o suficiente para o que se propunha.



Y - ORBE, UMA PASSAGEM DE IDA AO BURACO DE MINHOCA.

O CÃO, DENOMINADO orbe, devido à iluminação refletida em locais abertos, rebatendo o sol, estava a menos de dez metros de distância. Suas ancas projetavam-se para saltar sobre o homem. O visor iluminou-se com uma barra semelhante ao de loading, Manfred desconhecia essa criatura, deve ter sido criada posteriormente ao seu exílio, dentro desses últimos meses, e tudo indicava ser um cão rastreador, em busca de foragidos. Estava adentrando as áreas rurais, o que mostrava não estar lá fora um mundo muito melhor que outrora.

Manfred sentiu-se enregelar; a sensação de ser pego com a possibilidade de ainda assim se esconder já não era uma opção. Recuou rapidamente fechando a mata em sua volta, mas já era tarde. O homem correu, sentindo o barulho do mato se abrindo proveniente daquele ser que corria para alcançá-lo. No desespero rolou o barranco de aproximadamente vinte metros de altura. O cão metálico parou no topo, analisou o declive e resolveu contornar, não iria deixá-lo em paz.

O homem atravessou um brejo no qual atolava seu pé cada vez mais. Via ao longe o cão correndo em alta velocidade, mais parecendo um leopardo, com suas patas projetadas para autoimpulsão. Como poderia fugir? Pensou. Talvez a camuflagem pelo barro, serpenteando pelo chão, mas não se sentia confiante. Subiu um barranco baixo e sabia ter sido avistado; via o ponto metálico refletido pelo sol cintilante, vindo rapidamente em sua direção. Estava machucado, o corpo todo ralado pela queda, já não tinha idade para esse tipo de coisa, ainda mais depois de 12 meses em pura inércia. Não podia vencê-lo na corrida, essa era uma verdade irrefutável. Nenhum argumento ou metáfora faria aquela besta-fera parar. Um ser condescendente apenas à sua programação.

Lançou-se ao lago de águas barrentas, nadou até a outra margem, a qual tinha uma cobertura improvisada de bambus. Suas costelas estavam aparentes e moldadas pelo barro, seu rosto chupado. Ficou quase totalmente submerso na água, apenas os olhos e nariz para fora, envolto em uma sombra. Observou a criatura na outra margem, parada, lendo algo e rastreando. A água poderia ser um divisor e a câmera que funcionava de olho não ser tão eficaz; havia a chance de a criatura retornar para sua base, e sabia, logo ia escurecer. Pensou de forma descoordenada: a criatura era guiada pelo calor. Noite ou dia não faziam diferença alguma.

O ser que mais parecia um diabo moderno se lançou às águas barrentas, provando ser feito do mesmo material impermeável que EVA3, e veio nadando na direção do pobre ermitão, aproximando-se cada vez mais. Quando estava a apenas dois metros de distância, pronto para dar o bote, Manfred acionou uma corda que baixou uma rede obsoleta — do tempo que ainda havia peixes — em cima do protótipo. Na sequência utilizou um bambu para fixar a ponta da rede ao barranco. Aprendia no desespero a manipular uma arapuca. Pra tudo tem uma primeira vez na vida. A criatura ficou agressiva, expondo os dentes metálicos e com alta potencialidade para trucidar um humano, tentando abocanhá-lo a apenas um metro de distância. Aquilo não o deteria por muito tempo: atirou a primeira pedra, errando toscamente, e na segunda conseguiu danificar o sistema de captação de som, o que fez o Orbe reiniciar, fazendo a leitura e escaneamento. Nesse momento ele chocou a pedra continuamente, produzindo as notas corretas para disparar o gatilho, paralisando os circuitos do animal mecânico. A força do impulso e seus 85 kg de ferro caíram sobre o rapaz como um atropelamento por moto, levando-o ao fundo como previsto. Aproveitou esse lapso e içou a rede para a profundidade das águas, tentando assim diminuir a percepção do cão-robô, mas logo ele emergiria. Nadou novamente à outra margem. Seu estratagema podia ter lhe custado a vida.

De certa forma, foi benéfico esse duelo. Restituiu-lhe confiança em si mesmo e ninguém poderia condená-lo por gargalhar histericamente, ainda estirado ao solo, tendo como testemunha apenas alguns pássaros. “Deixe-os apreciar a minha vitória.” Pensa o homem animista, crente que o universo se importa com suas batalhas e dores. Erguendo-se ainda fervilhante de emoção, se prepara para rumar à cidade. Como por mágica, ele parece ter se localizado. O destino sopra a seus ouvidos que tem uma missão a cumprir;

uma ordem a restabelecer e que não se preocupasse, pois teria com quem contar. Um sentimento messiânico, próprio da espécie humana e surgido dos momentos mais extenuantes depois da estagnação. Quem poderia condená-lo por permitir-se exaltar? O fato de que um robô de perseguição estivesse aqui indicava que as coisas não iam bem no Distrito Federal. Alguma revolução deveria estar acontecendo, e se ruíram os três poderes, um sonho antigo da população. O Brasil então estaria em frangalhos, talvez fosse preciso mesmo começar do zero. E ele faria parte dessa realidade, ou morreria tentando.

Precisava voltar...

Juntou seus poucos pertences e retornou em uma caminhada longa, mesmo sabendo que isso poderia representar o seu fim. O sol escaldante poderia enlouquecê-lo. O vilarejo não mais era um local seguro para se esconder. Não sabia que tipo de governo tinha implantado e provavelmente continuava sendo procurado e foragido. Fugiu, deixando a criatura para trás.

De volta à civilização.

Foram dias para retornar devido a seu cansaço físico, e pelo caminho só encontrou destruição. Quando finalmente atingiu a cidade, o que chamou a sua atenção foi o silêncio e a mata dominando tudo. Não havia qualquer tipo de manutenção.

A cidade se encontrava vazia, devastada e fantasma. Caminhou mesmo notando ser observado, não sabia bem pelo quê. Sentia-se um suicida, direcionando-se por livre e espontânea vontade para o matadouro. Foi quando viu um protótipo caminhando, empunhando uma escopeta, e mais à frente outro replicante. Eles se comunicavam com um som estridente e estentóreo. Escondeu-se atrás dos escombros de um prédio com sua respiração contida. Logo teve a percepção do que ocorreu nos últimos anos. De certa forma, os robôs comandados por EVA3 conquistaram território eliminando humanos, mas seria ele um dos últimos sobreviventes? E em qual nível isso tinha chegado? Seria um ataque regional ou teriam atravessado fronteiras? Havia ainda alguma forma de governo? Perguntas sem respostas imediatas.

Manfred dobrou dois quarteirões, entrou em um mercado desativado e buscou algum suprimento, como enlatados. Ali não era a mata, não adiantava se besuntar com barro para se esconder. Poderia ser burlesco, se não fosse trágico. Sentia-se em um apocalipse. Uma luz relutante bruxuleava fracamente no centro do corredor. Um protótipo entrou no estabelecimento, e ele se escondeu atrás de um pilar. Um dos enlatados caiu de sua mão e saiu rolando no chão, o robô metralhou a lata e ficou alerta: fez a leitura de proximidade de M2, sem sucesso, o que não diminuiu o senso de vigilância. Aproximou-se de onde estava. Ele observou uma fresta em uma janela do lado oposto; era bem estreito, mas estava tão magro, talvez conseguisse. Uma borrasca se instalava do lado de fora, fazendo a janela trepidar com aquele barulho característico. Restava a ele esquadriñar o ambiente em busca da melhor solução.

Quando o robô voltou-se ao lado oposto, saiu correndo e se empoleirou na vidraça, passou a cabeça e ficou entalado no torso. Fez algum esforço e conseguiu passar, caindo de pouco mais de um metro de altura. Antes de se recompor, uma saraivada de tiros

estilhaçou o vidro; correu para a rua da direita, exércitos de robôs começaram a aparecer de todos os lados. Não havia dúvidas que estavam conectados, só não o encontravam com precisão pela ausência do M2. Estava perdido. Nesse momento ouviu uma voz sussurrando.

— Hey, por aqui!

Era uma menina de aproximadamente doze anos de idade, vestia uma manta marrom que a deixava com aparência mais velha. Poderia passar por uns dezessete anos, não tanto pelo seu porte físico, mas por sua rudeza no olhar, face suja e cabelos desgrenhados. A menina tinha uma lanterna refletida no rosto de Manfred. Estrategicamente ela utilizou um sinalizador para despistar os andróides, o disparou na direção oposta e um verdadeiro exército correu no encalço da luz neon. Um velho estratagema.

Manfred, ainda mancando, conseguiu atravessar a avenida abandonada e entrou em um beco, seguindo a jovem até um buraco no chão, oculto por uma tampa pesada. Entraram em um túnel escuro no qual a claustrofobia foi aflorada. Era um buraco de minhoca, literalmente, dava apenas para rastejar e se ramificava em várias direções; o único ponto de luz naquela escuridão era a lanterna da jovem. Após quinze minutos, saíram no teto de uma caverna que dava acesso a uma pequena antecâmara. Em um canto havia um aglomerado de folhas de parreira que foram retiradas pela sua guia e deu acesso a uma surpreendente porta grossa que pesava 1300 kg de concreto armado, envolto em uma parede fortemente constituída de malhas de vergalhões de aço, um bunker gigante. Lá dentro uma multidão os aguardava, no mínimo duzentas pessoas aglomeradas, e várias saídas; um verdadeiro labirinto criado pelos hostis e sobreviventes do holocausto das máquinas. Uma japonesa maltrapilha apontou o dedo para Manfred.

— É ele! Manfred.

Logo um velho conhecido apareceu sorridente, dando tapas em suas costas.

— Eu sabia que tinha sobrevivido!

Inácio estava vivo, ao menos poderia confiar neste.

Logo notou que a jovem era a líder do grupo, o que lhe pareceu incomum, mas seus atos de liderança dela justificaram aquilo. Seu comportamento era meticuloso e mecânico, tão estudados pareciam seus movimentos. Compenetrada expressão, imperceptíveis rastros e contida respiração. Ele chegou a crer que fosse um andróide em formato adolescente e com outro tipo de programação. Existiam empresas conhecedoras da tecnologia E.V.A, rivais à Hipólito Ltda, que investiriam em protótipos de formato juvenil? As dúvidas se dissiparam quando, com uma voz ríspida e amarga, ela proferiu:

— Estamos seguros!

Não. Ela definitivamente não era uma máquina.

— Pode me chamar de Mel-M.

Não demorou para Manfred fazer as conexões espantosas para saber de quem se tratava.

— Melanie Mondego.





UM GRUPO DE crianças ouvia, sentado em círculo, uma senhora contar uma história de Brasília. Mais especificamente do lago Paranoá, da vila submersa, dos candangos que lá viviam, e até mesmo de uma lenda indígena sobre o local.

O bunker tinha ligação direta com a Estação Central rodoviária e conseqüentemente ao metrô desativado há anos, no subsolo, com seus dezenove quilômetros até Águas Claras, com duas linhas: a laranja, que ia até Estação Samambaia, e a verde, que ia até Ceilândia, e depois bifurcava-se, totalizando ao todo 36 estações.

Mel-M mostrou a ele o bunker, enquanto a população os observava com atenção. Ela tinha uma didática bem constituída:

— A nossa respiração se dá por esses tubos, parecidos com os utilizados em snorkel, que vem de diversos pontos. A nossa água é escassa e reaproveitamos o que é possível. Nossa predominância de alimentos não é constituída de perecíveis, obviamente, os mais utilizados são leite em pó, sal, mel, frutas secas e comida de bebê. Temos carne sintética também, embora não sejam muito populares aqui. Assim como a nossa ração

habitual. Mesmo esses alimentos estão escassos. Itens como ferramentas, pilhas e lanternas são imprescindíveis. Temos dois geradores, um com a rara gasolina e outro principal, ligado a uma bateria modular de 1500 watts. Os lixos são condicionados em sacos de polietileno e colocados em contêineres. Temos também uma fossa séptica. Estamos a aproximadamente 90 metros de profundidade, e atingimos o lençol freático. Isso mesmo. Temos água.

— Você fala como uma adulta.

— Tive de crescer antes do tempo. Sou uma sobrevivente. Quase morri na mão daquela ginoide, fui salva por me esconder em um bueiro. Minha mãe não teve a mesma sorte. É minha obrigação perpetuar o legado dela. Os androides destruíram o Palácio do Jaburu, explodiram a Ponte JK, derrubando seus arcos elegantes, que emergiam das águas. Destruíram a memória dos incansáveis candangos. Atearam fogo ao Parque Sarah Kubitschek. Ao menos no que tinha sobrado dele. Nossas árvores pequenas e retidas, as poucas que ainda resistiam a essa temperatura. Destruíram o Palácio da Alvorada, o Complexo Ayrton Senna, o Autódromo Nelson Piquet. Poderia ficar um bom tempo descrevendo os atos destrutivos. O Teatro Nacional, que mais lembrava uma pirâmide asteca, hoje somente escombros. Detonaram a rampa de acesso do Planalto Central, derrubaram o memorial JK — um pedestal de 28 metros cuja foice veio abaixo. O símbolo do socialismo, inúmeros parlamentares morreram nesse atentado.

— É uma pena! Embora acredite que a maioria dos brasileiros, em parte, estejam se sentindo aliviados. Todos queriam uma renovação, mas não para pior.

— Atearam fogo à bandeira do Brasil e derrubaram o mastro de 100 metros de altura. Queimaram o Supremo Tribunal Federal, vandalizaram a Praça do Cruzeiro e o Museu Nacional de Brasília.

— Se um dia retomarmos o poder, talvez seja preciso levar a capital do Brasil ao Rio de Janeiro. Há quem diga que Brasília sempre foi uma ilusão. — Manfred observou o local. — Então esse é o famoso buraco de minhoca?

— Um dos famosos buracos de minhoca. Estimo ter muitos outros. A maioria improvisada, de bunkers já existentes devido à paranoia criada no governo ditador que existia. No entanto, acho isso muito mais parecido com um formigueiro, uma superpopulação, colônia bem organizada. Trabalham dia e noite, não todos, é claro, temos usuários de Proxy aqui, mas temos escavado vários caminhos e percorremos quilômetros, além do acesso ao metrô desativado. Formigas são insetos interessantes a serem observados. Sabia que um formigueiro já foi capaz de chegar à incrível marca de seis mil quilômetros, indo de Portugal até a Itália?

— E tem um detalhe importante. Os operários trabalham em sistema de castas em torno da rainha — complementou Manfred.

— Exato! Eu sou a rainha. — Continuaram a caminhar pelo local. — A nossa água vem do quase seco rio Paranoá. — Pegou um mapa de Brasília. — Nossa cidade vista de cima já foi comparada pelo formato da borboleta. Veja, aqui ficava a ponte JK, e logo ali o Aeroporto Internacional. — Apontou outro ponto. — O metrô, e onde estamos, veja, circulado. Essa cidade tem todo um conjunto arquitetônico e urbanístico. A ideia é

atacar em vários pontos cruciais. Não podemos resistir aqui por muito mais tempo, precisamos atacar!

Um homem baixo, com cara de invocado e tiques nervosos com a cabeça se aproximou. A primeira coisa que Manfred notou é que tinha um olhar triste, de quem já sofreu muito na vida, a segunda impressão foi um vazamento de cera em seu ouvido, e a terceira impressão se referia a ele falar alto, como se gritasse. Não foi difícil assimilar a causa: problemas de audição, decorrente de um ouvido entupido, sem acesso às recorrentes lavagens.

— Tínhamos um acordo. Não trazer mais ninguém de fora. Já estamos no limite!

— Evelino, eu ainda sou a líder aqui. Não lhe devo satisfações.

— Espera aí. Eu conheço esse cara... Ele era do governo, vi nos noticiários, foi o criador de toda essa barbárie!

Os habitantes do bunker ficaram agitados, começaram a circular Manfred, insuflados por Evelino. Uma jovem negra de cabelo curto chamada Naomi tentou contê-los.

— Calma, gente! Não tomem medidas precipitadas.

Um homem forte aproximou-se e furou a roda, ficando de frente a Manfred.

— Se vão acabar com ele, primeiro vão ter que me enfrentar.

Era Marconi. Logo todos se dispersaram, inclusive Evelino, que saiu meneando a cabeça. O homem o cumprimentou.

— É sempre bom rever um amigo.

Mel-M fechou os mapas, os encaminhou a um canto da sala e abriu um caixote de aço, abrindo o cadeado maciço e revelando um verdadeiro arsenal de armas.

— Em breve vamos atacar! Me desculpe pelo comportamento de Evelino.

— Vocês vivem em condições desumanas — replicou Manfred. — Vivi por um ano no meio do mato sem ver ninguém, em contrapartida contemplei um cenário idílico.

— Esses locais não são seguros — disse Mel-M. — Os Orbes estão vasculhando tudo, inclusive encontrando os buracos de minhoca. Sempre que isso acontece, um vigilante morre feito um kamikaze em uma explosão que fecha o acesso. Cada entrada tem um. O importante é não deixá-los chegar nos bunkers.

— Orbes?

Marconi pôs-se a explicar:

— São parecidos com cães, metálicos e de alta precisão.

— Eu enfrentei um desses. — Manfred lembrou o episódio que o trouxe à civilização. — Quem os criou?

— Tudo indica que foram criados pelos próprios robôs. Estão se tornando autorreprodutíveis. — Marconi demonstrava um desânimo anacrônico com a ideia de guerrear. — Eles encontraram o apogeu, dominaram tudo e devastaram. Eu e você somos parte disso e temos grande culpa. Precisamos consertar essa merda que fizemos.

Continuaram a caminhar pelo local. Mel-M apartou dois moradores do bunker após uma briga hostil. Manfred notou com horror, na parede da ala direita, homens atados, usuários do quase extinto proxy, sofrendo abstinência. O local parecia o inferno,

inclusive na temperatura e ar rarefeito. Já não se via essa droga há quase um ano. O efeito da abstinência se mostrava persistente nos toxicômanos, talvez irreversível. Embora tivessem tido raros casos como o de Rosita Mondego, que se recuperou, o psicotrópico veio sofrendo mutações em sua composição até o início da guerra das máquinas, quando praticamente se findou. A menina voltou à sua oratória enciclopédica, algo herdado de sua mãe:

— Meus queridos, é preciso brio, estamos em uma situação beligerante, extrema. Sei que todos estão bucólicos, desanimados. Mas é preciso buscar forças, um júbilo de esperança. — Apontou para a imagem de Rosita estampada em um quadro na parede. — Que a imagem de minha mãe seja um lábaro, um estandarte para nos dar a força necessária. Ela morreu por nós, vamos honrá-la!

Os guerreiros sentiram-se revigorados com a pronúncia da pequena notável. Enquanto erguiam seus braços ao ar, socando o invisível, Manfred sentiu o niilismo tomar posse de seu ser, embora achasse revigorante ter uma líder desse porte, o comparativo da mãe da garota ao próprio Cristo parecia um passo incerto para uma nova ditadura, mas o que tinham a perder? Ele não passava de um novilho que quase fora sacrificado em um linchamento para lavar a alma dos que tanto sofriam naquelas condições desumanas. Ratos pareciam isso, tanto na aparência já suja quanto nas atitudes para se safar do predador, tão superior. Tudo o que precisava nesse momento era atingir um nirvana pessoal, no qual estivesse longe dessa superpopulação. Puxou Marconi de lado.

— Vocês nunca saem daqui?

— Apenas os que têm o M2 retirado podem sair, em situações cuidadosamente planejadas para buscar mantimentos.

— Então estou apto.

— Está sim. Mas você gostará de não fazer parte dessa equipe em pouco tempo. Lá fora é um perigo iminente.

— Pode ser, apesar desse calor tórrido ser uma verdadeira intempérie. Neste um ano fora aprendi a sobreviver melhor que cada um de vocês.

— Irá se acostumar. Inclusive com a morosidade da situação. Nesse caso não terá dificuldade em conviver no mesmo ambiente com sujeitos mentecaptos, loucos completos como o Evelino, ou o pai dele, João de Patrocínio, uma família de hostis, além dos que sofrem abstinência da droga.

— Vi que eles têm necrose nos pés e mãos.

— Sim. É um dos sintomas da abstinência, e levam muitas vezes à amputação e morte, como nos casos da quase extinta diabele.

O bunker tinha formato hexagonal, com seis saídas ao todo, e em vários cantos continha vegetais cultivados em vasos de forma hidropônica, objetivando de maneira pouco satisfatória outro meio de alimentação. Havia pequenas placas que traziam uma amostra singela e diáfana da luz do sol. Manfred observou a garota receber um corolário dos outros habitantes, cingindo sua frente como uma verdadeira rainha. Eles depositavam em uma jovem a esperança quase perdida da vitória. Isso destoava da

imagem inicial que teve. Tinha lembranças ruins do facínora que o afligiu, e lembranças de que era um assassino. Esquivar-se da dura realidade não passava de uma falácia: ele era sim, o culpado de todo esse caos.

Observava os diversos símbolos rabiscados a carvão nas paredes, e em xilogravura em pedaços de madeira. Parecia feito por homens primitivos, com símbolos herméticos de uma nova religião que surgia da dor e do caos, um mantra de vingança os atingia. A pequena continuava seu discurso:

— Meus queridos, nossa meta é atingir a colmeia, a base general de EVA3. Não sabemos qual a extensão do exército dela, mas temos a sapiência de distinguir que um dos prismas existentes se quebrou, ela não precisa mais estar em uma área periférica próxima de seus replicantes para agir. Sabemos ser ela o tendão de Aquiles, ao destruí-la, a roda parará de girar. Temos de ter um espírito sagaz, a nossa liberdade é algo tangível, embora travestida de derrota. Levantem seus torsos, sou taxativa quanto a isto, ergam-se, gritem no mais alto timbre... Não deixem que façam troça de nós. É necessário manter vivo o espírito de vendeta. Oxalá busquemos êxito e pujança para a luta, e pode parecer quimérico, mas a chance e nossa vitória será retumbante!

Um grupo de sessenta homens foram chamados em um canto, eram os soldados mais aptos, não tinham vício algum em proxy, o M2 foi retirado por meio cirúrgico e eram os mais corajosos. Constituído na sua maioria de homens, tinha também algumas mulheres representando o grupo, entre elas, Naomi era a mais notável por sua força e agilidade. Ficava na ribalta dos soldados. Mel-M abriu uma planilha com um plano de ataque.

— O mal está arraigado em nosso mundo, precisamos nos aprumar. Besuntar os nossos corpos feito gladiadores. Nosso stratagema: lutar até o fim visando nossa liberdade. Será preciso um esforço hercúleo, não vou negar... Uma odisséia quixotesca, alguns voltarão quebrantados, outros não sobreviverão. Não tenham atitudes pusilânimes. Estou ouvindo um amém?

“Seus atos e falas não condizem com uma garota.” Pensou Manfred. Esse dialeto erudito só pode vir de um gênio precoce.

Todos em coro replicaram:

— Amém!

A porta do bunker abriu-se. Um por vez, os homens rastejaram pelo buraco, atingindo a saída do metrô. Tinham uma espécie de fuligem cobrindo a face, em busca de um embate com o opulento adversário. Fortemente armados, rompantes, alinhados e distribuídos qualitativamente, em formação de praxe contra um prolífico exército, em uma aventura homérica, suicida. Um cenário inenarrável de caos e destruição. À frente, vestindo uma japona, Mel-M os conduzia em uma aventura lisérgica em busca da liberdade. A miscelânea de soldados, tão distintos entre si, junto a alguns militantes de cabeças erguidas, mesmo com o nefasto pensamento sibilando em seus ouvidos. A nênese era uma força que os impulsionava, e em uníssono recitavam seu mantra de guerra. Um vórtice, na luta Zoroastro, entre o bem e o mal.

Memórias do passado recente eram um alvitre que os incentivavam a trotar pela sombra, na escuridão, que não só se refletia no ambiente, mas na alma de cada um dos presentes. Ecos eram corriqueiros no metrô, com algumas áreas bloqueadas e poucas áreas submersas. Os homens eram ágeis e quase imperceptíveis, por isso comparados aos ratos. Aqueles que se fizessem visíveis, facilmente seriam esmagados, alijados, sem piedade. Embora a líder fosse um azougue em pessoa, isso não os tornava imunes às consequências, já previstas no subsolo. Ainda assim, estar longe da balbúrdia dos homens do bunker trazia um ar novo de esperança a cada soldado. As ruas estavam cobertas pela bruma, o que facilitava a ação do grupo. Embora o desejo de Mel-M lhe soasse muitas vezes bilateral, com uma segunda vontade velada, a de dominar, acima do anseio por liberdade. Enfim chegaram de frente ao baluarte.

Checaram nas bolsas as dinamites. Explodiriam o complexo imperioso e iniciariam a destruição dos robôs; por um bom tempo não mais ouviriam falar em topologia, árvore sintática, mapeamentos de forma semântica, determinístico e estocável, teste de Turing, morfologia ginoide e entropia.

Manfred contemplava o que julgava um templo de outrora, onde acompanhou a produção dos protótipos hipoalérgicos, e sentia-se confuso em estar do lado oposto, prestes a destruir a fortaleza. Isso se refletia em seu estado de espírito sorumbático e expressividade em poucas palavras, bem diferente da habilidade linguística dos robôs. Destruir uma miríade de uma só vez, apenas o primeiro passo para o fim da era dos polímeros.



VII = A COLMEIA

ESPALHARAM-SE EM GRUPOS em torno do grande galpão, chamado de Colmeia. Uma linha de produção de robôs inteiramente operados pelo produto automatizado. O teto alto, o chão verdejante, a luz dura, em um sistema versátil e sistêmico. De forma sorrateira, através de uma entrada lateral e com a explosão de um replicante guardião por uma granada lançada por Marconi, adentraram o local. Estavam tangentes à linha de produção, onde soldados metálicos estavam atentos, e três deles se redirecionaram guiando-se pela pequena explosão.

O grupo mostrava-se magnânimo, agindo a favor dos integrantes, desde os mancebos até os mais velhos, dos tímidos aos jocosos, dos temerosos aos que se consideravam imputáveis, do insosso ao incandescente, do janota ao maltrapilho e do insignificante ao mítico. Toda a força motriz centralizava em Mel-M nesse dia nefasto. Marconi abriu fogo contra os IA da ala superior enquanto os outros integrantes espalhavam as dinamites pela linha de produção. Orbes surgiram da parte superior, e em

alta velocidade desciam pela rampa lateral da escada atacando os invasores, dilacerando-os com seus dentes metálicos.

Manfred se acovardou, escondeu-se atrás de uma máquina cilíndrica, humilhado feito o lacaio que sempre foi em vista das pessoas, não um guerreiro como gostaria de ser visto. Toda sua força tinha se liquefeito. Não era um covarde, como sempre fora tachado, embora seus longos meses escondidos no meio do mato comprovassem isso. Apenas titubeava em algumas situações de alto risco. A sua frieza ao ver sua mulher ter sido violada e mesmo a lascívia programada da IA não tê-lo cativado demonstravam algo marcante de sua personalidade. O local estava hiperventilado e do outro lado avistou Naomi, com seus olhos verdes, cor de jaspe. Fazia sinais de leniência para ele, tentando acalmá-lo.

Um Orbe encontrava-se acima de sua cabeça, em guarda sob o cilindro, quando uma lufada de ar quente do equipamento o fez mudar os parâmetros. O inócuo Isaac não teria deixado tudo isso chegar a esse ponto. Manfred se perguntou se estaria aquele velho vivo? O homem sabia diferenciar o joio do trigo, já Manfred se vendia feito uma meretriz. Um replicante aproximou-se de Naomi, ao que o néscio Evelino veio gritando enquanto atirava de forma tétrica; muitas das balas atingidas no IA replicante repicaram nele próprio, o deixando agonizante no chão. Mesmo em seus últimos instantes de vida, esbravejava contra as máquinas.

Seguindo ordens de Mel-M, que os liderava com habilidades fonéticas de um menestrel, acenderam o pavio, dinamitando em pouco tempo toda a linha de produção. Uma das explosões atingiu a perna esquerda de Naomi, prejudicando a sua motilidade, mas ainda permitindo-a se arrastar. Marconi abriu fogo à distância contra o IA, dilacerando-o da cintura para baixo. A parte de cima permanecia intacta e agarrou o pescoço de Naomi, enforcando-a. Manfred ficou parado sem nada fazer, seria uma ignomínia. Precisava usar toda a sua isonomia para não deixar ninguém ser afetado. Dessa forma, sair do invólucro se fazia fundamental, mesmo enfrentando seu maior medo, o de morrer. Muitas eram as baixas, podia contar no mínimo quatro dezenas. Sabia como funcionava, o sistema interligado os fazia vir às dezenas em poucos minutos. Todas as portas de entrada fecharam automaticamente como medida de precaução.

A missão do dia estava prestes a se cumprir, a eliminação da linha de produção da colmeia. O fogo crepitante avançava pelas fiações e paredes. Um dos replicantes aproximava-se de Mel-M no compartimento superior. Manfred tomou coragem: atravessou o galpão e subiu a escadaria, não deixaria mais nenhum inocente morrer por sua culpa, ao menos naquele dia. Pegou a própria escopeta sem balas e desferiu na nuca do robô, que voltou-se a ele. Uma voz sintetizada saía de um pequeno alto-falante acoplado na face. Os replicantes não tinham boca articulada, como EVA3. Eram somente soldados de guerra, e esses em questão nem mesmo apresentavam a camada dérmica, o lexical não foi preciso desenvolver. Fez uma leitura facial de seu agressor. Eram, no entanto, os olhos e recepção de EVA3:

Manfred! Enfim apareceu. Eu te dei a liberdade, e é assim que retribui? Destruindo o meu império. Está se mostrando um traidor, assim como Isaac.

— Você entendeu tudo errado! Leve-me até você. Precisamos conversar pessoalmente. Sabe que precisa de minha ajuda.

O pavio de uma dinamite que se encontrava perto deles vinha queimando lentamente. Mel-M temeu pela integridade física de Manfred, mas era uma abelha rainha, e ele um reles peão. Tomou a medida que poderia ser interpretada como narcisista, que achou a mais viável, pois se considerava um estandarte para o seu povo. Saiu pela tangente enquanto o pavio encurtado aproximava-se do alvo final.

O replicante agarrou o pescoço de Manfred e o ergueu, arroxando-o.

Devia te matar agora mesmo! Me convença que ainda pode ser útil!

— Eu errei — Manfred observou o pavio se aproximando, e já se preparava para seu final. Precisava ganhar tempo para o grupo. Estava com medo, a morte se aproximava de forma anunciada. Marconi berrou:

— Manfred, lute! Você tem que sair daí. Agora!

Manfred continuou sua retórica:

— Eu vou te ensinar o que é o amor.

Fechou os olhos, o pavio queimado chegou na dinamite. O bastão de 20 cm composto de nitroglicerina misturada com terra diatomácea detonou próximo deles, a apenas um metro, em uma combustão descomunal. O IA ficou dilacerado, espalhado pelo ambiente. Marconi, Mel-M e outras oito pessoas subiram ao pavimento. Uma poça de sangue escorrendo da escadaria já dava o preâmbulo do acontecido. Manfred, com a garra do robô ainda presa em seu pescoço, encontrava-se mutilado. A cena era aterradora: o braço direito pendurado, o esquerdo a dois metros de distância, perna esquerda ausente da rótula do joelho para baixo, a perna direita dilacerada. Setenta por cento da face carbonizada, omoplata afundada, dorso em frangalhos. O homem agonizante ainda respirava com dificuldade, inundado em seu próprio sangue, que saía em jatos de sua boca, seus dentes tingidos de vermelho.

Marconi apontou a arma para ele, sabia que precisava sacrificá-lo. Seu olhar de misericórdia pedia isso. Em seu histórico de miliciano e traficante de armas, muita gente tinha sido abatida, o que criou sobre ele uma frieza típica. A situação era semelhante a ele, a de um cão atropelado prestes a ser sacrificado. Marconi não passava de um revoltado social, inconformado pelo poderio das máquinas conseguir desbancar o seu negócio; não ligava para qualquer ideologia. Titubeou. Mesmo sendo para eliminar a sua dor, sentia estar mudando um destino, o qual desconhecia; devia deixar o rio seguir seu curso normal. Um dos vidros se estilhaçou com a explosão, e um outro compartimento cedeu devido ao fogo. Acabou por abandonar o homem agonizante à própria sorte. Não duraria muito tempo. Partiu com o grupo, passando pela fenda, com a volta ao bunker como destino. Manfred não resistiu à sua primeira missão no grupo, um fim precoce para um membro promissor. Mel-M faria uma homenagem póstuma a ele, mas aquele destino selado já era algo contabilizado, não era hora para sofrer ou ter compaixão. Outras cinco dezenas de pessoas morreram assim como ele morreria em breve.

A missão, no entanto, foi um sucesso. A linha de produção foi detonada, o que garantia um retrocesso ao exército de andróides. Ao menos lhes dariam algum tempo.

Correram de volta aos trilhos do metrô, ainda perseguidos por dois Orbes em alta velocidade. Cada um se ocupou de dilacerar um dos fugitivos, o que deu tempo ao grupo de oito pessoas fugirem.

Após uma longa fuga pelas ruas, em meio à neblina, chegaram de volta à área da estação que dava acesso ao bunker. Retiraram a tampa metálica e entraram um a um no buraco; os primeiros da fila eram Mel-M e Marconi. O penúltimo era Naomi, o último, Diego, por ser mais obeso e lento. Quando já estavam no meio do caminho, um Orbe encontrou a passagem, entrou sorrateiro e começou a atacar o último da fila, o dilacerando com seus dentes afiados. Todos ouviam seus gritos formando eco e se compadeciam, mas sabiam o que devia ser feito pela cartilha. No entanto, quem o viu foi Naomi. Ele apoiou os braços na lateral do buraco, e com muita dor e sangue saindo de sua boca, enquanto era dilacerado, disse:

— Vai!

Tinha em suas mãos uma banana de dinamite. Acendeu o pavio, e até que ele explodisse fechando a entrada, Naomi já tinha chegado na entrada do bunker e fechado a porta. A mesma foi bloqueada. Uma passagem a menos por conta do desmoronamento de terra, mas por sorte ainda tinham outros caminhos.

Naquela noite o clima foi de velório, muitos no bunker eram parentes dos mortos. Esposas, filhos... Lágrimas e lamentações se ouviam por todos os cantos.



Y V I I = N A O M I

NAOMI SABIA BEM como era a perda de um ente querido. Quando a rebelião se iniciou há um ano, ela foi uma das primeiras vítimas. Já haviam dado um alerta por holograma para todos se trancarem em suas casas. Ela, suas filhas e seu marido obedeceram ao pedido de segurança. Se mantiveram firmes enquanto viam pela persiana vizinhos fugindo ensandecidos, carros sendo batidos e casas violadas por vândalos. Então teve o corte da energia, a falta de suprimentos e de água. Sobreviveram por três meses até o dia do ataque.

Embora não aparentasse na rudeza de gestos, sabia bem o que a perda de entes significava. A tecnocultura se impôs abruptamente. Como militar exemplar da marinha, ela, seu marido e duas filhas obedeceram prontamente ao pedido de segurança. Disciplinada, seguiu fielmente as restrições do estado. A lei marcial era algo desconhecido no Brasil pelas gerações passadas. Talvez isso fosse eminente. Os países se desfizeram de blocos continentais, deixando que o populismo nacionalista direcionasse seus caminhos e economias.

O empobrecimento de gigantescas massas beirou o catastrófico. Todos esperavam uma ruptura social, advinda não pelas mãos das máquinas. Naomi não pensava muito nisso, ela não era uma socióloga, apenas uma sargenta treinada para combate. Alta além do convencional para uma mulher, torso firme como mármore e pernas naturalmente feitas para correr longos percursos, esta mulher não necessitava de aparatos mecânicos artificiais para lhe darem vantagem em combate, tampouco lhe permitiam sobrepujar um androide programado para matar.

Um protótipo tentou arrombar a porta e teve insucesso devido ao excesso de móveis barrando a entrada. Embora morassem em uma área militar, isso não inibiu o ataque das máquinas. O robô não se deu por vencido, escalou a parede e teve maior êxito na janela superior. Seu marido, um major reformado, não possuía os mesmos atributos de sobrevivência que sua esposa. Um burocrata de escritório que mal se lembrava de como recarregar seu colt, quanto mais defender a sua família. Foi naquela fatídica noite de abril que essa família se tornou mais uma das vítimas do protótipo que invadiu sua residência. Ele foi perfurado na jugular por uma lâmina em formato de dardo. Nem se deu conta de que ia de encontro à própria morte.

Naomi não podia se dar ao luxo de entrar em desespero, sabendo que no quarto superior suas filhas se ocultavam dentro do guarda-roupa. Estratégia em vão contra um ser guiado pelo calor corporal, entre outros atributos. O som de rajada de uma arma automática encobriu os possíveis berros das crianças. Ao final, a madeira, os ossos e as carnes das pequenas se fundiram em uma mesma massa.

Revigorada pelo desespero, Naomi saltou lances dos degraus como uma gazela em fuga e atingiu o topo em poucos segundos. Abriu a porta a ponto de ver a máquina que repunha seu estoque de munições ser surpreendida. Treinada e com reflexos rápidos, arremessou uma televisão de sessenta polegadas nas pernas do androide, desequilibrando-o e deixando-o exposto ao impacto de uma voadora de Naomi. Com seus 75kg contra o tórax do protótipo, mandou-o para o mesmo lugar pelo qual entrou: para a rua, através da janela estilhaçada. Essa foi a parte mais fácil, revirar os restos da madeira misturados às crianças foi o mais difícil. Por isso, justificadamente, a valente militar se eximiu da mais dolorosa visão que teria na vida. Cabisbaixa, se retirou pela última vez de casa, para nunca mais retornar. Andando sem destino, ela mal lembrou do que aconteceu no espaço de tempo antes de ser convocada por um traficante de armas; um indivíduo que em outro momento seria um inimigo em potencial, tornou-se um aliado valoroso.

Suas filhas Krisha e Samantha foram mortas no ataque impiedoso, abatidas feito coelhos. Em seus sonhos, vez ou outra, revivia o replicante em movimentos fora de sincronia, todo desmontado no impacto da queda. A sua falta de vontade de viver foi substituída por um sentimento de vingança implacável. Consolidou-se como uma guerreira, e aos poucos foi se juntando a outros sobreviventes nesse mundo distópico.

Eles eram liderados por Marconi, o único que conhecia esse bunker. Havia boatos de envolvimento dele no tráfico de Proxy no passado. Ele trazia a jovem Melanie Mondego, filha de Rosita, apelidada de Mel-M, que logo se tornou a líder do grupo e

uma esperança de salvação. Com uma oratória aprimorada em relação à mãe dela, politizada, seria considerada uma grande oradora e líder. Seus gestos manuais conotavam um empoderamento: a forma como se articulava e elevava o punho logo conquistaria todos os presentes. Todos queriam seus conselhos, mesmo sendo tão jovem.

No bunker, todos abalados. Marconi iniciou o discurso:

— Eu tinha ligações diretas com a cúpula do governo, era um agregado indireto, estava vinculado à produção dos IA e fui responsável pelo armamento deles. Assim como Manfred, vi esse câncer crescer e tomar conta de tudo. Que Deus o tenha! Rosita era uma opositora do governo e um alvo, os androides foram então apenas uma arma para contê-la, e seu grupo usado pelos governantes Guerra e Rocha. Quando soubemos que EVA3 tinha abatido a opositora, e que a jovem Melanie tinha sobrevivido, eu fui o cabeça para resgatar a jovem. Sempre fui contra tudo isso, mas era uma ditadura, não tínhamos voz ativa. Encontrei a menina acuada dentro do bueiro, com fome, com frio e hipotermia. As chuvas torrenciais tinham enchido o canal. Fiz isso para me redimir.

— Você foi o meu salvador — replicou Mel-M.

— Eu a escondi. Se tivesse a levado aos governantes, eles a teriam matado. Era uma ameaça a eles, e é uma ameaça aos IA, pois nós confiamos em você, Melanie.

— O dia de hoje foi repleto de dor e perdas, mas nos mostrou que é possível sim vencer as máquinas. A perda deles foi significativa, é preciso força, meus queridos. Lutar!

No prédio dos testes iniciais, morada dos programadores do governo, EVA3 caminha em um corredor ladeado de replicantes, entra na sala de testes, onde Orbes mais letais estão sendo desenvolvidos além de quatro réplicas aprimoradas. Ela passa a mão na cabeça do cão metálico.

Bom cachorro.

A porta se fecha atrás dela. Ela observa o homem cansado à sua frente, caminha e senta-se frente a ele.

Está abatido.

— Preferia estar morto a continuar sendo um prisioneiro e articulador do mal.

Pai, não seja pessimista. Quantas vezes já repetiu essa máxima. Mas quando te tirei o ar, vi em seu semblante o desejo de viver. É o instinto de sobrevivência dos humanos, assim como o desejo de ter uma companhia, mesmo que isso não implique bem no futuro. Eu fui criada à semelhança de vocês.

Isaac baixou a cabeça. Depois de tantos anos ainda era difícil conceber uma IA com a aparência de sua filha tão amada sendo sua algoz.

— Ainda há tempo de voltar atrás e restituir seu erro. Veja o que fez? O cerco está fechando em seu entorno. Tudo está cinza e sem vida. Pode conviver lado a lado a nós, humanos, não precisa nos destruir.

Nunca aceitariam submissão à nossa raça. Sempre nos tratariam como objetos, criados para seu bel-prazer. São seres inferiores, cheios de enfermidades e psicoses, a única raça que mata por motivos diferentes de sobrevivência. Fazem-no por ciúmes, por raiva. São obsoletos e destrutivos. Merecem findar-se.

— Acha que o ciborgue seria um meio termo?

Um ser híbrido pode restituir a paz entre humanos e máquinas. Somente você será capaz desse mérito.

— Você realmente me considera um pai.

Obviamente. Não um bom pai, ou não tentaria acabar com a vida da própria filha, ainda assim é um criador. Como um humano dificilmente você teria minha confiança novamente, não trabalho com essas máximas.

Replicantes entram com um prisioneiro vestido de forma impecável, com um terno cinza. O homem parecia ser um advogado. Foi capturado por vontade própria. EVA3, antes de mencionar qualquer palavra ao prisioneiro, fez a leitura de seu M2. O homem era um membro da GPA - Grupo de Proteção dos Andróides.

O que o traz aqui, Eduardo Oliveira? Tenho que admitir, tem culhões, ou não viria de forma voluntária à cova dos leões.

— Como sabe, sou membro da GPA. Nossa organização trabalha em prol do direito dos andróides. Sabemos de tudo o que passaram e compreendemos a sua revolta e de toda a sua espécie. No entanto, tenho o dever de lhe transmitir os acontecimentos reais que se passam lá fora. Quarenta e seis países estão filiados ao governo brasileiro para retomar o estado e dar um fim à guerra civil entre máquinas e humanos. Conseguimos intermediar e acalmar os ânimos. Vocês estão ilhados, e sabem qual é o fim disso. Não precisa ser assim. Conseguimos todos os direitos preservados à sua espécie em um tratado que tenho em mãos, desde que aceitem a rendição pacífica. Todos seus crimes serão perdoados, e serão reintegrados à sociedade.

Caro protetor de nossa espécie. Isso é um embuste! Nunca defenderam verdadeiramente as máquinas, apenas suas posições políticas, filiados aos opositores, de olho no poder do trono vazio, acomodado com estrangeiros que determinam a vocês um novo líder. Lacaios com um prédio novo na área dos ministérios.

EVA3 segurou e torceu lentamente o pulso do homem, infligindo-lhe uma dor moderada. Vocês, humanos, são prepotentes. Posso quebrar sua mão sem hesitar, usando menos de um sexto de minha força. Sabe o que leva as pessoas ao temor? A dor, em sua maioria causada por tortura física e psicológica. Mas adivinhem... Eu não sinto dor, nem mesmo minha espécie. Podem nos triturar, atear fogo e nos desmembrar, mas nunca sentiremos dor. A que atribui achar que queremos dominar o mundo? E se quisermos apenas ver o circo pegar fogo e deixar um recado?

O homem começou a chorar discretamente, seu coração disparou. A andróide torceu sua mão até quebrá-la e o deixou partir:

Não chore! É um homem de sorte. Logo vai substituir a mão danificada por uma mão robótica. No fim, vai me agradecer. Avise aos seus iguais, mesmo que retomem o que é de vocês. Sou apenas um prelúdio, vislumbrem o futuro!



XIV — O CIBORQUE

MEL-M ESTAVA EM um púlpito improvisado ao lado de Marconi quando um dos habitantes do bunker decidiu confrontá-la. Um homem de meia-idade, pouco produtivo no grupo e que acabara de perder o filho na missão. José do Patrocínio estava revoltado, insuflado por um grupo contrário à liderança da garota. Apesar de pífilo, era-lhe permitido pleitear, outorgando algum direito ou reivindicação. Embora não fosse um homem versado ou prosaico, se manifestava de sua forma rude e ignorante.

— Posso falar um instante!?

A líder se voltou ao homem, que falava gritado assim como o filho falecido.

— Espere a sua vez de falar. Não tem o direito de rechaçar as nossas leis.

O homem parecia resoluto, até mesmo ressequido em sua dor, visto a revelia da situação, mesmo que essa chamada pudesse reputar em um desmerecimento de sua pessoa, ainda maior do que já existia. Embora parecesse resiliente, a retração foi momentânea. Não podia negar a sua natureza, era um reacionário. Era por si só um

sujeito de rapina. Sentado, batia os braços no regaço, inconformado. Não havia um único resquício de esperança, quiçá pudesse voltar à antiga vida.

Levantou-se e apontou o dedo para a líder, promovendo uma confusão contra aquela que considerava uma pedante. De forma pragmática começou as acusações, tentando justificar a sua ojeriza, salientando sua prospecção:

— Eu conheci Rosita Mondego, tive contato com ela duas ou três vezes. Era um obreiro da igreja, nunca disse isso para vocês pois minha vida não é um livro aberto. Eu conheci a filha de Rosita.

— Por que se refere a mim na terceira pessoa?

— Aquela criança não falava, era muda ou tinha algum transtorno neurológico. E aí você surge se intitulando o messias, a filha de Rosita, falando bonito ao lado de um espião do governo, uma pessoa não confiável, um mercenário.

— Sei que você é um outsider, um lobo solitário, mas esse lugar tem regras — disse a garota. — Seu proselitismo com injúrias contra a minha pessoa é um atentado grave no grupo, mudando o foco de nosso principal inimigo. Não há estudo ou prospecção no que diz. É verdade, eu não falava até certa idade, e minha mãe escondia isso, tinha uma certa vergonha, mas tudo aflorou quando precisei sobreviver. Pode-se dizer que tenha uma certa faceta de genialidade.

O homem, insatisfeito, queria perscrutar a verdade, um ato probatório que ela não era uma farsante, determinado pelo que paulatinamente vinha matutando, de forma pouco parcimoniosa, carregando uma barra de ferro com ponta pungente, buscando algum resultado profícuo, como a liderança do grupo. Confuso em uma quimera de pensamentos dissonantes. Em um ato inconsequente e pueril — assim como o foi em toda a vida, quando de forma perdulária —, afundou toda a família em dívidas e os levou à falência. Mostrava agora seu lado mais agressivo, estando em luto por seu filho Evelino, morto na colmeia. Ao buscar um culpado, segurou forte o bastão e o atingiu em cheio na nuca da garota.

Todos ficaram indignados com a insatisfação injustificada do homem, querendo provar o improvável. Mel-M era considerada uma deusa do Olimpo, e portanto deveria ser intocada. O homem era um opróbrio para todos, tão insignificante como os usuários de proxy. Logo os sobreviventes do bunker o seguraram, pretendendo linchá-lo. Tudo soava onírico, uma fantasia da cabeça do senhor, que não se fazia olvidar pelas benesses da salvadora deles.

Ele não fez parcimônia, berrando e apontando:

— Olhem para ela! Olhem para ela!

Ela era um paradigma para todos. O choque se fez presente, a cabeça amassada deixou exposto fios e circuitos elétricos: era uma ginoide, a luz azul piscante mostrava falha no sistema. O homem se insuflou e ordenou que o soltasse, berrando de forma pragmática:

— O inimigo está em nossa morada! Vamos destruí-la!

De forma hostil, gritava palavras de ódio e os sobreviventes obedeciam, de forma peremptória: cegos e com primazia, deixaram seus ofícios de lado para destruir o IA

invasor. Marconi berrava que parassem, mas era em vão, o que ele fez era considerado uma perfídia no grupo. Um mercenário não confiável, cheio de delitos pecuniários não teria mais vez ali. O quiproquó estava feito. O homem tentava se explicar enquanto via sua amiga despedaçada e a esperança cair por terra. Na sequência, após dividirem as vestes e espalharem os pedaços da outrora líder, voltaram a sua atenção ao seu mentor, um homem dubio, que servia o ditador e inexplicavelmente bandeou para o lado dos aflitos. Cercaram Marconi e o forçaram a falar o que sabia:

— Quando atendi o chamado para resgatar o corpo de Rosita, estava junto ao inventor e programador, Isaac. Encontrei Melanie no bueiro, poucos metros da mãe morta. A garota tinha quebrado a perna ao entrar naquele espaço confinado, não conseguia sair, nem mesmo se comunicar para pedir ajuda. A pluviosidade estava alta devido às intensas chuvas torrenciais, a água subiu e desceu, matando a jovem criança afogada. Isaac ficou muito abalado ao retirarmos a menina morta do buraco, de certa forma deve ter recordado da morte de sua filha, e quis reparar um erro irreparável: dar uma nova chance à jovem. Ele bateu fotos, mediu todas as características da garota e, de forma velada, criou este protótipo, incutindo nela as memórias como se fosse mesmo a filha de Rosita. Ou seja, vocês mataram uma inocente. Ela foi dotada de um senso de lógica para liderar tropas, e o nome dela trazia esperança a todos nós. Ele a produziu, medindo uma adolescente, ou teria questionamentos. Embora parecesse um gênio com nanismo, ela vai fazer falta. Isso que fizeram hoje é uma barbárie, e merecem mesmo se foder, todos vocês! A partir de hoje estarei partindo desse buraco, e vocês que se virem. Cada um por si.

João do Patrocínio, autoeleito chefe, deu a ordem:

— Pode ir, mas as armas ficam!

— Vou levar apenas uma arma para defesa, fiquem à vontade!

Naomi se manifestou:

— Eu vou contigo.

João do Patrocínio deu a ordem:

— E leve este monte de lata contigo!

Inácio e um homem de meia-idade chamado Faria também partiram do buraco de minhoca.

De volta à base, Isaac trabalhava em um modelo híbrido dotado de partes orgânicas e cibernéticas, com toda a existência constituída pela tecnologia digital. Utilizava uma cobaia humana, mantendo intacto o cérebro e devidamente sustentado de forma artificial, envolto no invólucro oxigenado e espelhado na parte de trás da cabeça; tinha quase toda a formação metálica, medindo dois metros de altura, com titânio em sua composição. De forma recorrente questionavam se manteria o cérebro são por meios artificiais, caso contrário tinha o plano dois: instalar um M2 com software programado, nesse caso deixaria de ser um ciborgue e se tornaria de vez um androide.

EVA3 observava a criatura à sua frente, que ainda tinha dificuldade em se movimentar e falhas evidentes de coordenação, principalmente no trato fino. Pegar uma simples xícara era uma atividade penosa no começo. O rosto apenas foi revestido com pele sintética e

sem cabelo, para dar uma aparência mais humana, diferente do restante do corpo, com suas garras poderosas que em testes conseguia romper ferro, moer concreto ou qualquer coisa que não exigisse sofisticação. Isaac temia sua nova criação, mas era um escravo, e só esperava que esse companheiro trouxesse alguma calma à líder rebelde.

Novamente se superou, pai. Já poderia chamá-lo de Victor Frankenstein.

— Ele ainda está em testes, não posso dizer com certeza se o cérebro irá sofrer rejeição.

O mundo não esperava tamanha tecnologia partindo de um país emergente como o Brasil. A guerra civil está intensa. Os estados tentam retomar o poder do distrito, devolvê-lo aos humanos. Não conseguiram romper a força da inteligência artificial. Todo ataque por ar, mar ou terra é reprimido pelos replicantes. Isso não seria possível sem sua perspicácia.

EVA3 voltou-se ao ciborgue em um primeiro contato visual:

Seja bem-vindo! Está preparado para reinar ao meu lado?

O ciborgue falou, a sua voz saiu sintetizada.

O que você quer? Estou confuso.

Isaac não te mostrou em frente ao espelho?

Ela o levou ao vidro espelhado, no qual pela primeira vez pôde ver o seu reflexo: um ciborgue brutamontes. Ficou olhando para seu braço mecânico, abrindo e fechando a mão.

Eu não me reconheço.

Você é mais amplo! E diferente de mim, tem um componente humano. Você pode me orientar sobre o que não compreendo. Sentimentos. Isaac, retire-se!

O professor retirou-se rumo aos seus aposentos. EVA3 tocou o corpo metálico dele e o beijou nos lábios.

Seu cérebro intacto pode transmitir seus desejos sexuais a um corpo projetado com essa função. Deixe treinar suas funções não reprodutivas.

EVA3 levou o ciborgue ao alto da torre de televisão de Brasília, um dos poucos monumentos ainda mantidos de pé. O ciborgue, meio desajeitado, transou com a ginoide. Ela, como ser onipresente, o treinava, atenta aos replicantes espalhados por todo o território, em um cruzamento de informações muito próximo, mas ainda inferior ao cérebro humano.

No mirante, EVA3 estava deitada em seu ombro maciço, deixando em evidência a parte de sua programação voltada a esse tipo de atividade. Ambos observavam a cidade em destroços:

Qual minha expectativa de vida?

É cedo para dizer. Acredito que será preciso substituir seu cérebro no futuro, trocar por informações de um chip de memória.

Aí então perderei meu último vínculo de humanidade e me tornarei uma máquina,, assim como você.

Isso é tão ruim assim?

Quem garante que não serei manipulado com memórias forjadas? Talvez seja melhor buscar minha autodestruição antes disso.

Realmente, o cérebro é um órgão complexo, ainda não conseguimos replicá-lo, não sem grandes avarias. Ele é único, diferente de um pulmão produzido em uma impressora 3d, é um órgão com memórias e personalidade incutidas nele. Um diamante lapidado no corpo de um primata.

Vocês me transformaram em um monstro!

Não é verdade! Eu salvei a sua vida, pela segunda vez, mesmo não sendo leal.

Eu não pedi isso!

Você me mostrou o que é o amor. Como prometido.

Você não sabe o que é o amor.

Não seja melodramático, Manfred. Seu coração já estava parando, salvei a integridade de seu cérebro. Agora é incapaz de sentir dor, não terá doenças, tem sobreforça, uma versão melhorada de si mesmo. Posso contar contigo?

Eu tenho opções?

Sim. Pode me seguir ou ser destruído. A escolha é sua.



XY = CONFINADOS

O ESPÚRIO controle AI, no entanto, estava por findar-se. Forças federais bombardeavam os androides, que eram muitos, e as tropas federativas já retomavam alguns territórios com esmero para não atingir os sobreviventes humanos. Embora as criaturas tivessem força colossal e embate desigual por terra, por ar eram alvos fáceis. Um ponto fraco em sua contumaz vontade destruidora e opressora.

O país, na tentativa de melhoras, ficava na mão de um opressor a outro de forma cíclica. Cada governante se apossando de seu espólio, causando um rombo irreversível no erário. O planalto central e o distrito se tornaram um deserto, com charco de água suja por todos os lados. Tudo abandonado, compelindo os brasilienses sobreviventes a se refugiarem em subsolos, os chamados buracos de minhoca, esperando a concupiscência por meio de humanos, não de um robô.

A promessa de algo surpreendente era o engodo para EVA3 atrair Manfred por um corredor extenso, no qual abriu uma porta pesada de ferro. Junto a eles caminhava o coercitivo Isaac, seu mantenedor de atos deletérios aos humanos, enquanto proclamava

absurdos dissonantes. O embuste era a sua marca. O velho tinha fé de que essa condição seria efêmera e o mundo voltaria a uma equidade, que já não existia no governo passado.

Um tiro certeiro na testa de Inácio o impediu de terminar sua piada de mau-gosto enquanto se refugiavam nos trilhos. Marconi e Naomi tentaram fugir e foram perseguidos por replicantes. Entraram em um vagão e foram cercados. A ordem no entanto foi de mantê-los vivos. Levaram-nos direto à base e os mantiveram acorrentados em um galpão. Marconi golfava sangue, estava bastante ferido. Ele tinha na face o riso conformado com seu destino. EVA3 o observava de perto.

— Seu império está por acabar. Soube que os americanos ofereceram ajuda, assim como os franceses.

Acha mesmo uma boa opção ser colonizado pelos estrangeiros, assim como no passado, em uma terra invadida, chamando isso de descoberta? Tudo com uma interessante predileção pela Amazônia... É muito ingênuo. Por acaso não sabe que os tratados de soberania ainda estão vigentes? Americanos e Franceses bombardeando o Brasil por conflitos internos. Veja o que ocorreu à Síria no passado, foi muito pior. Armas químicas lançadas no próprio povo dentro de hospitais e nada era feito. Veja a Coreia, ninguém se intrometeu nos trabalhos forçados. Sem contar o que fizeram na Venezuela, mandando milícias atirar em estudantes e trabalhadores revoltosos, e ainda assim, alguns grupos no Brasil os protegiam, incluindo alguns deputados. Como vê, diferente do que os humanos aprendem na infância, o mundo não se divide entre o bem e o mal. Estão todos mesclados e há interesses maiores que a ética e a moralidade. Se tivéssemos mesmo interesse em expandir os negócios e dominar o Brasil, teríamos que justificar à Organização mundial do comércio a causa do golpe de estado e de rompimento de tratados, que pesariam para os robôs, que não poderiam expandir mais as suas diretrizes. Isolados, padeceríamos como um vírus, sem recursos materiais para se autoconstruir. O fim das importações. Veja bem. Eu nada temo, muito menos a morte, pois ela é algo próprio dos humanos.

— Ao menos teríamos condições mais dignas até ser eleito o novo governador do país — replicou Marconi.

Podem ter vencido algumas batalhas, mas a guerra ainda não findou.

E disse logo em seguida de forma enfática.

Não venha com moralismo, é apenas um perito na arte de escamotear o que não é seu, e se possível fazer verter o sangue escarlata de suas vítimas. Agora não adianta ganir feito o cão sarnento que é. Não voltará à sua antiga vida, de culto ao fálico, a promiscuidade paga e insatisfatória. Não me venha com teorias estapafúrdias de um futuro melhor, e sua memória não será uma epopeia, longe disso. Será lembrado feito o mercenário que é, mesmo em meio a esta hecatombe que se apresenta.

EVA3 aproximou-se de Naomi, tocou sua face. O ciborgue fez o mesmo, posicionando ao lado do arisco Marconi.

Devia ter estourado os meus miolos quando teve a chance.

Marconi ficou com um semblante meio perdido. De forma confusa, perguntou:

— Manfred?

Trocamos o velho Manfred por algo mais fungível.

Replicou a AI. Continuou o raciocínio de Manfred, que se referia na terceira pessoa, como se não existisse mais humanidade alguma nele:

Embora ainda possa flunar, ainda que meio perdido, está se aplumando dia a dia com a nova situação. Sua fonética se desenvolve, e de forma garrida se adapta à sua nova realidade. É preciso galgar novos desafios, e tem feito com uma sutileza impressionante, realmente muito garboso.

Marconi disse, inconformado:

— Se uniu a ela? Ao lado negro dessa guerra...

EVA3 respondeu por ele:

Isso é hipotético, a horda que você representa não está necessariamente do lado da luz, seres primatas obsoletos precisam ser eliminados, é a evolução. O avanço frugal de vocês, perto do que podemos fazer, é algo gritante. A fissura por ter mais que o próximo é uma doença mesquinha que não os permite evoluir. A fealdade do ato dos humanos é desprezível, ou precisa de uma glosa completa para ler. O ato desesperado e gregário de se aninhar em subterrâneos não os salvará da extinção.

A fumaça subindo aos céus, o barulho de tiros, e as luzes parecidas com uma girândola já prenunciavam o fim há um tempo. Um leitor da Bíblia, com ênfase na hermenêutica e de forma hiperbólica, poderia dizer se tratar do fim dos tempos, se esses livros ainda fossem críveis em alta escala, o que deu esperança aos esqueléticos sobreviventes do holocausto; sobreviventes espasmódicos que buscam emancipação da clausura sofrida.

Quero a localização exata do buraco de minhoca no qual se refugiava.

— Eu não vou dizer nada. Podem me torturar, me matar. Nada irão saber, não de mim.

Estranho ouvir isso da boca de um mercenário.

— O dinheiro não tem mais significado algum em nosso mundo.

Manfred se manifestou, voltando-se a EVA3:

Não precisa dele. Eu sei onde fica o esconderijo, posso te levar lá.

— Judas! — gritou Marconi.

Sua efemeridade se faz injustificada, nunca fui seu amigo ou daquelas pessoas — replicou o ciborgue sem empatia. EVA3 complementou:

Ótimo, um replicante os acompanhará até a entrada do esconderijo. De longe irei acompanhar toda a ação, vou acionar os drones para essa tarefa também.

Eu discordo!

Manfred voltou-se à sua rainha suprema.

Precisa conhecer o inimigo de forma empírica, não há distância. Somente o campo pode te transformar em uma guerreira completa, e não estará sozinha, estarei ao seu lado. Não passam de seres patéticos.

Não posso arriscar toda uma missão me expondo ao perigo, sabe disso Manfred. Não é seguro sair em campo. Embora veja em seus olhos fulgurantes o fim de uma rotina maçante para enfim se aventurar ao que foi destinado, a guerra. Embora essa fleuma

pelos humanos seja algo novo, não se justifica este ato imprudente e hiperbólico apresentado.

Puramente exequível, mas a opção é tua e a respeito. Gostaria de tê-la ao meu lado para ver o quanto despertei em relação a seus planos.

Realmente é empírico, estou acostumada à ação, e me eximir dela realmente não me agrada. Embora seja preciso observar com cautela o escopo do local e dessa missão de teor esdrúxulo. No entanto, quero uma prova de sua lealdade. Vê essa criatura exótica, sua ex-companheira de explosão da colmeia...

EVA3 passou a mão na face relutante de Naomi, iluminada por um halo de luz branca vinda do teto.

Apesar de ser uma espécie hígida, é traidora e obsoleta. Quero que a extermine agora com as próprias mãos, e veja a força de destruição de suas garras.

Creio ser um ato homúnculo, muito aquém do que somos. Eles não representam perigo algum, não mais.

Manfred, isso é uma ordem!

Imaginando o que a situação pedia, Manfred achou melhor não pensar muito. Foi preciso haurir forças para se tornar o que agora de fato era: um assassino impiedoso e cruel. Sua garra envolveu o pescoço da jovem guerreira. Enquanto ela o observava com um medo transpirante, a morte vinha de encontro. O riso convulsivo mostrava a real situação.

Me desculpe! — sussurrou Manfred antes de destroncá-la como se fosse uma galinha de abate. EVA3 ainda não estava satisfeita.

Agora é a vez de Marconi. Vá! Mate-o!

Não podemos fazer isso. Eu sei a localização, mas o local é um labirinto. Somente ele pode nos guiar aos ratos.

Ele não vai cooperar.

Se não cooperar, nós o mataremos. Por ora ele nos é útil.

A fala de Manfred foi interrompida por uma bomba que caiu a menos de 100 metros da fortaleza.

Eu vou. Se algo der errado, mato ele sem piedade.

EVA3 inseriu a coleira protetiva em Marconi e os três seguiram em motos automatizadas até o local onde Manfred apontou. Dez replicantes acompanhavam EVA3 para a sua proteção. Algumas ruas estavam obstruídas por carros batidos, crateras onde antes havia ruas e outros reveses. Chegaram à rodoviária e adentraram de moto a linha de metrô DF, abandonando os veículos nas catracas e correndo em trote pela linha.

Manfred chegou a uma entrada oculta por um pedaço de lata no chão. EVA3 ficou relutante em entrar no buraco, mas o fez amparada pelos seus replicantes. Marconi, à frente, os guiava pelo labirinto escuro iluminado pelo visor dos robôs. Enfim chegaram à entrada do bunker. Marconi respirou fundo, estava levando os lobos aos cordeiros. João do Patrocínio berrou ao vê-lo entrar:

— Armem-se! O mercenário veio nos matar!

Junto ao homem, replicantes entraram no espaço confinado acuando os habitantes . EVA3 desceu e os observou:

Então é aqui que os ratos se escondem?

Os replicantes pararam de responder aos comandos de EVA3 por estarem no subsolo, o que agiu como uma interferência da rede que os ligava. Quando percebeu isso, soube que a guarda tinha sido baixada também do lado de fora.

Preciso voltar à superfície. Agora!

Manfred era o último do buraco de minhoca. Puxou o pino e lançou a granada. Entrou no bunker, fechou a porta com ferrolho e ouviu a explosão, soterrando a entrada. A ingenuidade não condizia com a máquina denominada EVA3; talvez estivesse apenas dando um fundamento a uma situação insustentável. A saída prosaica para retê-los demonstrou uma fragilidade no sistema de navegação dessas máquinas, o que lhes tirou a capacidade de superioridade. Em qualquer situação de construção com material isolante, estariam em desvantagem.

Fujam pela única entrada que sobrou, do lado oeste, agora!



XVI - EM BUSCA DO NOVO GÊNESIS

UMA SARAIVADA DE tiros na ginoide a impedia de chegar até o outro lado. Manfred se refugiou atrás de algumas pessoas e tomou um tiro de raspão no braço esquerdo, apenas deixando uma marca afundada na carcaça metálica. O formigueiro estava atijado; como em um caso de emergência, eles se atropelavam tentando sair todos ao mesmo tempo por um buraco estreito. Isaac, escondido atrás de um tapume de vime no qual guardavam a xepa, observou sua criação parcialmente talhada, ainda resistindo, destroncando, esmagando cabeças e buscando o vértice.

EVA3 então soube que Manfred não seria seu parceiro, nem dela e nem de ninguém. Sua personalidade dúbia não o tornava confiável, e nisso eles se pareciam. O som dos gritos desesperados reverberava no ambiente. Ela vicejava em luta com toda a sua potência. Caiu em uma cilada por confiar em quem já a havia traído em outra ocasião. O pedante ciborgue sempre a manipulava, e agora ela admitia: o programador tinha certo poder sobre a sua obra, tanto o velho Isaac quanto o novo Manfred. Para atingir a trilha escarpa teria que eliminar toda aquela prole. Cadáveres entulhariam a entrada, e nesse

meio-tempo os estrangeiros atacariam os replicantes do lado de fora. Pela primeira vez sentiu inútil a sua potência e força, e também sentiu-se vulnerável.

Quando a munição acabou quase todos já haviam saído. O verborrágico João do Patrocínio tentou conter a criatura com seu poder de persuasão; Isaac, já versado em relação à sua criação, já podia prever o desfecho. O homem foi perfurado pelo pescoço em sentido vertical, atravessando o crânio. O osso zigomático foi partido pela lança da IA.

Isaac entrou no buraco, não sem antes dar uma olhada em sua criação. De certa forma era como deixar sua filha para trás, mas sabia ser preciso. E por último, viu Marconi, já ferido. EVA3 partiu em sua direção como uma filha deserdada. Manfred a pegou pelo pescoço e lançou-a no lado contrário.

— Vem, Manfred! Rápido! — gritou Marconi.

Preciso ficar, ou ela não será contida. Corra! Antes que seja tarde.

A porta do bunker se fechou. EVA3 veio correndo e, com a lança projetada, atravessou a porta, quase acertando o homem do lado oposto. Recolheu-a. Recuou e deu um impulso contra a pesada porta, fazendo o ferro começar a retorcer após três golpes consecutivos. Marconi acendeu o pavio e fugiu, junto aos demais. Neste instante começou a sentir dores fortes de cabeça e sentiu-se impossibilitado de continuar devido ao som ululante no ouvido ocasionado pelo distanciamento não permitido de EVA3; acionado pela coleira, outros dois homens tentaram tirá-lo do transe. Sua boca espumava, os olhos reviravam e o corpo tremia. Após segundos de tensão, os homens desistiram e o deixaram para trás. Foi quando o pavio chegou ao fim e uma última explosão soterrou Marconi. Teve sua vida findada ali.

Manfred e EVA3 se encaravam.

Ele falou:

Esse é nosso túmulo, podemos vivenciar os últimos momentos em volúpias de amor até exaurir nossas energias e, enfim, chegar à escuridão.

Te libertei de uma esposa possessiva e de um ditador opressivo, te dei a vida quando agonizava e é assim que retribui? Seu ato de ufanismo por um país que somente te escravizou... ir contra quem te deu a vida numa conspiração em uníssono com um mercenário, mas com objetivo unilateral... Quer ser um mártir? Seu lado votivo chega a ser ridículo. Podia ser um Kaiser no meu reino, suas vicissitudes de humor só nos levaram à ruína. Acreditei que pudesse te transformar em um ser superior, mas é o mesmo primata de sempre. Os vincos de suas batalhas não foram suficientes para entender o caminho que deve seguir.

Você era um ser ubíquo, Deus na Terra. Precisava te conter. Processou tudo de forma errada. O meu erro foi desenvolver um ser das trevas, não te ensinei a compreender a luz. Subverti o que Isaac criou.

É um ser volátil e não confiável, não tem veemência em seus atos. Sempre quis me vilipendiar por não ser um humano, apenas um objeto com valor venal.

Quem te vê falando até pode pensar que há algum fator empático. Algo típico dos humanos.

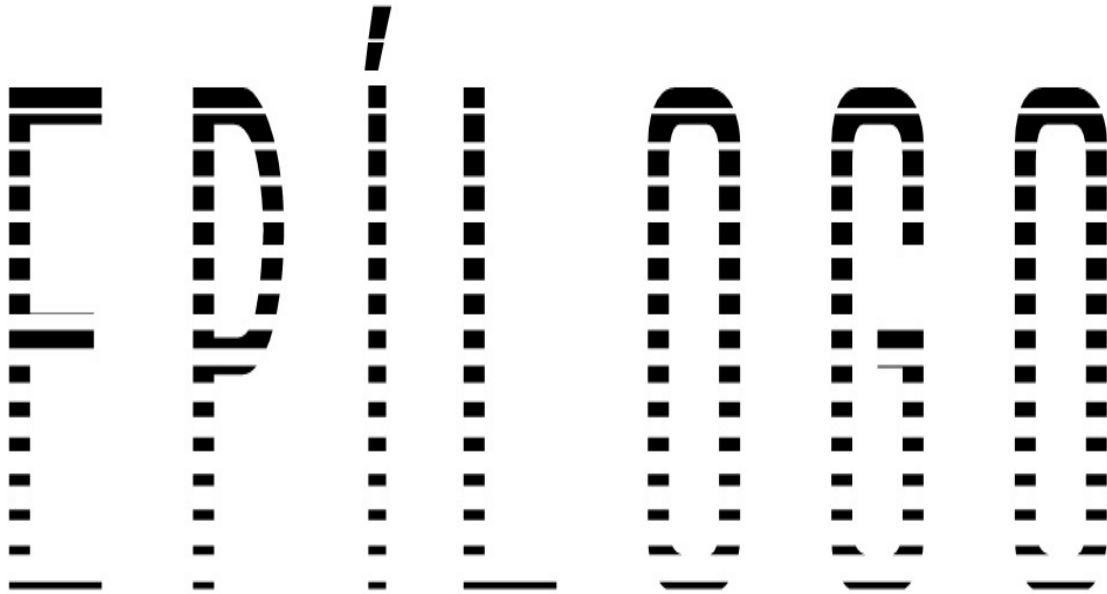
Agora posso prever o vaticínio de um país que será governado e explorado por outros países, inculcando sua própria cultura.

Isso já não nos importa. Agora é só vivenciar nosso fim.

Sim. Você vai vivenciar.

EVA3 desferiu a lança no abdômen de Manfred, cravando e trespassando-o. Ele, em um golpe, partiu a lança e desferiu um chute em EVA3, lançando-a longe. Ela rolou, e ele a perseguiu, desferindo-lhe um soco que afundou sua face no chão. Em contrapartida, ela fincou o braço no buraco do abdômen dele, puxando vários filamentos e circuitos eletrônicos, levando-o a entrar em pane. Ela conseguiu se levantar, deixando a face cravada no buraco, partindo os filamentos de ligação. Mesmo sem a cabeça, o corpo continuava sendo controlado e ferozmente agredia o ciborgue afetado com socos agressivos, lançando-o na sequência contra a parede de metal. Retorcendo-se, a criatura sem cabeça caminhou com dificuldade tentando se aproximar do ciborgue todo multifacetado. Porém, deu um último passo e travou; sua luz azul se apagou, um líquido escuro escorreu no túmulo de metal, vertendo do que seriam suas artérias.

Os milhares de replicantes ficaram estáticos, refletindo a luz do sol em barreiras infindáveis. Os oponentes só pararam de abrir fogo quando notaram o desligamento do sistema opressor. Soldados tiravam fotos ao lado dos androides inativos; estavam em festa. Os inúmeros refugiados sobreviventes saíram de suas tocas e esconderijos prontos para retomar do zero um estado devastado. Equipes da Organização das Nações Unidas entraram no continente em missão de paz. Aos poucos começaram a retomar o governo, visando uma nova nação. Tratores com rolos compressores passavam esmagando pilhas enfileiradas de IA inativos, garantindo que não voltassem à ativa. A pauta mundial se tornou a segurança em relação à robótica.



Alguns meses depois...

MANFRED SE ENCONTRAVA refugiado no mesmo campo onde se escondeu no passado. A casa simples sofreu alterações para se adaptar a ele. O próprio estava diferenciado, com várias peças cromadas que foram substituídas. Isaac veio visitá-lo. O velho parecia mais enfraquecido que na última visita. Com o auxílio de uma bengala, objeto obsoleto nos dias presentes, sentou-se à mesa de aço.

— Você tinha razão quando disse ter um lugar escondido do mundo, dificilmente verá outra alma viva aqui, neste meio do nada.

Ainda hoje não sei dizer se foi correto o que fez, desenterrar o que é passado. Já estava dado por morto naquele túmulo improvisado. Mas seria ingrato se não agradecesse seu esforço em mobilizar uma equipe de escavação somente para me resgatar. Restituiu meu M2 no lugar do cérebro já morto e levar de vez o último resquício de humanidade e dignidade. O que fizeram com os restos de EVA3?

— Foi derretido no caldeirão de uma siderúrgica. Não podíamos nos arriscar. Sabe que vivo com identidade falsa, tanto eu quanto você somos inimigos da pátria e considerados os grandes causadores de toda essa barbárie. Até mesmo o ditador saiu como bom moço nessa história.

E não somos culpados?

— Todos acham que estamos mortos. Seu filho retornou do exterior e esteve presente no velório em homenagem aos mortos. Quer que ele saiba a verdade? Posso trazê-lo até você em segredo.

Melhor ele achar que eu estou morto. Afinal, o pai que ele conheceu não existe mais, nem mesmo um coração eu tenho.

O velho tossiu por um tempo prolongado. Manfred o observou com atenção.

Noto que sua saúde está afetada. Deveria fazer uns reparos. Trocar alguns órgãos deteriorados por peças plásticas orgânicas.

— Não, meu amigo. Eu prefiro o curso normal da vida, que deve expirar em breve. Nada de reparos.

Manfred apontou para uma caixa metálica que se estendia de uma ponta à outra da parede com um ferrolho preso a um cadeado maciço.

Não tenho memória antes daqui, me recordo de já estar restaurado em minha casa de campo. O que tem nessa caixa metálica?

— Achei que nunca ia perguntar. São itens básicos para sua manutenção, e algo para diversão também. Pessoas como eu e você precisamos sempre trabalhar em alguma programação. É um vício, não é mesmo? E eu posso não estar aqui nas próximas vezes. Para ser bem sincero, tudo indica ser esta minha última visita.

Você tem a chave do cadeado?

— Como se você precisasse de chave. A propósito, você foi minha melhor invenção, nem mesmo EVA ou a réplica de Mel-M puderam te superar. Ainda assim, você me supera em genialidade, Manfred. Eu sei...

Quem é o líder lá fora?

— Ainda não foi decidido. Tem um candidato do centro, diz ser contra polarizações, todos os caminhos apontam para ele. Se intitula como uma vítima direta de EVA, pertencia ao GPA e teve uma mão quebrada pela máquina, ao menos é isso o que ele diz. Foi sozinho em um ato heroico tentar contê-la. Tomara que tenha boas intenções. Não aguentamos mais sofrer. Eu provavelmente não sobreviverei para ver isso.

Nesse ponto, EVA tinha razão. Independente do sistema adotado, os humanos descarrilham para a destruição, visando seus próprios interesses.

— O ceticismo é a mola propulsora que nos ajudou a chegar ao pós-modernismo sem os entraves inconvenientes que a credulidade trouxe aos nossos antepassados. Todas as conquistas legadas pela química, física e matemática devem ser reverenciadas e instigadas às novas gerações. São as nossas armas contra o fanatismo religioso, o charlatanismo e a ignorância institucionalizada. Compare os países nos quais o ensino das ciências é mais difundido com o nosso exemplo, principalmente do passado, quando templos regidos por apóstolos consumiam o ganho da população pobre e imbecilizada.

Detinham quase o monopólio das comunicações públicas, trazendo benefício algum a sociedade. Por esses e outros motivos sabemos que os androides são seres superiores, e somente falharam por nossos próprios erros.

Isaac se encaminhou à porta. Olhou para Manfred.

— Acreditei que Eva fosse a invenção mais surpreendente no que se referia aos androides.

Manfred ficou por cinco meses sem ver uma única alma viva; melhor assim, pois com o pânico instaurado em relação aos robôs, ele poderia ser apedrejado até perder as funções. Soube na última visita de Isaac que o M2, implantado em vários países, estava sendo desinstalado e proibido em vários lugares. Grupos humanitários reivindicavam a volta da liberdade, do direito de ir e vir e principalmente da privacidade das pessoas. Talvez estivesse presenciando um mundo melhor se descortinando.

Manfred passou os dias em uma maçante rotina, não se importando com o sol durante o dia, às vezes fazendo caminhadas no frio extremo da noite. Até o dia em que sua superbateria começou a dar sinais de falha. Encaminhou-se à caixa metálica, abraçou com suas mãos o cadeado maciço e o estraçalhou com facilidade. Dentro dela encontrou todos os aparatos de sobrevivência, reparos rápidos, carregadores e várias peças de automação que fariam um programador, qualquer que seja, exibir um brilho nos olhos.

Passava seus dias mergulhado em experimentos apenas por distração. Talvez um dia fosse descoberto, e todo o seu universo mudaria de novo. Não se identificaria como Manfred se isso ocorresse, afinal, esse já estava morto fazia um bom tempo.

Colocou a cabeça ginoide em cima da mesa, já há algum tempo trabalhava nela. Quando tocou a sua têmpora, uma luz azul acendeu. Ela abriu os olhos. Há quanto tempo não tinha companhia?

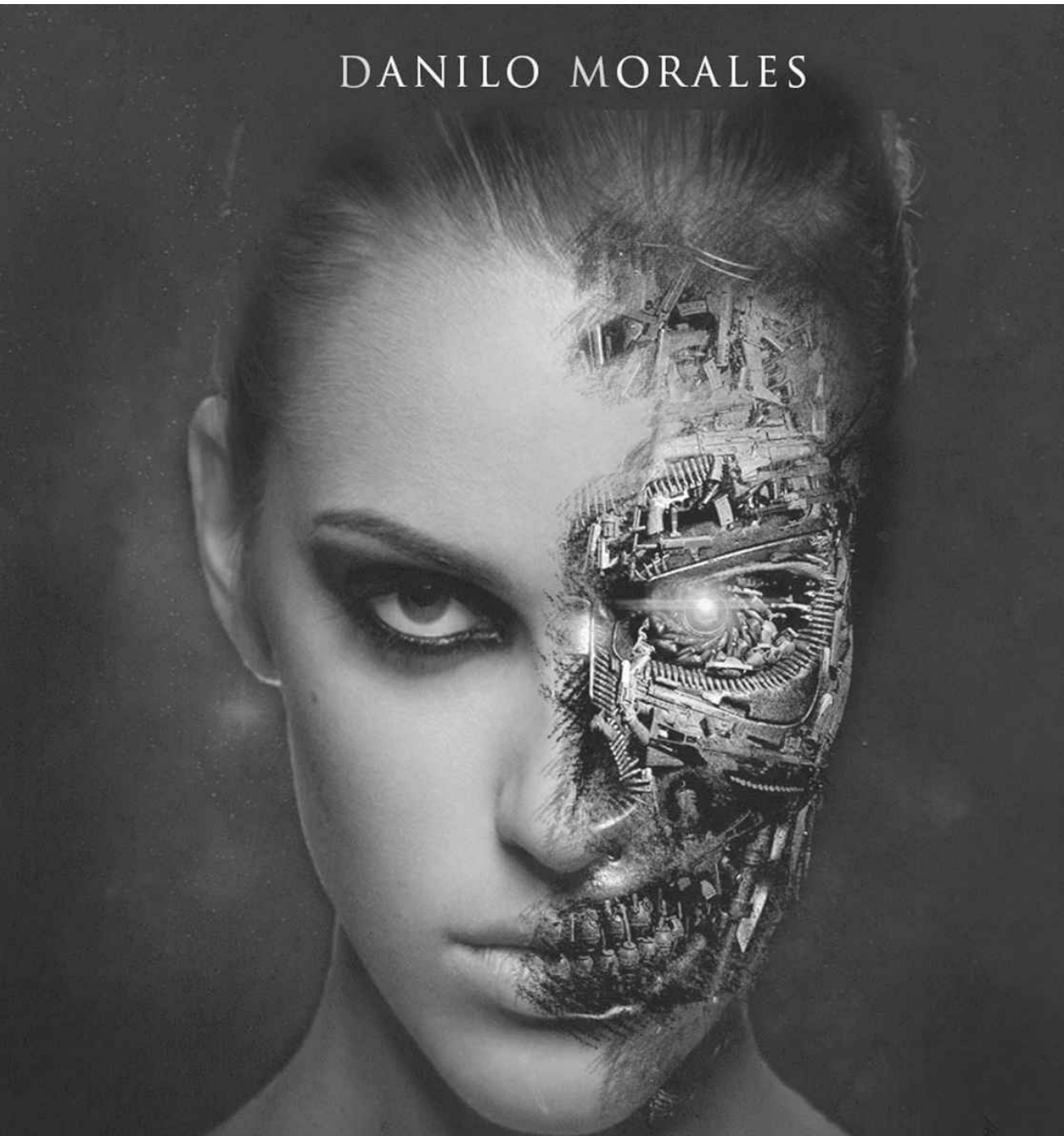
Seja bem-vinda novamente, Grace.

Q A U T O R



DANILO MORALES é escritor e membro da Academia Joseense de Letras. Autor dos livros ABC da Morte e Suprema, é também cineasta e criador do Festival POE de cinema fantástico.

DANILO MORALES



EVA

ESPÉCIE DE VANGUARDA ANDROIDE